5561 • MAIO 1991 • ANO 07 • N.º 05 • EDIÇÃO 70 Cr$ 550,00

RIZE

HARD ROCK BRASIL

X-RATED
KAMIKAZE
GOLPE DE ESTADO

LONDRES-EXCLUSIVO

SOUP DRAGONS

A "BANDINHA INDEPENDENTE" QUE CONQUISTOU O PLANETA

HAPPY MONDAYS

A DEMÊNCIA RECOMPENSA

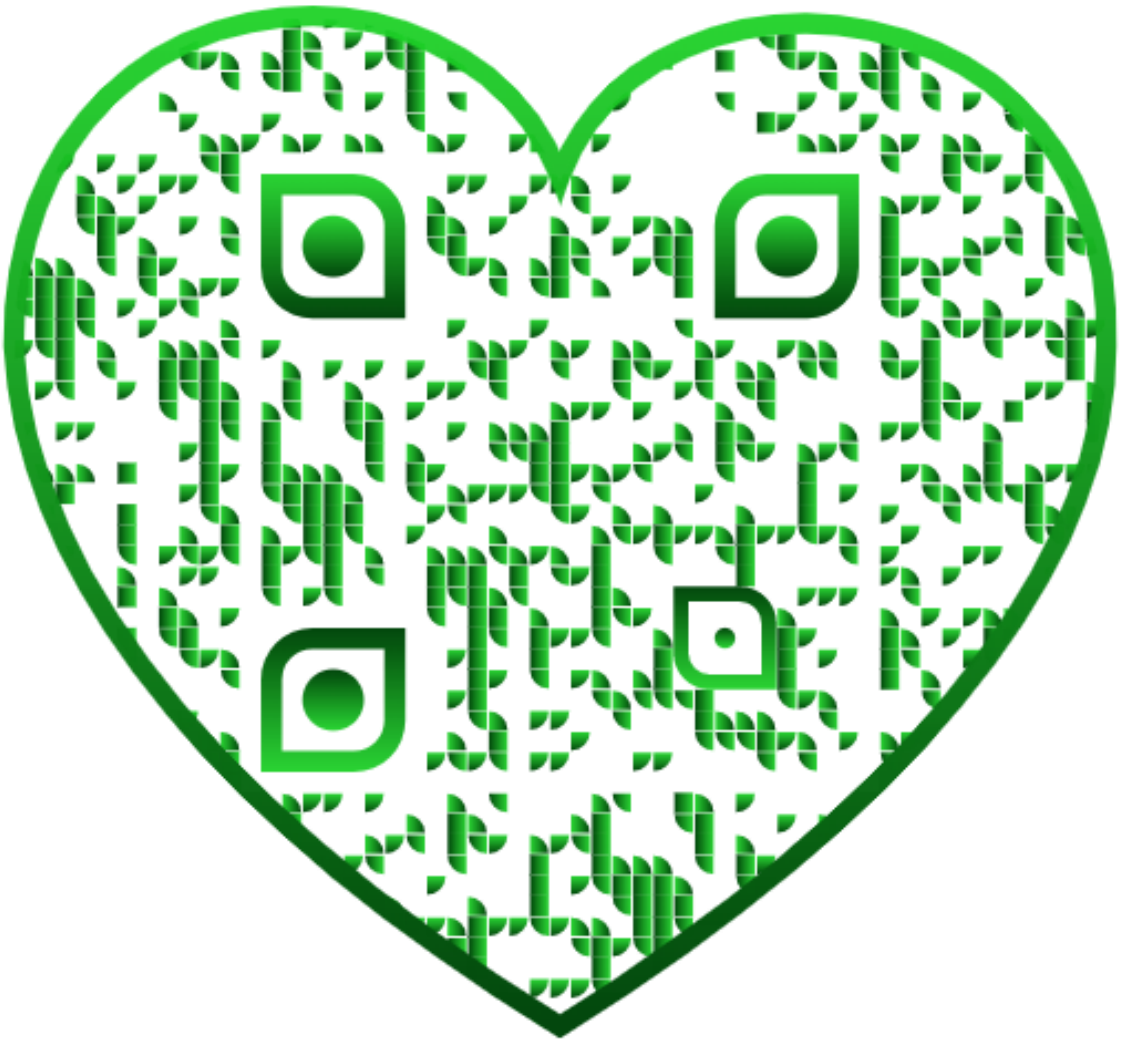
... E PARA DANÇAR?

C+C MUSIC FACTORY
808 STATE • SOHO

MC HAMMER X VANILLA ICE

A DISPUTA PELA COROA
DO RAP MULTIMILIONÁRIO

REGGAE • PAUL SIMON • BLACK SABBATH



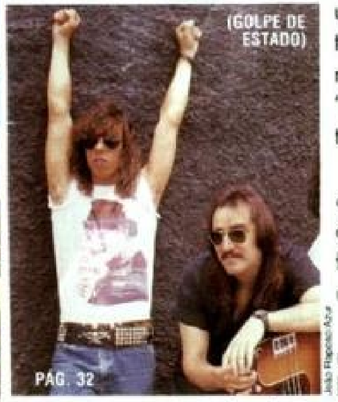
LOVE GOD atravessou o Atlântico e trouxe o som irresistível do SOUP DRAGONS para o Brasil.

Se você também é livre para fazer o que quer, o disco do SOUP DRAGONS vai fazer a sua cabeça.

Lançamento PolyGram

Um gordo escroto com pinta e paetês de Elvis Presley decadente, à frente de uma banda reggae que toca versões do Led Zeppelin. E essa bizarria toda se transforma em uma das sensações do rock mundial — é ou não é o caso da gente se perguntar: mas para onde é que isso vai?!

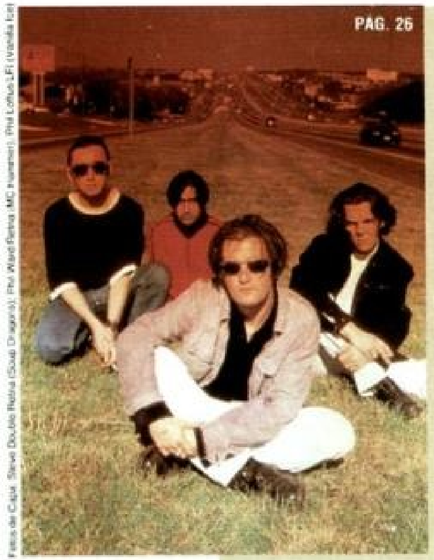
A nossa capa, em parte, responde. O irresistível ascenso às paradas das despretensiosas bandas britânicas de *indie dance* — leia-se Soup Dragons e Happy Mondays — é um sintoma. Outro sintoma é a transformação de uma das mais radicais linguagens musicais do gueto negro norte-americano em uma trilionária fórmula de sucesso. O lance é o rap e o hip hop, e os "transformistas" são MC Hammer e Vanilla Ice, este último, ainda por cima, um branquelo aguado...



João Raposo Azul

Para onde é que isso vai? Já te digo: *para todos os lugares, e ao mesmo tempo*. E note, leitor, isso é BOM, e não mau. Porque no meio de toda confusão e oportunismo sempre surgem, aqui e ali, uns lampejos de verdadeiro gênio.

Portanto, nosso menu reúne todos os sabores possíveis entre pop e rock. Golpe de Estado com Kamikaze e X-Rated. 808 State com Soho e C+C. Prefab Sprout com Paul Simon e Roxette. Margareth Menezes com Black Uhuru e Wailers. Vai aí? (Em tempo: o grupo do gordo escroto é o Dread Zeppelin, e os caras são *mesmo* o máximo.)



Fotos de Capa: Steve Double Retina (Soup Dragons), Phi Klapf/Retina, MC Hammer), Phil Loftus (LFI (Vanilla Ice)

Dave Hedges (LFI)

6 **SHOWBIZZ** — O novo contrato de Michael Jackson
12 **FAST FORWARD** — 808 State, C + C Music Factory
26 **SOUP DRAGONS** — Sean Dickson, o anonimato e a fama
32 **HARD ROCK BRASIL** — Golpe De Estado, X-Rated, Kamikaze
42 **VANILLA X HAMMER** — As fichas completas dos reis do rap
47 **JUKEBOX** — The Fleetwoods
48 **DANCE MUSIC** — Candi Staton, Stevie V, Enigma
50 **CONEXÃO BRASIL** — Edinaldo Queiroz, El Paso, N.S.U.
52 **AO VIVO** — Coke Reggae Time, Paul Simon
57 **DISCOS** — Led Zeppelin, Madonna, Slayer
66 **LETRA** — "Dead Embryonic Cells", Sepultura
68 **PARADA** — Liderança absoluta do Faith No More
70 **CARTAS** — A Bizz morreu?
74 **DISCOTECA BÁSICA** — *Black Sabbath* (1970)

INDIE

A/V MULTI-DISC-PLAYER • A/V MULTI-DISC-PLAYER • A/V MULTI-DISC-PLAYER •

SHOWBIZZ

Sony

O NEGÓCIO DA CHINA DE MICHAEL

A renovação de **Michael Jackson** com a Sony ficará para a história como o contrato mais caro já realizado entre uma empresa e um astro pop. Em troca de seis álbuns para a Sony Michael receberá uma garantia de trinta milhões de dólares (cinco por disco), mais quatro milhões de luvas — além de ganhar, um milhão de dólares, anualmente, para dirigir o selo Nation Records, dentro do qual ele lançará discos de estreantes e veteranos.

Pelo novo disco, que sai por volta de julho, o cantor receberá um adiantamento de dezoito milhões de dólares. Os *royalties* sobre cada LP serão da ordem de 25%, um valor inédito na indústria fonográfica. Michael também receberá 70% dos direitos de videos a serem lançados.

Por fim, o felizardo bilionário receberá cinco milhões de dólares para estrelar um filme baseado numa idéia dele mesmo, para a Columbia Pictures (que é da Sony). A multinacional japonesa espera lucrar um bilhão de dólares com o megacontrato.

Em Odeon

U2 NO LIQUIDIFICADOR

Os Pet Shop Boys gravaram uma nova versão para "Where The Streets Have No Name", do U2. No single mais recente da dupla, a canção épica dos irlandeses é fundida com outra cover: "Can't Take May Eyes Off You", do Boystown Gang. Neil Tennant e Chris Lowe iniciaram em março uma turnê mundial para promover o LP *Behaviour*.

Já o U2, que continua em estúdio gravando seu novo álbum, comprou recentemente mais uma encrenca com a Justiça irlandesa. O grupo se dispõe a pagar uma multa aplicada contra uma certa Associação Irlandesa de Planejamento Familiar, pela venda de camisinhas em uma loja de discos de Dublin. Na Irlanda, elas só podem ser vendidas em consultórios médicos e farmácias.

TROCANDO AS BOLAS

Esses músicos são mesmo uns críticos frustrados. Nos últimos dois meses, três deles resolveram se postar à frente de uma máquina de escrever e experimentar o gostinho do "outro lado". A *New Musical Express* abriu espaço para que **Julian Cope** (cujo trabalho permanece inédito no Brasil) resenhasse os compactos — prática comum no semanário inglês. Cope colocou entre os Singles da Semana um lançamento do Sepultura, "Under Siege". "Eu gosto de música obsessiva, e esta certamente é."

Já **Humberto Gessinger** ateve-se a um único lançamento: *Chronicles*, coletânea do Rush. Em seu texto para o Caderno 2 *(O Estado De São Paulo)*, o vocalista dos Engenheiros do Hawaii exaltou o grupo canadense, que sobreviveu "vinte anos com dignidade". Outro roqueiro a escrever para um jornal foi **Herbert Vianna**: em artigo na *Folha De São Paulo*, ele narrou o encontro dos Paralamas com o jamaicano Yellowman, ídolo da banda.

HUMBERTO GESSINGER

Ricardo Siqueira

PIRATARIA OFICIAL I

The Bootleg Series Volumes 1 — 3 (Rare And Unreleased) é o nome da caixa com três CDs (ou cinco LPs) que traz 58 (!?!) faixas inéditas — entre gravações demo, ao vivo e sobras de estúdio — de **Bob Dylan**. Entre as raridades estão a versão original, em ritmo de valsa, de "Like A Rolling Stone", e uma demo de "The Times They Are A-Changing", além de sobras de estúdio dos LPs *Blond On Blonde*, *Bloody On The Tracks* e *Oh Mercy*, entre outras.

CLASHMANIA

Um comercial de jeans que utilizava a música "Should I Stay Or Should I Go" acabou provocando um verdadeiro *revival* **Clash** na Inglaterra. Relançada em single, a faixa colocou o grupo no topo da parada britânica — pela primeira vez (!?!). Aproveitando a onda, a Sony colocou no mercado mais dois relançamentos: o single "Rock The Casbah" e a coletânea *Story Of The Clash Vol. 1*. Para completar o quadro, foram lançados ainda um livro *(The Clash, Before And After*, de Pennie Smith) e um video *(This Is Video Clash*, que também está saindo aqui, pela Sony Music Video).

Enganou-se, porém, quem imaginou que tudo isso fosse o prelúdio para uma reunião do grupo. Tanto Mick Jones quanto Paul Simonon afastaram veementemente qualquer possibilidade de uma futura reunião. Mick prepara-se para lançar um LP com a nova formação do B.A.D., *The Globe*, enquanto o baixista Paul Simonon sai em turnê para promover álbum de estréia do seu grupo, o Havana 3AM.

MICK JONES

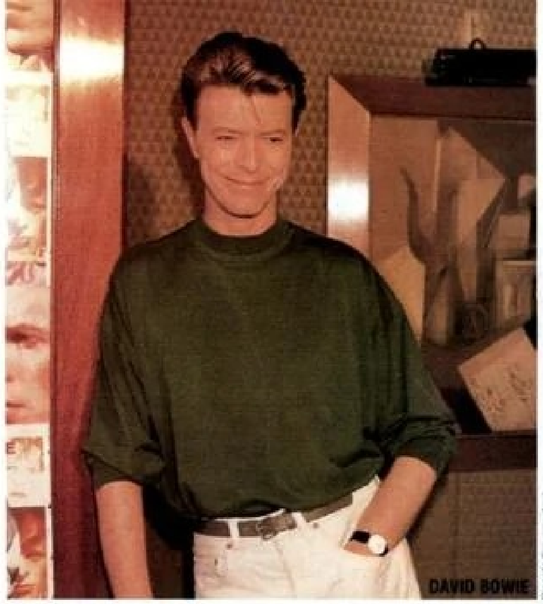
LONDRES

Os fãs do Japan podem ir se preparando: David Sylvian, Mick Karn, Steve Jansen e Richard Barbieri reformaram a banda, só que com outro nome: Rain Tree Crow. Eles prometem um LP para breve • Correm por aí boatos de uma turnê brasileira de Ian McCulloch. Tracy Davidson, da selo East/West, não desmente nem confirma: "Ele está terminando de gravar o disco novo. Mas é bem possível..." • Enquanto isso, sua ex-banda, Echo And The Bunnymen, acaba de ser dispensada por sua gravadora, a WEA. Dizem que isso pode significar o fim definitivo do grupo • No show surpresa-mas-não-muito, no Marquee da nova sensação de Los Angeles, o Jane's Addiction, estavam presentes e babando: Jim Reid, do Jesus & Mary Chain, os três Cocteau Twins e Miles Hunt, do Wonder Stuff • Até o final de junho, o Victoria And Albert Museum de Londres exibe a mostra *A Arte De Fazer Música*, que tem como tema o design na indústria musical. Entre as peças expostas estão capas de discos, posters e ingressos de shows • Muita gente ficou de fora quando o R.E.M., de passagem por Londres, resolveu dar um show surpresa no minúsculo Bordeline. Na rua, a multidão ficava cada vez mais triste, e os cambistas, cada vez mais felizes — já que os ingressos atingiram preços recordes para o temporada • O Scritti Politti quebra um silêncio de três anos com o single "She's A Woman", cover de uma canção dos Beatles. A faixa conta com a colaboração de Shabba Ranks, o astro de reggae mais badalado do momento • Já saiu por aqui "Let There Be Love", o single que marca a volta dos Simple Minds. O LP sai no segundo semestre.

ANAMARIA G. DE LEMOS

BOWIE DISPONÍVEL

O final do contrato de sete anos de **David Bowie** com a EMI agita a indústria fonográfica mundial neste início de ano. Todas as grandes gravadoras entraram na briga pelo passe do camaleão, que já prometeu dois novos lançamentos: o segundo LP do Tin Machine (já pronto) e um álbum solo, mais para o final do ano. Correm, porém, boatos de que o velho Bowie estaria tramando o lançamento de seu próprio selo... Entre os planos do cantor, estão ainda uma turnê com o Tin Machine (que deve passar por aqui) e o lançamento de seu novo filme: *The Linguini Incident*, de Richard Shepard.


DAVID BOWIE

Ricardo Siqueira/Azul

IMPORTADOS

Os discos que não vão sair aqui tão cedo

Bewitched, *Brain Erases* Novo LP da banda de Bob Bert, ex-baterista do Sonic Youth

Durutti Column, *Obey The Time* Segundo a crítica inglesa, este está entre os melhores trabalhos de Vini Reilly

Fall, *458489* e *458489 B Side* De uma só tacada, Mark E. Smith coloca no mercado duas coletâneas: a primeira traz as faixas principais dos compactos e a segunda reúne todos os lados B

Madness, *One Step Beyound* Álbum triplo que reconta a história de uma das bandas inglesas mais significativas do início dos 80

OUÇA ESSA

"Se George Michael tivesse que viver minha vida por cinco minutos, ele se enforcaria com o pedaço de corda mais próximo."
Morrissey

"Eu acredito que os artistas são líderes mundiais, tanto quanto os políticos."
Sinéad O'Connor

"Acho repugnante essa coisa devassa que envolve a noite. Tenho mais pique de manhã. A noite foi feita para dormir."
Ed Motta, bem Cinderela

"Claro que eu já estive com uma mulher. Só que prefiro me masturbar, entende?"
Mike Patton, Faith No More

"Você nunca pode subestimar o conservadorismo das gravadoras. Elas sempre me surpreendem. Os caras que trabalham em fábricas de salsichas estão muito mais por dentro."
Malcolm McLaren

PAUL MCCARTNEY

David Appleby (LF)

PIRATARIA OFICIAL II

Paul McCartney decidiu lançar mais um LP ao vivo. *Unplugged: The Official Bootleg* traz um show realizado em Londres, em janeiro deste ano, para apenas duzentos convidados. Segundo Paul, este disco está sendo lançado (com uma tiragem limitada de 500 mil cópias) apenas para evitar a pirataria — já que o show foi gravado e levado ao ar pela MTV. Para os beatlemaníacos incuráveis, o LP traz uma atração irresistível: uma versão acústica de "I Lost My Girl", primeira composição de Paul, quanto este tinha apenas catorze aninhos.

LÁ VEM BOMBA

Quem volta à cena *dance* é o **Bomb The Bass**, que acaba de lançar o LP *Unknown Territory*. Desta vez, porém, os créditos vão para Tim Simenon. Ele decidiu abandonar o antigo nome depois que as rádios se recusaram a tocar o single "Love So True", considerando o nome da banda "ofensivo" em tempos de guerra.

O próximo passo de Tim será uma turnê, em que promete, pela primeira vez, tocar "ao vivo".

CURTAS & GROSSAS

Parto Difícil Saiu finalmente o segundo single do Electronic, de Barney Sumner e Johnny Marr. Chama-se "Get The Message". O primeiro, "Getting Away With It", havia sido lançado em dezembro de 89.

Jam Cover O ex-vocalista dos Smiths gravou uma nova versão para "That's Entertainment", do Jam. Ela está no lado B do single "Sing For Your Life", já lançado na Inglaterra.

O Veredito O AC/DC foi absolvido da acusação de "negligência criminosa", referente à morte de três adolescentes em um show do grupo em janeiro, em Salt Lake City (EUA).

ELO II, O Resgate Electric Light Orchestra, Part II: com este nome, volta à ativa uma das bandas de maior sucesso dos anos 70. A ELO retorna com um álbum e uma turnê ao lado da Orquestra Sinfônica de Moscou. No lugar do ex-líder Jeff Lynne (hoje nos Travelling Wilburys) está Pete Haycock (ex-Climax Blues Band).

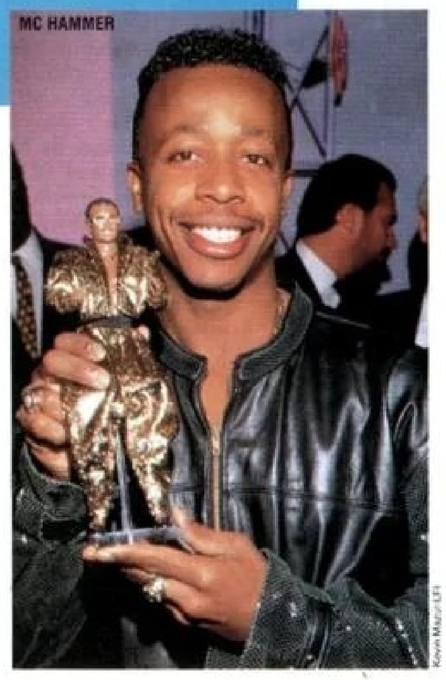
Eterno Retorno Outro dinossauro que se arrasta até os 90 é o Yes. Eles iniciam uma turnê em junho, acompanhando o lançamento de um novo LP, *Union*.

U Can't Touch This! Seguindo o infeliz exemplo dos New Kids On The Block, MC Hammer autorizou a fabricação de um bonequinho com o seu nome. É pouco provável que o estranho artefato chegue por aqui.

Pais e Filhos O filho de Eric Clapton, de quatro anos, morreu no dia vinte de março. Aparentemente ele caiu da janela do apartamento do guitarrista, no 54.º andar de um edifício em NY.

LEO FENDER (1909 - 1991)

Morreu no dia 21 de março, na Califórnia, **Clarence Leo Fender,** criador das guitarras Fender Telecaster e Fender Stratocaster. Fender teve um papel fundamental na história do rock'n'roll, revolucionando a técnica de fabricação de guitarras. Sua Telecaster, criada em 48, foi a primeira guitarra elétrica maciça produzida industrialmente — seguida pela Stratocaster, em 54. De lá para cá, os dois modelos sofreram poucas modificações, sendo adotadas pela maioria dos guitarristas de rock. Fender tinha 82 anos e sofria do mal de Parkinson.


MC HAMMER

Kevin Mazur (LF)

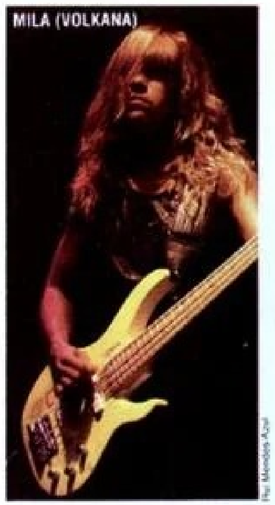
LOS ANGELES

O show beneficente montado por Sting e Antonio Carlos Jobim no Carnegie Hall, em março, rendeu 250 mil dólares para a Rainforest Foundation, organização criada para defender a Amazônia e seus habitantes. Gilberto Gil e Caetano Veloso também participaram do show. O que era para ter sido o ponto alto terminou por ser o trecho mais patético da noite: Sting e Elton John brigando pelo microfone para ver quem cantava "Garota de Ipanema" mais afetado do que o outro. Gil e Caetano ficaram na deles, trocando olhares de constrangimento • Mais Tom Jobim: na febre doormaniaca que assola o mundo após o lançamento do filme de Oliver Stone, vale notar um trecho curioso do livro *Riders On The Storm*, de Jon Densmore. Em certo momento, o ex-baterista da banda menciona o maestro Antonio Carlos Jobin (assim, mesmo, com *n* em vez de *m*) para explicar que "Break On Though" era uma "bossa nova acelerada" • Para comemorar a soltura de James Brown — ainda que sob regime de liberdade condicional —, a PolyGram lança *Star Time*, caixote com quatro CDs que cobre toda a sua carreira. Um dos petiscos da coletânea é uma nova versão, não editada, do clássico "Papa's Got A Brand New Bag" • Morreu no dia 17 de março Bill Gazzarri, o novaiorquino cujo inferninho em plena Sunset Strip — Gazzarri's, naturalmente — foi palco de algumas das primeiras apresentações dos Doors e dos Guns N'Roses. Os Byrds, Van Halen, Poison e Warrant também passaram pelo Gazzarri's — hoje, espécie de parada obrigatória para todo e qualquer combo metálico emergente. Bill Gazzarri tinha 67 anos.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

DOÇURA THRASH

Os proprietários das casas noturnas Dynamo e Retrô, na capital paulistana, foram feridos neste início de ano, respectivamente, a cadeiradas e a tiro. Vítimas "civis" na guerra constante entre as tribos metal e *skinhead*. Na região industrial do ABC as escaramuças são normais — como aquele em que o grupo metálico Vodu teve o carro que o levava a uma apresentação cercado pelos *carecas*, sendo obrigado a fazer um cancelamento estratégico. Surpresa foi o show do Volkana, em março. Os temidos carecas apareceram, mas não só não provocaram nenhum distúrbio como até subiram ao palco, para cantar com a vocalista Mariel-le. As meninas não entendem nada de coturno, mas mostraram como amansar os brutos numa boa.


MILA (VOLKANA)

Flor Mendes Azul

CARA NOVA

Se você mora em São Paulo ou no Rio, certamente já viu na MTV o clip de "The Only One I Know" — aquele em que um vocalista sussura uma letra incompreensível.

A banda, como você já deve saber, é **Charlatans**, uma das *guitar/dance bands* queridinhas da imprensa britânica; o garotinho é Tim Burgess, considerado atualmente um dos símbolos sexuais da Ilha (acredite se quiser); e a música foi eleita a melhor do ano passado pelos leitores da *Melody Maker* e *New Music Express*.

Em fevereiro de 90, quando Tim, Jon (bateria), Martin (baixo), Jon Baker (guitarra) e Rob (tecladista) lançaram seu primeiro single ("Indian Rope"), foram desprezados como imitadores dos Stone Roses. Hoje, depois de colocar dois singles ("Then" e "The Only...") no Top 10 inglês e um LP (*Some Friendly*) no topo da parada, são cultuados — ao lado de Ride — como a melhor banda pop da última safra. "Nosso primeiro LP é brilhante", diz Tim, "mas o nosso objetivo é a perfeição". Ian Brown perde...

MONDO MÍDIA

Jack Nicholson deixou temporariamente os sets de filmagem e fechou-se em estúdio para a gravação de um LP, em que atua como cantor e compositor.

Novos lançamentos em vídeo lá fora: *The Complete Picture: The Best Of Deborah Harry & Blondie; VHS8489*, do Fall; *Please MC Hammer Don't Hurt'Em — The Movie*, de MC Hammer; *Optical 90*, do 808 State; *Greatest Video Hits*, do INXS. Madonna aparece em mais duas produções cinematográficas: *Blood Hounds Of Broadway* (já pronto) e *Boxing Helena*, de Jennifer Lynch (filha de David).

Livros importados: *X, songbook*, do New Order; *Getting Noticed — The Musician's Guide For Self Publicity*, um guia de autopromoção de James Gibson; *I Heard It Through The Grapevine: Marvin Gaye, The Biography*, de Sharon David.

ALTA ROTAÇÃO

A Redação recomenda

A coleção de *singles* gravados entre 84 e 90 por **JIMMY SOMMERVILLE** é um rosário pop de primeira categoria. Apesar do timbre fanho e da limitação de registro no falsete, Jimmy canta com uma devoção presbiteriana que lembra os tenores solistas de gospel e os meninos cantores de Viena.

C.M.

ASTRAL WEEKS, Van Morrison: Gravada em apenas dois dias nos idos de 67, esta obra-prima do bardo irlandês mescla folk acústico, vocais com inflexões soul e instrumentação jazzística de forma absolutamente brilhante e intemporal.

C.P.

Uma voz do primeiro escalão, sim senhor, com mais de 30 anos de prestação de serviços ao soul. É a gloriosa **Gladys Knight**, junto a seus escudeiros vocais, os **Pips**. Comprar **EVERY BEAT OF MY HEART**, coletânea exclusivamente em CD, é um favor que você faz a si mesmo.

C.R.

JOÃO — ele continua sempre o mesmo, mas sempre longe da mesmice. O violão e a voz de João Gilberto (mais orquestrações de Clare Fischer) dão o tom.

A.C.M.

OS JOVENS TÊM A VIDA INTEIRA PELA FRENTE.
É MELHOR IR SE CUIDANDO PRA NÃO CANSAR NA METADE.

Aveia Quaker tem tudo o que o jovem de hoje precisa.
É natural, saudável e superprática.
A melhor maneira de ter saúde toda vida.

AVEIA QUAKER.
SAÚDE TODA VIDA.

FAST FORWARD

"Na Inglaterra", explica Graham Massey, o gênio por trás dos computadores do 808 State, "muitos jovens se juntam para tocar guitar rock. É uma tradição: ou você toca numa banda, ou joga futebol. Nós, não... sempre quisemos fazer dance music, desde o começo. E de repente, em 88, surgiu essa cena em Manchester, todo mundo ouvindo house... que teve muito a ver com os drogas. Elos mudaram o conceito que as pessoas tinham de música."

Graham conheceu Andy Barker e Darren Partington na famosa Eastern Bloc, a melhor loja de discos de Manchester. Juntos com o dono, Martin Prince, começaram a fornecer música para diversos clubes, como o Hacienda. "Estávamos envolvidos com música eletrônica há anos, e de repente conseguimos usá-la para alguma coisa. Estava difícil conseguir os discos americanos que nos inspiraram tanto, o som de Chicago e Detroit, então começamos a fazer música para os clubes..."

Em 89, a faixa "Pacific" invadiu as pistas sem deixar sobreviventes, e a indústria fonográfica resolveu tomar jeito — "Eles não sabiam o que fazer com a gente: banda sem vocais e sem imagem!" Meses depois, "Pacific" entrava nas paradas pop e a Inglaterra inteira ouvia falar dos 808 State. Seguiram-se o LP *90* e mais um hit, "Cübik/Olympic", tema das Olimpíadas de 92, caso fossem sediadas em Manchester. "O que torna o 808 especial é que fazemos parte de uma cena muito viva e fervilhante. Essa é a diferença entre nós e os Stone Roses. Eles são uma guitar band, e são únicos, mas a única coisa que terão será música dos Stone Roses. E eu não sei até onde isso pode ser levado, enquanto nós somos muito mais abertos. Nosso única regra é: tem que ser dançável, tem que funcionar na pista de dança. E tem que ser algo mais que esses discos de gente como Technotronic, que são a face mais pública da dance music. É engraçado, em qualquer lugar do mundo você diz dance music e as pessoas imediatamente pensam no Technotronic ou Snap!..., mas eles são apenas o lado pop da coisa."

O novo LP do quarteto, *Ex.El*, não só vem recheado de faixas inteligentemente dançantes, como também conta com duas participações muito especiais: Bernard Summer, do New Order (na faixa "Spanish Heart"), e Bjork, dos Sugarcubes (em "Qmart" e "Oops"). Graham: "Nós conhecemos o Bernard há um certo tempo. Havíamos dito que gostaríamos de trabalhar com ele, e um dia telefonamos. Ele havia acabado de fazer os vocais para o disco do Electronic, e estava exausto. Mas promessa é promessa (risos)! Nós lhe demos a fita, ele foi para casa, fez os vocais e devolveu, e então mixamos. O resultado é exatamente aquilo que esperávamos: o Baney tem uma voz muito distintiva. Quanto a Bjork... bom, ela nos escreveu perguntando se gostaríamos de produzir algumas músicas para ela. Só que não sabíamos que era ela! Só descobrimos quando ela apareceu lá. Ela é muito especial, sua voz e suas letras são estranhas e misteriosas, especialmente para nós, que somos ingleses. Adoraríamos trabalhar com ela novamente." Além do disco novo, o 808 andou trabalhando com o rapper MC Tunes, escrevendo e produzindo toda música do LP *The North At Its Heights*. "Nossa música é complicada, densa... e acabou ficando superestranho para um disco de hip hop. Hip hop de Marte, é assim que o chamamos (risos)!" Mais duas coisas que provocam risos: os rótulos ambient house ("O quê? Pura besteira!") e som de Manchester ("Não existe. Se existisse, seria o som eletrônico, e não indie dance").

O que o futuro promete para a dance music, Graham? O expert responde: "Acho que a dance music será melhor aceita. Muita gente o considera como 'disco' porcaria, mas agora estão começando a dar um certo valor ao nosso tipo de música. Ainda temos essa imagem de descartáveis, mas espero que um dia possamos ser levados a sério. Há cada vez mais gente fazendo nossa música..." Andy interrompe: "O que atrai as pessoas é a facilidade com que é possível fazer música usando esse tipo de equipamento que usamos. E as pessoas estão acostumadas com tecnologia, elas têm computador em casa... você não fica preso ao aspecto físico, técnico, o processo criativo fica muito mais rápido. As pessoas que acham a música eletrônica fria e estéril estão completamente enganadas!" Graham completa: "Se você tem imaginação, não importa que ferramenta ou meios utilize. Tem gente no Oriente Médio ou no Brasil, com o mesmo equipamento nosso, fazendo uma música totalmente diferente. A tecnologia não destrói a identidade cultural."

Sem essa de rótulos como *ambient* e *new age house*. Tudo o que o 808 State quer é reinventar a dance music!

ANAMARIA G. DE LEMOS

DISCOGRAFIA SELECIONADA

SINGLES
"Pacific State"
"Cübik/Olympic"
"Cobra Bora"
"In Yer Face"
"Only Rhyme That Bites" (com MC Tunes)
"Tune Splits The Atom" (com MC Tunes)
"Voiceprint" (com Jon Hassell)

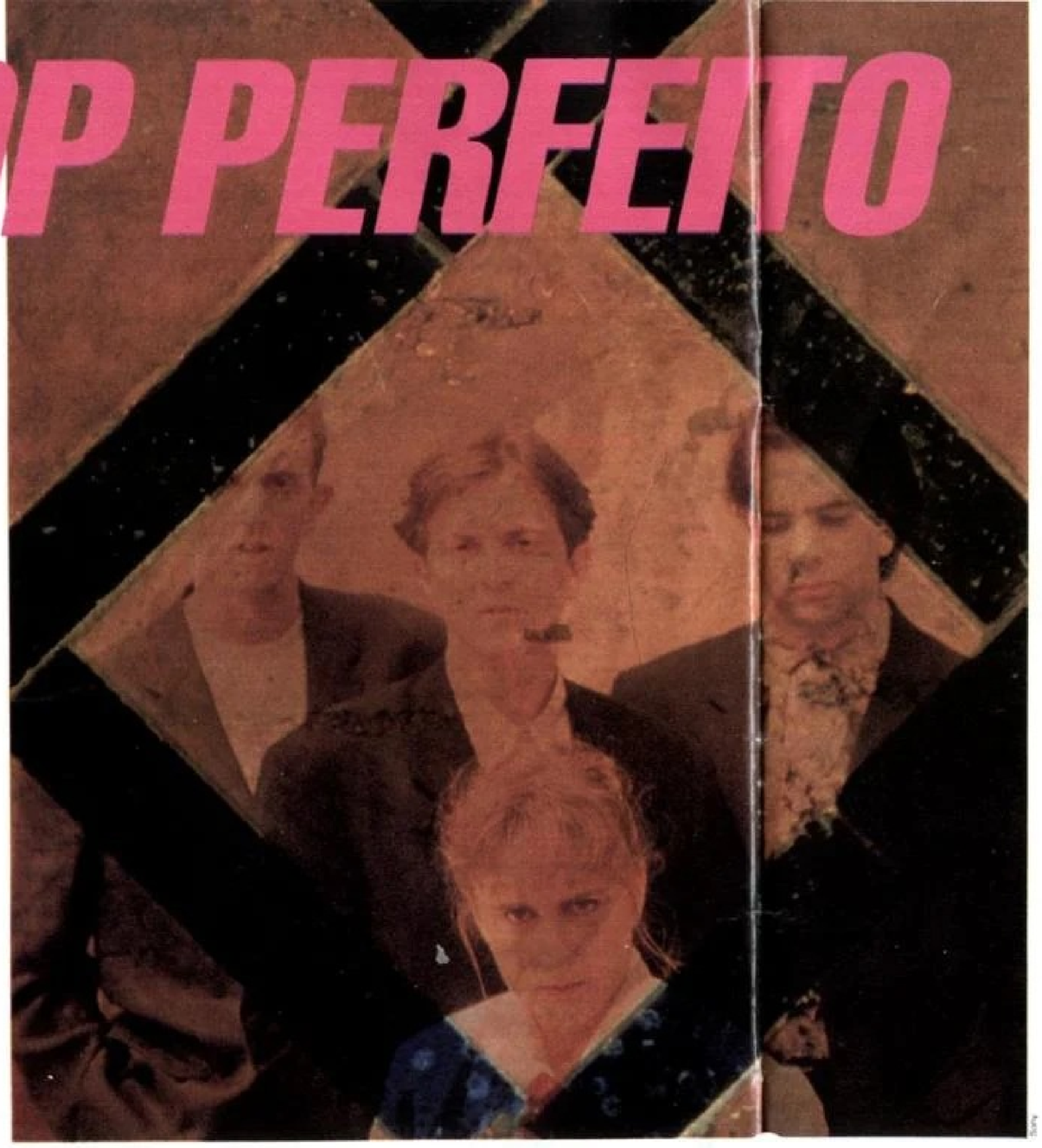
LPs
Newbuild
Quadrastate
90 (com faixas dos anteriores e singles)
Ex.El
The North at Its Heights (creditado a MC Tunes; música do 808 State)

EP
Pleasure Of Dance

O trio suiço Young Gods retorna, após um longo descanso, com *Young Gods Play Kurt Weill* (PIAS), trazendo interpretações para clássicos deste compositor como "Alabama Song", "Mack The Knife" e "September Song" • Frontmaniacos de plantão, preparem seus bolsos. Os terroristas belgas lançam dois novos compactos: "Mixed By Fear" (apenas nos formatos CD e cassete), com mixagem para "Gripped By Fear", e "Rhythm Of The Time". Ambos extraídos do álbum *Tyranny For You* (RRE) • A cult band Vomito Negro saiu da KK Records, e aparece agora pela Antler, com "New Drug" • Os Revolting Cocks soltam "Beers, Steers & Queers" (Wax Trax), com versão para esta faixa de seu álbum homônimo • Ainda pela Wax Trax, os 1000 Homo DJ's — projeto de Al Jourgensen — com o single "Supernault", os alemães do KMFDM com "Split" e finalmente o álbum do Cyberaktif, *Tenebrea Vision* • De Boston, EUA, vem o Manufacture, que transfere para seu novo disco, *Voice Of World Control*, experiências do crossover pop-industrial • Rhys Fulber (do Front Line) assina como Will o álbum *Pearl Of Great Price*, com nítidas referências a Laibach, Dead Can Dance e In The Nursery • O duo Insekt lança o álbum *Stress* pela KK

ENEAS NETO

POP PERFEITO



... é o termo predileto da imprensa britânica quando trata do Prefab Sprout. O LP novo confirma

Paddy McAloon começou cedo: aos 12 anos de idade ele já estava compondo, plantando as sementes de um futuro gênio do pop. "Eu comecei a tocar violão aos 11 anos, e tocava só música dos outros. Me lembro que um dia eu estava tocando uma música e percebi que não estava entendendo nada. A música era ótima, mas não tinha nada a ver comigo. Então decidi que se escrevesse minhas próprias músicas eu seria capaz de cantar com maior convicção. Quando terminei a escola eu já tinha a banda, mas fui trabalhar no posto de gasolina de meu pai. De 76 a 80 nós ensaiamos todas as noites, sempre nosso próprio material. Muitas músicas do LP *Steve McQueen* (no Brasil, *Two Wheels Good*) são desse período, como Johnny Johnny'. Só que eram completamente diferentes... Eram músicas punk, super-rápidas. Não sabíamos tocar e não tínhamos instrumentos decentes."

Tocando noite após noite numa sala gelada nos fundos do posto e idolatrando bandas como o Television, Paddy, seu irmão Martin e músicos variados foram criando o som do Prefab Sprout. "Nada se compara com aquela época", diz Paddy, suspirando. "Quando começamos a tocar em bares, o show durava 3 horas! Eu levava comigo uma pasta com todas as músicas, letras e acordes — porque nunca as decorava. Nossa única preocupação era tocar. Mas quando arrumamos um empresário e as pessoas começaram a se interessar por nós, as coisas começaram a mudar. As pessoas vinham dizer como deveríamos nos vestir e o que deveríamos fazer. O importante não era tocar música, mas agir como se estivéssemos tocando música (*risos*). Por outro lado, agora temos equipamento bom, horas e horas de estúdio quando necessário. Eu aprecio o fato de estar onde estou... Mas eu gostava daquela inocência do começo."

Foi dessa inocência que nasceram o EP *Prefab Sprout* e o primeiro LP, *Swoon*, em 84. Em 85 veio o lançamento de *Steve McQueen* e o primeiro sucesso com "When Love Breaks Down". Mas foi o LP seguinte, *From Langley Park to Memphis*, que deu à banda seu maior hit até hoje, "The King Of Rock'N' Roll": "É uma música que tira sarro de alguém que ficou conhecido por uma só música, e tem que passar o resto da vida contando-a. E foi justo esta música que virou 'nossa música' (*risos*)... Toda vez que estamos no palco e cantamos 'King Of Rock'N'Roll', morro de vontade de rir."

É tudo produto da criatividade de uma só mente — "Sem querer parecer megalomaníaco, o Prefab Sprout é a minha visão. Mas ela só é possível graças à ajuda de Martin, Wendy, Smith e Neil Conti!" A música dos Prefabs é guiada por uma mão importante: o produtor Thomas Dolby. "Nós trabalhamos bem com ele (em *Steve McQueen*, quatro faixas de *Langley Park* e *Jordan*). Quando lançamos *Swoon*, ouvimos dizer que ele tinha gostado, e mais tarde ele entrou em contato conosco. Ficamos curiosos quanto ao que ele poderia fazer com nosso som. No começo não estávamos entendendo nada, não sabíamos aonde ele estava nos levando, mas quando ouvimos o resultado, tudo se encaixou. Ele é brilhante e muito paciente... É capaz de passar dois dias trabalhando numa melodia que dura 30 segundos no disco!"

O disco novo, *Jordan: The Comeback*, é dividido em quatro grupos de músicas. Mas, segundo Paddy, "todos eles estão ligados de alguma maneira. Há um grupo de músicas sobre o Elvis Presley e outros ídolos, tipo Jesse James... Mas no fundo são todas sobre o Elvis. Eu fiz *Jordan* pensando no que Elvis diria para a gente como o Albert Goldman. É muito fácil criticar os mortos, eles não têm como apresentar seu lado da história! Se ele estivesse vivo, o que ele estaria fazendo, o que ele acharia de tudo isso? No disco, há um outro lado mais pop, que dá a ele um certo *mood*. Sem estas músicas o disco seria 'escuro' demais." Por causa destas faixas, *Jordan* foi considerado por vários críticos como o disco mais pop da banda, mas Paddy discorda: "Não sei, não... Me lembro de quando o *Swoon* saiu e eu pensei: 'Este disco deveria vender tanto quanto *Thriller*, do Michael Jackson — não há diferença entre eles! São completamente pop'. Por que não vendeu tanto? Porque *Thriller* é muito melhor (*risos*)! Mas acho que todos os nossos discos são muito 'pop' e comerciais."

Apesar de ignorar totalmente as paradas atuais — "São um mistério para mim... Não tenho o menor interesse. Aconteça o que acontecer, as paradas são dominadas por gente que fornece música para um público mais jovem" —, Paddy tem seus heróis: "Gosto de gente como Stephen Sondheim, que escreve músicas brilhantes. Eu gostava de Michael Jackson, e ainda o acho magnífico, mas acho que ele está desorientado no momento. Paul McCartney também é um dos meus heróis, mas não trabalharia com ele... Aliás, isso não é verdade (*risos*)! Nós mandamos uma fita para ele uma vez, perguntamos se gostaria de nos produzir, mas ele estava ocupado demais."

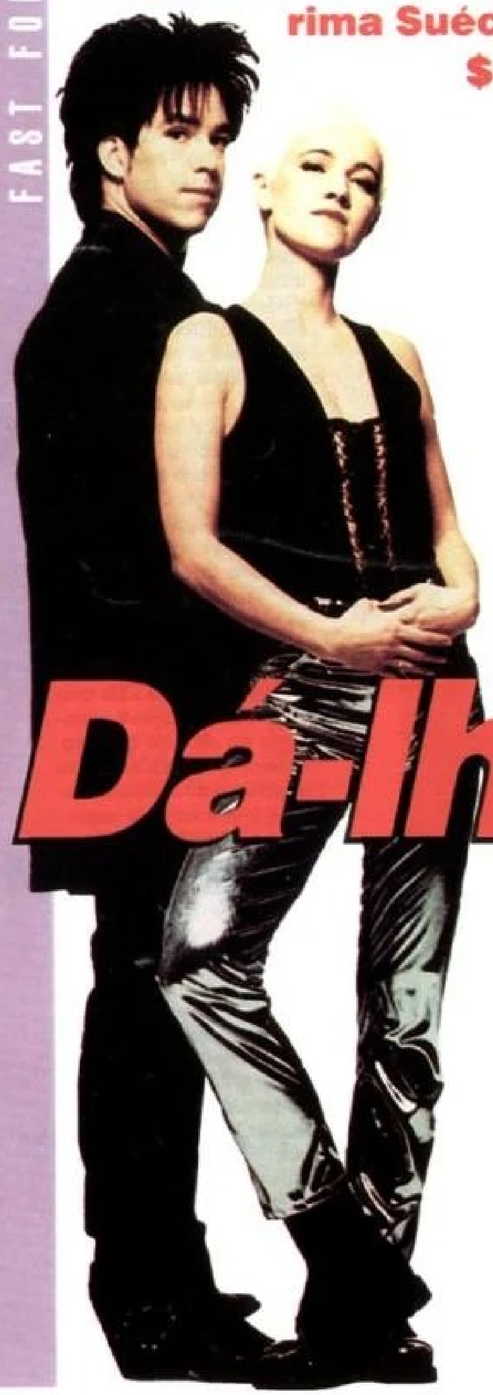
Apesar da bossa nova de "Carnival 2000" em *Jordan*, Paddy confessa conhecer pouquíssimas músicas brasileiras. "É claro que já vimos algo na TV, o Carnaval, coisas assim, mas na verdade conhecemos pouquíssimo sobre o Brasil. Na faixa 'Carnival 2000' eu queria aquela atmosfera de carnaval, aquele espaço todo... E foi o Neil, na bateria, e um cara chamado Luis Jardim, na percussão, que criaram a atmosfera. Mas eu adoraria conhecer o Brasil!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

O show tem que continuar... mesmo depois da última valsa. Pelo menos para três dos integrantes da extinta The Band: o baterista Levon Helm, o baixista Rick Danko e o organista/saxofonista Garth Hudson. Eles se reuniram em Woodstock no início deste ano e gravaram um novo álbum, sem a presença do guitarrista Robbie Robertson. A nota triste ficou por conta do ataque cardíaco fatal que vitimou o pianista Stan Szelest durante as sessões de estúdio. O músico substituía o membro original da banda, Richard Manuel, que se enforcou em 86 • Ainda sobre The Band: está prevista para breve a edição de uma caixa de CDs com uma completíssima antologia da obra do quinteto. • Hank Williams, patriarca do country americano, também teve toda sua importância devidamente resgatada através do CD triplo *The Original Singles Collection Plus* (Polydor). São 84 canções que abrangem desde seus primeiros registros (de 1942) até as últimas gravações que fez antes de morrer (no primeiro do ano de 1953) • Pelas cordas das guitarras, os maiores destaques vão para dois álbuns: *Iceman* (Point Blank), o primeiro de Albert Collins desde *Cold Snap!* (86, recentemente lançado no Brasil) e *The Blues Allnight* (In + Out), com o blues jazzy-funky de James Blood Ulmer.

CELSO PUCCI

O Roxette prometeu mudar mas continua o mesmo. É o segundo LP da dupla que rima Suécia com $ucesso



Dá-lhe duas

A promessa foi feita nas páginas deste mesmo periódico, meses atrás. Direto de Estocolmo, Per Gessler, a metade compositora, vocalista e guitarrista do duo sueco Roxette, garantia que o segundo álbum da banda (então em franco processo de produção) nasceria desprovido dos benefícios do maravilhoso mundo tecno habitado por sintetizadores, *sequencers* e samplers. "Queremos voltar às raízes", pontificava Gessler.

A julgar pelo disco em si — o álbum *Joy Ride*, lançado em fevereiro nos Estados Unidos —, mais papo furado, impossível. E o próprio Gessler — desta feita debruçado sobre uma mesa na suíte em que ele e Marie Friedrikson, a vocalista principal do Roxette, repartem no hotel Sunset Marquis, em Los Angeles — admite o exagero de sua proposição anterior.

"E, não nos livramos dos sintetizadores", diz Gessler, sorrindo fácil e generoso. "Toda vez que você vai para o estúdio, chega dizendo que pretende fazer um álbum mais barulhento e mais robusto do que o anterior. E acho que conseguimos isso com *Joy Ride* porque nossa autoconfiança era muito maior. Tivemos peito de pôr as guitarras mais alto — usamos mais guitarras do que antes, de um modo geral. Este disco tem tanto sintetizador, *sequencers*, samplers e efeitos quanto o álbum anterior, *Look Sharp*. Mas é tudo mais alto e melhor gravado."

Impulsionado pela faixa-título — um confeito pop acelerado e vivaz como o hit "The Look" —, *Joy Ride* é uma continuação lógica de *Look Sharp*, composto, produzido e executado pela mesma equipe do predecessor. "Sabíamos bem a importância deste álbum", explica Marie, claramente mais velha que Gessler e dado a esconder seu olhar tristonho detrás da fumaça do cigarro, talvez um resquício dos anos solo em que percorria o repertório de Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Joni Mitchell e — sim — Little Richard. "Portanto, para nos sentirmos mais confortáveis e seguros, o ideal era trabalhar com as mesmas pessoas."

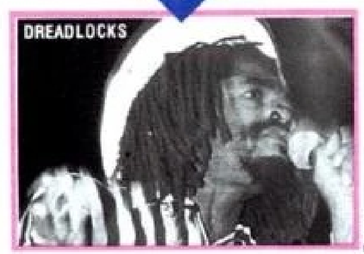
"E criativamente ainda não havíamos encerrado o assunto com essas pessoas", emenda Gessler, referindo-se ao produtor Clarence Ofwerman (também programador de synths e baterias eletrônicas) e ao guitarrista Jonas Isacsson. "Queríamos definir melhor nosso som", prossegue Per," fazer com que ele fi-casse mais Roxettish ainda. É porque todo mundo teve uma parte ativa no sucesso do Roxette, todo mundo — dos engenheiros de som aos músicos — estava a mil quando chegou a hora de gravar *Joy Ride*."

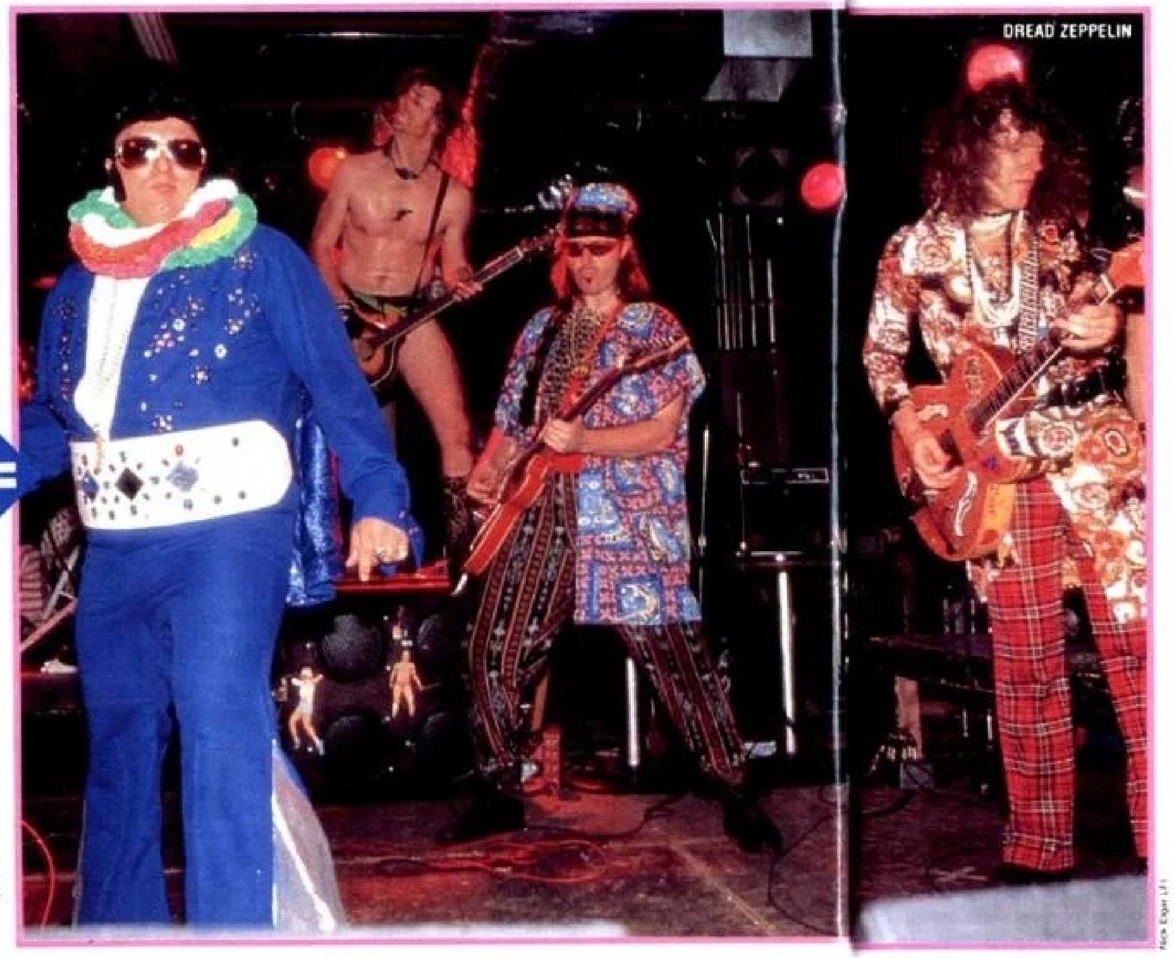
"Esse era o segredo do sucesso do Abba", continua. "Todo mundo envolvido nas gravações era sueco, e eles gravaram tudo na Suécia. E, portanto, ninguém soava como o Abba. Eles estabeleceram um padrão dentro do pop. Não estou dizendo que o Roxette tenha estabelecido um padrão. Mas é isso que deve ser feito."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

UM CITIZEN VOA, CORRE, MERGULHA E
ESCALA. DÊ UM PARA O SEU NAMORADO
ANTES QUE ELE COMECE A PENSAR
EM OUTRO TIPO DE AVENTURA.
12 DE JUNHO. DIA DOS NAMORADOS.
CITIZEN

ELVIS NÃO MORREU...





E NEM O LED ZEPPELIN

A MELHOR BANDA ANOS 70 DE 91 FAZ COVERS DO ZEPPELIN EM RITMO DE REGGAE — COM VOCAIS DE PRESLEY

Na base da brincadeira, combinem três elementos fundamentais do rock 70 — o metal, o reggae e a transformação do rock em produto caretinha para trintões. É a conexão Vegas-Jamaica-Olimpo — apropriadamente gestada no maior laboratório de malucos do planeta, a California (particularmente L.A.).

A banda é formada por Ed Zeppelin (percussão e vocais), Joe Zeppelin e Butman (guitarras), Jab Paul Mon (baixo) e Fresh Cheese (bateria). O líder é o cantor Tortelvis (Tort, para suas Priscillas), um gordo escroto que parece Elvis, dez minutos antes de morrer entupido de bolas. Tort diz que foi seqüestrado na infância por extraterrestres, que o criaram à imagem e semelhança de Elvis. Diz que Elvis falou com ele do além e diz que tudo que ele faz tem a aprovação do Rei: "Estava eu em Memphis, dando uma banda, quando notei um cara de terno me seguindo. Era Elvis. Ele chegou em mim e disse: 'Tortelvis, seu objetivo na vida é fazer covers do Led Zeppelin em ritmo de reggae'." (Detalhes: na vida real, Elvis e Led chegaram a se cruzar; o encontro aconteceu em Vegas, em 73. O Led assistiu a um show do Rei, que disse: "Estou muito feliz de ter conosco esta noite uma das maiores bandas de rock do mundo. Por favor, aplaudam o Led Zeppelin". Robert Plant está babando até hoje.)

Antes que algum ledmaníaco grite "heresia!", é bom saber que Robert Plant é fã da banda, e Jimmy Page, depois de uma bronquinha inicial, também sacou que o negócio é uma homenagem. Quem armou confusão foram os herdeiros de Elvis. Queriam proibir os caras de se apresentar, gravar e tal, porque Tortelvis dizia no começo que era filho bastardo de Elvis. Tort voltou atrás, disse que era só "filho espiritual", e tudo bem.

Com toda essa palhaçada *trash*, o Dread pode parecer um grupo de uma piada só. Não é, porque os caras são muito bons musicalmente. Ao vivo, corre que eles são um arraso: a temporada do DZ em Londres, no ano passado, entupiu o Marquee, e o show deles é um dos mais requisitados do circuito *college* americano. E no vinil, também, *Un-Led-Ed*, seu álbum de estréia, é um primor praiano, o disco que você precisa para seus dias de lassidão descerebrada ao sol. É só Led, com algumas elvices: "Hound Dog" entra no meio de "Black Dog", "Heartbreaker" casa com "Heartbreak Hotel", e o clip de "Your Time is Gonna Come" (do Led Zeppelin) você já viu na MTV. A cozinha é aquela preguiça jamaicana, Tortelvis capricha nos graves melosos e o guitarrista Jah Paul enfia umas guitarras Jane's Addiction de vez em quando. "Moby Dick", especialmente, ficou genial. O resultado é alegria-alegria, música de festa para gente legal.

A última deles é um novo álbum, *Five Millions*. Só que além dos covers de costume ("Jailhouse Rock" e "Stir Up" entre elas) está "Do The Claw", de autoria da banda. E é essa exatamente a música de trabalho — os Dread Zeps começam a mostrar a sua própria (?) cara.

Por enquanto, é o meu candidato mais forte como revelação do ano para o Prêmio Bizz 91.

ANDRÉ FORASTIERI

FRASES

"Fui criado por extraterrestres, modelado na pessoa mais popular da Terra — Elvis, naturalmente"

"Eu gosto mesmo é de ver a cara das pessoas quando nos vêem pela primeira vez"

Tortelvis

"Nós ouvíamos sobre como o Led Zeppelin não tinha senso de humor, e como eles não iriam levar isso numa boa. Agora estou totalmente desentendido com a forma como Plant reagiu a tudo"

"Jimmy Page disse em entrevistas que o Zepelin costumava ensaiar 'Stairway To Heaven' em ritmo de reggae"

Joe Zeppelin

METAL
■ hard ■ heavy ■ thrash

Mike Patton, o vocalista do Faith No More, deixou perplexa a platéia do Omni Stadium de São Francisco ao se apresentar com seu outro grupo, o Mr. Bungle. Baixou as calças e urinou em si mesmo • Por falar em Faith, o ex-vocalista Chuck Mosely entrou para os Bad Brains. O baterista e o vocalista dos Brains saíram do grupo para fundar o Human Rights, banda de reggae com uma pitada de hardcore • Palhaçada é com o Gwar. Os caras, fantasiados, proclamam-se alienígenas que vieram exterminar a raça humana com um gigantesco cortador de grama. O líder da patifaria, Sexecutioner, considera o pessoal do Faith como seus únicos aliados... por torturarem peixes (!), e é fã do Banana Split da televisão. Cada década tem o Kiss que merece • O Danzig é a mais nova sensação do metal, misturando em seu som Doors e thrash. Glenn Danzig, chefão do bando, prega violência explícita e satanismo baixaria. Em Tampa, Flórida, acabou o show com o pé em cima da cabeça de um careca, que ele mesmo tinha nocauteado com um soco. Isso depois de a vítima ter sido conduzida pelas mãos do público até as garras do cruel vocalista • Agora mesmo, em maio, estão excursionando pelos EUA Slayer, Megadeth e Anthrax, na turnê Clash Of Titans. *EVIL OTTO*

Margareth Menezes

Essa santa-de-casa também faz milagres

Ela se aproximou da linguagem pop para veicular o som afro-brasileiro, foi engolida pelo mercado internacional, e só a partir daí pôde ser degustada nas tabas nacionais. Um revertério gastronômico-cultural que pode não ser novo, mas trouxe aos ouvidos do grande público uma das melhores revelações dos últimos tempos. Ninguém precisa conhecer Oswald de Andrade ou David Byrne para dançar ao som de Margareth.

Aos 28 anos, com o terceiro LP pronto, ela se prepara para uma turnê internacional cobrindo Europa, Estados Unidos e Japão. Em 90, Margareth ficou fora de março a setembro — quatro meses excursionando com David Byrne e dois sozinha. Recebeu ótimas críticas, seu disco-exportação *Elegibá* foi festejadíssimo pela *Rolling Stone*, e as vendagens na América foram relativamente boas (15 000 cópias). No Brasil, nem tanto.

"Minha primeira preocupação é com a qualidade. Aconteci primeiro lá fora, mas no Brasil já ocupo meu espaço. Tenho paciência para esperar." No entanto, o *timing* baiano não vem acompanhado de falsa modéstia.

Margareth não se sente mal ao cantar para inglês (e americano, japonês...) ouvir. "É bom ser exportação", conta ela, rindo da suposta acusação. Há tempos não fala com Byrne e, apesar de gostar muito do ex-Talking Head, não quer ficar permanentemente associada a ele.

A baiana já pode caminhar sozinha pelo mundo. "Este espaço no mercado não vai passar como um modismo. Pelo contrário, vai aumentar ainda mais." Bom exemplo disto, para ela, é o disco de Paul Simon, que "vai além do que o David Byrne fez. O David tentou fazer música brasileira, o Paul fundiu seu estilo com o nosso".

Do segundo para o terceiro LP, ganhou prestígio, fazendo com que muita gente lhe oferecesse músicas. E também teve mais tempo, o que permitiu uma pesquisa de novos sons. "Sampleamos alguns instrumentos acústicos e buscamos novos timbres. Hoje é difícil criar algo novo, mas é possível mudar sonoridades", diz ela, que contou com duas eminências pardas branquelas na procura dos novos sons negros: o produtor e baixista Nestor Madrid e o tecladista Pedro Giarlandini. Argentinos, os dois colocaram um tempero portenho no tabuleiro da baiana, trazendo informações pop.

No disco, Jimmy Cliff faz uma participação especial, cantando ao lado de Lazzo. "Me Abraça, Me Beija". Desta vez, ela se mostrou mais como compositora, gravando também o versão que fez para "Poisson Gaio", do grupo haitiano Bookman Experience, e "Pais dos Kirius", para voz e violão. Mas a faixa que talvez resuma o espírito da cantora é a vinheta "Vendaval", entoada pelo Coral da Congregação Mariana de Salvador. Misturando gospel e umbanda, profano e religioso, "Vendaval" é um exemplo do sincretismo musical que faz do trabalho de Margareth Menezes uma das coisas mais interessantes surgidas nos últimos tempos.

PEDRO SÓ

PULSO

■ reggae
■ world beat

"Contribution" é o mais recente 12" da londrina Mica Paris. Mica (pronuncia-se Mixa, vem de Michelle) tem 21 anos, é de origem cubana e jamaicana e foi descoberta cantando no coral Spirit of Watts. "Contribution" é soul total, batida tribal e rap fundamental de Rakim (lembram-se dos americanos Eric B & Rakim, que samplearam a israelense Ofra Haza, e levaram o rap às paradas de world music de todo o mundo?). Extraída do LP de mesmo nome, a música tem metais quase jazz dos Delta Horns e guitarra quase funk de Nile Rogers. "Um mundo único/ Todas as cores convidadas", contribui Mica, num estilo vocal entre gospel e Anita Baker • "King Kong Five" é a contribuição dos franceses do Mano Negra, um remix da faixa do LP *Puta's Fever*. É etno, e vai bem com Kicking Back (With The Taxman) e Margareth Menezes. A linha de baixo puxa um *blá blá blá* em inglês com sotaque francês, e tem até efeitos dub. O lado B tem uma versão da pesada. Subversivo, e movimenta os pés • Saiu o volume 3 de *Le Mistère Des Voix Bulgares*, com vocais à *capella* dos coros Trakia e RTV Bulgare, fundados na década de 50. Os temas são as montanhas, lagos, o Danúbio, vinho, aguardente e as nascentes dos rios — uma contribuição essencial para a humanidade. O Pulso é uma coluna mensal para a vila global. Contribua, escreva para a BIZZ. Axé.

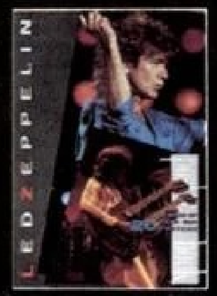
JAN FIELD

LIVRARIA DO ROCK

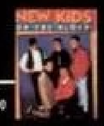
Rock in BookS

Big Bands, Big Stars... Big Books!

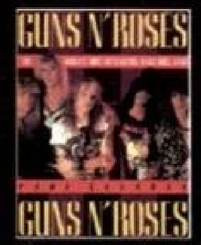
Relaxe e ouça! Os maiores artistas de rock e pop music do mundo estão agora em livros.
Você pode ler e colecionar biografias, fotos, poster-books, documentários fotográficos e songbooks...
Tudo o que rola por aí, desde Elvis até Faith No More, você encontra na Livraria do Rock. Dentro de finíssimas encadernações super ilustradas, importadas diretamente de Londres. São mais de 1.000 títulos incluindo tudo sobre técnicas instrumentais. Não é uma boa?
Você vai gostar de ler este espetáculo.
O rock tem um grande papel.



LED ZEPPELIN POSTER-BOOK
Livro Gigante (42 x 29,5 cm) com 20 Posters coloridos, exclusivos e destacáveis. Vários títulos:
A-HA, THE BEATLES, BON JOVI, THE CURE, ELVIS PRESLEY, GEORGE MICHAEL, GUNS N'ROSES, JAMES DEAN, MADONNA, MARILYN MONROE, MICHAEL JACKSON, PINK FLOYD, U2, THE DOORS, NEW KIDS ON THE BLOCK.
QUALQUER TÍTULO: Cr$ 5.000,00



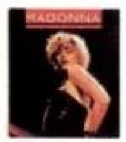
NEW KIDS ON THE BLOCK - Cr$ 4.720,00
NEW KIDS ON THE BLOCK - THEY'LL BE LOVING YOU FOREVER (COM POSTER) - Cr$ 3.930,00



GUNS N'ROSES THE WORLD'S MOST OUTRAGEOUS HARD ROCK BAND
Cr$ 3.900,00

GUNS N'ROSES - LOW LIFE IN THE FAST LANE
Cr$ 5.510,00

MARILYN MONROE IN HER OWN WORDS
Cr$ 5.510,00



MADONNA: THE NEW ILLUSTRATED BIOGRAPHY
Cr$ 7.890,00
MADONNA Cr$ 2.780,00
MADONNA HER STORY Cr$ 4.720,00
MADONNA LIVE Cr$ 3.130,00
MADONNA OWN WORDS Cr$ 5.510,00

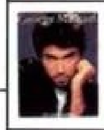
U2 - TOUCH THE FLAME (AN ILLUSTRATED DOCUMENTARY)
Cr$ 7.100,00
U2 - ROCK SCORE Cr$ 6.300,00
U2 - STORIES FOR BOYS Cr$ 4.720,00

THE BEATLES 100 HITS FOR ALL KEYBOARDS
Cr$ 5.520,00
Temos mais de 50 Títulos diferentes dos The Beatles. Solicite lista pelo Correio.

JOHN LENNON ANTHOLOGY
Cr$ 8.690,00
Temos mais de 20 Títulos diferentes de John Lennon. Solicite lista pelo Correio.

ROLLING STONES IN THEIR OWN WORDS
Cr$ 4.720,00
Temos mais de 10 Títulos diferentes dos Rolling Stones. Solicite lista pelo Correio.

JAMES DEAN IN HIS OWN WORDS
Cr$ 5.510,00

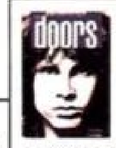

GEORGE MICHAEL
Cr$ 6.300,00

BON JOVI AN ILLUSTRATED BIOGRAPHY
Cr$ 5.520,00

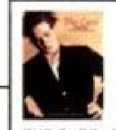
RUSH VISIONS THE OFFICIAL BIOGRAPHY
Cr$ 7.100,00

PINK FLOYD A VISUAL DOCUMENTARY
Cr$ 7.890,00

WHITESNAKE AN ILLUSTRATED BIOGRAPHY
Cr$ 6.310,00



THE DOORS IN THEIR OWN WORDS
Cr$ 5.520,00
DOORS - THE ILLUSTRATED HISTORY Cr$ 10.270,00
THE DOORS Cr$ 6.304,00
Temos mais de 20 Títulos diferentes do The Doors. Solicite lista pelo Correio.


THE CURE A VISUAL DOCUMENTARY
Cr$ 7.100,00
THE CURE - TEN IMAGINARY YEARS Cr$ 7.100,00
THE CURE Cr$ 3.140,00

PREÇOS VALIDOS ATÉ 10/06/91

TEMOS MAIS DE 1.000 TÍTULOS IMPORTADOS DA INGLATERRA E DOS ESTADOS UNIDOS EM CONSTANTE RENOVAÇÃO. ESCREVA-NOS SOLICITANDO A LISTA DOS SEUS ARTISTAS PREFERIDOS.

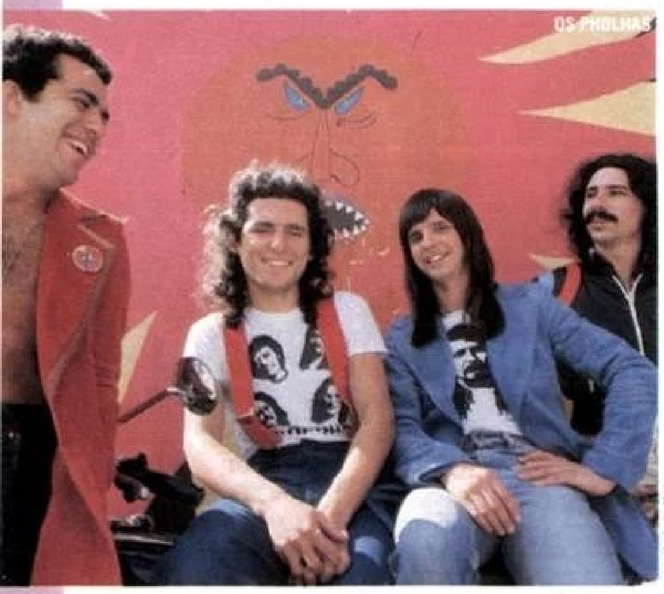
ENVIE-NOS SEU PEDIDO, ANEXANDO CHEQUE NOMINAL À SBS-Special Book Services OU VALE POSTAL.

SBS Special Book Services

LIVRARIA DO ROCK
SÃO PAULO
Rua Augusta, 1206
(Consolação) CEP 01304
PORTO ALEGRE
Rua Riachuelo, 838, Cj. 2
(Centro) CEP 90010
RIO DE JANEIRO
Rua Francisco Serrador, 2
Sala 903 (Cinelândia) CEP 20031

FAST FORWARD

COVER dose!



Leonardo Lanna Abril

A recessão chegou e até para comprar sua venerada "bíblia" de música pop (a BIZZ, é claro) está difícil. E para quê, se no final ela acaba detonando seu conjunto favorito?

Mas não somos ingratos, não mesmo, por isso preparamos esta vibrante matéria que pode mudar sua vida, trazendo para você fama (mesmo que má), grana (com o mínimo esforço), mulheres/garotos (bom, essa já fica difícil de garantir) e a chance de viver seu ídolo (tão detonado por nós) na pele. Trilhe a tão desejada estrada do sucesso. Monte uma banda de cover.

OK, já existem milhares de bandas cover. Mas e daí? Quem é bom se sobressai (além disso, queremos mais é que haja uma superlotação do setor e que os "coverboys" comecem a se matar uns aos outros).

E o que é esse fenômeno? Uma visão paternalista, dócil e bem condescendente, tirada de algum programa de TV para "jovens" (feito por gente com mais de 35 anos, lógico!) seria acompanhada de um texto ,mais ou menos assim: "Uma forma divertida de preencher a eterna lacuna dos shows de artistas internacionais, onde seus fãs dedicados poderiam prestar-lhes a mais sincera das homenagens e colocar para fora o desejo de encarnar, mesmo que por algumas horas, esses roqueiros míticos".

Conversa! É gente que não consegue compor uma linha melódica original e, não contentes em ficar babando em cima de seus pôsteres de Axl Rose e Bono Vox, atingem um orgasmo tocando "(Knockin' On) Heaven's Door" para um Damo Xoc semilotado.

Bem, voltando à vaca fria, vamos ao que você deve fazer para levar adiante o seu "projeto cover".

• Escolha uma banda de sucesso. Led Zeppelin cover ou Smiths cover é sucesso na certa, agora Everything But The Girl cover (ou Everything But The Cover?) ou Can cover não sairiam dos ensaios na garagem. E seja rápido, ao escolher uma novidade, antes que alguém o faça (para se ter uma idéia já existe o Faith No More cover).

• Recrute bons instrumentistas e lave o cérebro deles com a discografia da banda escolhida, lados B, takes "raros" de estúdio, fotos, críticas etc., ao ponto de eles acharem que **são** a banda e que têm três datas no Wembley Arena na semana que vem.

• Dica importante: procure incluir entre os membros de sua empreitada algum locutor de rádio, *anchorman* de telejornal local, amigo de dono de casa noturna etc. Funciona horrores na hora da divulgação.

• Pelo amor de Deus, não acrescente uma ponta sequer de alteração ou novidade às versões. A graça está em fazer tudo soar exatamente como o original.

• Poupe a grana do CCAA. Não é necessário falar um A de inglês, basta imitar o som das palavras. Para que saber o significado do que você está cantando, se muitas vezes nem o artista original sabe?

• O nome merece reflexão. Seja malicioso, irônico, sagaz, brinque com as palavras, abuse dos trocadilhos. Exemplos que já existem: Talking Heads Songs, Guns'N'Covers, Homenagem A Pink Floyd e o brilhante U2 Cover, verdadeiro preciosismo literário.

• Discoteca básica: o seminal LP do Rock Memory, a cover band que chegou lá (err, aonde?) e uma fita pirata de algum show do Beatles 4 Ever (hmm, que Prince esse nome, hein?).

• A seguir algumas sugestões de bandas de cover que, até o fechamento, não haviam sido usados por ninguém:

U2 Cover Cover A idéia aqui é soar mais igual ao U2 do que o U2 Cover.

Pholhas Cover Lembram deles? Os avós das bandas cover. Merecem uma homenagem na esteira do revival dos anos 70.

David Coverdale Cover Nem tanto pelo repertório, mas sim pelo ótimo jogo de palavras. O mesmo vale para o *SKOWA COVER*.

Boney M Cover Considere "Daddy Cool", "Ma Baker", "Rivers Of Babylon" e tantos outros clássicos que nunca deixaram a memória popular. Casa cheia garantida.

Technotronic Cover Bico! É só comprar o LP, tocar no palco e mandar o playback.

Agnaldo Rayol Cover ou Giane Cover Uma fatia do mercado que permanece intocada pelo fenômeno cover é a das festas-baile de cinqüentões. O repertório perolado dos dois grandes medalhões do segmento é a chave para arrebentar nos bailes da saudade.

E, antes que esqueçamos, existem algumas verdadeiras roubadas, projetos totalmente inviáveis:

Cabine C Cover Nunca! O único que iria nos shows seria o Ciro Pessoa e pode crer que não seria para elogiar.

Information Society Cover Já existe e tem até disco lançado. Conhecido também por Tek Noir.

USA For Africa Cover Impraticável a não ser que você tenha uma turma enorme. Além disso, o repertório é meio limitado.

Locomia Cover Aqui também um problema de repertório, só que bem mais sério. Só para shows-relâmpago, com não mais de dez minutos.

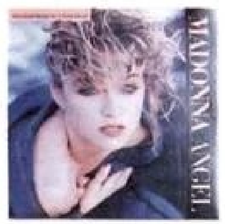
CAMILO ROCHA

REF 01 PHYSICAL ATTRACTION

REF 02 BORDERLINE

REF 03 LIKE A VIRGIN

REF 04 MATERIAL GIRL

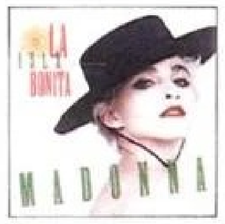

REF 05 ANGEL

REF 06 DRESS YOU UP

REF 07 PAPA DON'T PREACH

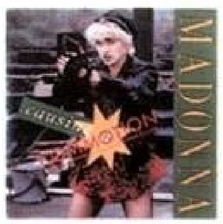
REF 08 TRUE BLUE

REF 09 OPEN YOUR HEART

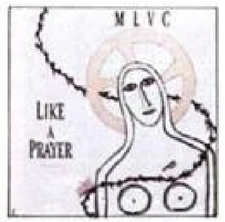


REF 10 LA ISLA BONITA

REF 11 WHO'S THAT GIRL



REF 12 CAUSING A COMMOTION

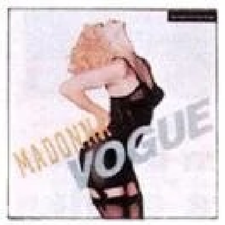


REF 13 LIKE A PRAYER

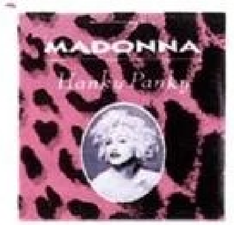
REF 14 EXPRESS YOURSELF

REF 15 CHERISH

REF 16 KEEP IT TOGETHER

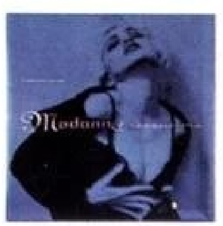


REF 17 VOGUE



REF 18 HANKY PANKY

REF 19 JUSTIFY MY LOVE



REF 20 RESCUE ME E MAIS

Agora na MIX STUFF você pede e nós enviamos em sua casa via Sedex. Para quem sempre quis ter os melhores da Madonna, a MIX STUFF traz para você esta super-promoção para não ficar desatualizado.
Ligue para nós nos telefones (9011) 228-7580 / 229-5486 e comprove os melhores preços, e para quantidades acima de 5 unidades oferecemos descontos especiais.
Consulte também os últimos lançamentos da Dance Music e Pop Music diretamente da Europa e E.U.A. em versões 12'' e CD's.

Desejo receber em casa os seguintes discos: BIZZ-70

REF	QUANT	REF	QUANT	REF	QUANT	OUTROS	QUANT

Nome _____
_____
Endereço _____
_____ CEP _____
Bairro _____ Cidade _____
Estado _____ Telefone _____
Assinatura _____

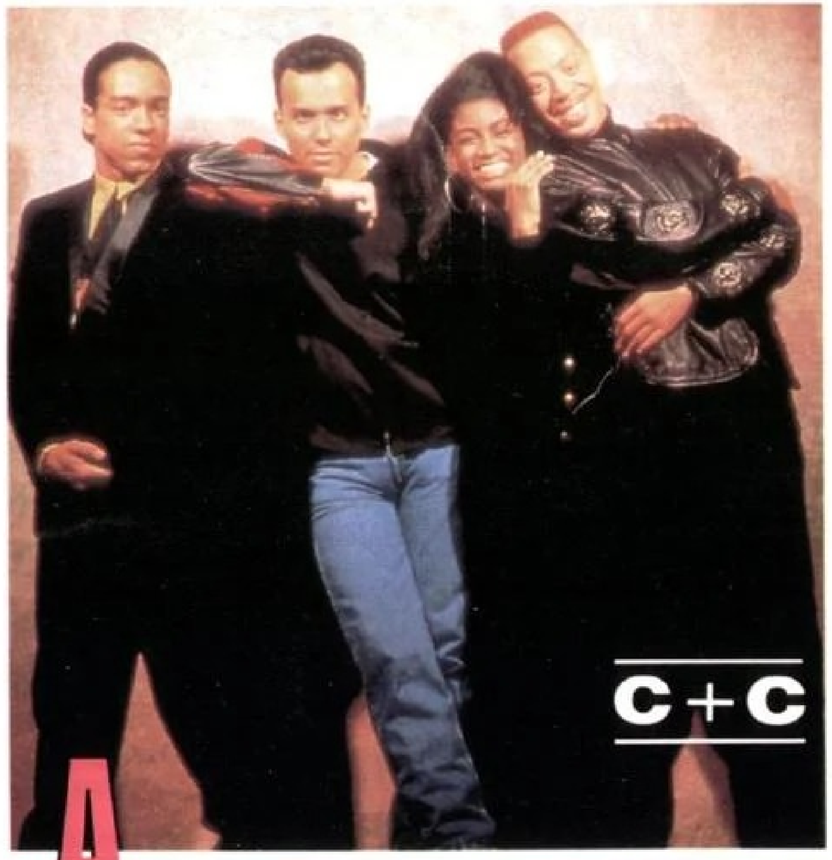
Mande este cupom para: MIX STUFF - Rua Brigadeiro Tobias, 470 - 1.º andar - sala 8 - CEP 01032 - São Paulo - S.P.
TELEFAX (0911) 228-7580 - TEL (9011) 229-5486.

MADONNA

Mix Stuff

IMPORTADORA & DISTRIBUIDORA

GROOVES + GUITARRAS



A nova linha de montagem de hits dançantes tem histórias para contar

Dance music é um gênero de carreiras rápidas, tendências instantâneas e uma abundância de nomes que vêm, vencem e somem. Quase isso, pois existe uma legião de produtores, DJs e músicos que constroem longas e produtivas carreiras, quase sempre nos bastidores, inventando projetos, grupos e trabalhos de produção e remix. O C+C Music Factory é o melhor exemplo disso.

Seu single "Gonna Make You Sweat (Everybody Dance)" é um potente ataque dançante pós-Snap! (rap, guitarras heavy e refrão com vocal feminino berrado). Foi, recentemente, número um na América, além de ultra-hit na Inglaterra, Europa e no Brasil. O LP do mesmo nome também segue o mesmo destino. Mas os cérebros por trás do C+C, Robert Clivilés e David Cole, manufaturam dance music de primeira desde 87.

Os dois produtores se conhecem há séculos, quando Clivilés discotecava num clube nova-iorquino, enquanto Cole improvisava nos teclados. Clivilés ficou impressionado e quis conhecer o tecladista. Nunca mais se separaram.

Seu primeiro projeto, o 2 Puertoricans A Blackman And A Dominican (Clivilés; o DJ e produtor/remixador Dave Morales, parceiro de Frankie Knuckles; Cole e Chep Nunez, da equipe de remixadores Latin Rascals), lançou um single apenas, a *blitzkrieg* house "Do It Properly".

A faixa ganhou diversas edições piratas e causou rebuliço suficiente nas pistas para elevar Clivilés e Cole a celebridades cult do mundo dance. Gravadoras queriam remixes à la "Do It Properly" para seus artistas — e muitos ganharam, como a atordoante "Pink Cadillac", de Natalie Cole.

Clivilés e Cole, porém, já não estavam mais nessa e partiram para novos projetos, como os grupos 28th Street Crew, The Brat Pack e Seduction. Este último, um trio de garotas semidespidas para dançar, foi a primeira dentada de Clivilés e Cole no Top 10 americano.

Além disso, reinventaram o som das Cover Girls e remixaram discos de artistas como Chaka Khan, Grace Jones, Communards, Joyce Sims, Fleetwood Mac (isso mesmo) e Janet Jackson.

No fim do ano passado conceberam a Music Factory como, exatamente, uma linha de produção constante de hits dançantes, numa receita rock + soul + pop + funk + tecno, como indica a capa do LP. O novo single é "Here We Go, Let's Rock'N'Roll". Base de lançamento para novos artistas, entre estes a cantora Zelma Davis e o rapper Freedom Williams (que também participou do The Crew, outro projeto, do meio de 90), ambos presentes em "Gonna Make You Sweat". Mas o vozeirão do refrão é da ubíqua Martha Wash, e é aqui que começam os problemas.

A hiper-rotunda Martha, com um pulmão de turbina de avião, ex-Weather Girls (sucesso anos atrás com "It's Raining Men") e ex-backing de Sylvester, revelou a pouco tempo ser a voz por trás do Black Box, que eventualmente processou. Martha está fazendo o mesmo agora com Clivillés e Cole, pois alega não ter recebido o suficiente para fazer os vocais principais para "True Love", do Seduction, além de não ter sido informada de que sua voz seria usada no refrão de "Gonna...". Os C e C se defendem: "Se Martha queria ganhar mais era só falar, somos amigos". Afirmam gostar muito dela e queriam até chamá-la para o vídeo de "Gonna...", mas no dia em que terminaram as gravações da faixa ficaram sabendo do processo. E, segundo Cole, "não se convida para jantar alguém que está tentando incendiar sua casa".

Rusgas à parte, o talento do C+C foi convocado para remixar os New Kids On The Block — e pode acreditar, aí assiste-se a um verdadeiro milagre da transformação. Enquanto mais figurões, como Mariah Carey, também correm atrás da vitamina C+C Music Factory para levantar sua música, a dupla já embarcou em outra. Desta vez é um trio vocal masculino chamado Trilogy, com o single "Love Me Forever Or Love Me Not". A fábrica não pode parar.

Mark Roberts PI

Duas doces vozes vêm animando pistas e enfurecendo fãs dos Smiths

De repente você começa a ouvir aquelas camadas de guitarras de Johnny Marr e se prepara para o lamurioso épico dos Smiths "How Soon Is Now?". Mas, em vez disso, recebe uma feroz batida funk que deságua em dois vocais popíssimos e levadas indie-rock. Assim começa "Hippychick", do Soho, um dos últimos hits crossover pista - parada. Quem está por trás disso?

O Soho, de Hackney, Inglaterra, são as irmãs gêmeas Jackie e Pauline Cuff e o guitarrista Timothy London. Existe desde 87, mas nunca havia conseguido deslanchar. Seu primeiro LP é *Noises*, de 88, renegado pelo grupo, que após seu fiasco foi dispensado pela antiga gravadora, a Virgin. O Soho ficou a ver navios até meados do ano passado, quando arrumou uma nova gravadora, a Savage.

"Hippychick" foi lançado então, atingindo um efêmero sucesso nas pistas inglesas. Mas qual não foi a surpresa do grupo e gravadora quando o single projetou-se velozmente para o número 14 da parada dos EUA, em fins do ano passado. O Soho tornou-se viável e conhecido, e o seu single, relançado na Inglaterra, ganhou a popularidade merecida. Seu novo LP, *Goddess*, está agora aportando por aqui. Inclui também o elogiado compacto "Hot Music" e o mais recente, "Love Generation".

Johnny Marr deu polegar para cima com relação ao sample de seu riff. Adorou a idéia e a música. Temos que concordar com Marr nisso, afinal o Soho fornece uma solução apurada de grooves balançantes e referências típicas do rock, principalmente guitarras, que não fica devendo nada a Manchester. Aliás, ao serem convidados pelo NME a definir o Soho em dez palavras, as gêmeas debocharam: "Sem sexo, sem álcool, sem drogas, sem diversão, sem brincadeira". E odeiam roupa larga. Nada a ver com Manchester, há de se convir.

CAMILO ROCHA

SOUP DRAGONS

O ANO DO DRAGÃO

Basta uma canção (alheia) para uma esquecida banda da Escócia tomar o mundo. Basta o sucesso para receber uma chuva de crítica e condenação

As aventuras de Sean Dickinson, cérebro e garganta dos Dragons, entre o anonimato e a fama

SOUP DRAGONS

O que primeiro chama a atenção em Sean Dickson é seu sotaque. Direto de Glasgow, capital da Escócia, ele dá de dez a zero no inglês incompreensível dos irmãos Reid do Jesus & Mary Chain.

Sean é o vocalista e o rosto público dos Soup Dragons, um grupo que, no verão inglês de 90, finalmente conseguiu chacoalhar a juventude e irritar profundamente a imprensa. Mas vamos ao princípio, em 85...

"Quando terminei a escola, fui trabalhar numa loja de roupas de segunda mão", lembra Sean. "E foi então que comecei a banda. Acho que a razão principal foi minha insatisfação com a música que estava sendo feita na época. Achei que talvez pudesse mudar a situação. Além disso, vinha compondo desde os treze, quatorze anos... tinha montes de músicas que queria tocar."

Os amigos convocados para executar a missão eram o guitarrista Jim McCullough, o baixista Sushil Dade e o baterista Ross Sinclair — que abandonou o grupo para voltar à faculdade meses antes do estouro comercial de "I'm Free" (hoje o posto é ocupado por Paul Quinn). Não havia inicialmente nenhuma direção específica.

"Não se planeja esse tipo de coisa! A música foi aparecendo naturalmente. Depois de um tempo, gravamos uma demo e mandamos para uma rádio de Glasgow, que começou a tocá-la sem parar. Quando finalmente demos nosso primeiro show, foi diante de quinhentas pessoas! A partir daí, as coisas foram crescendo..."

Na verdade, os Soup Dragons só começaram realmente chamar a atenção quando foram incluídos na compilação C86, editada pela *New Musical Express*. Uma amostragem do cenário independente de *guitar bands*, a chamada "Classe de 86" ganhou o rótulo *anorak* (um casaco com capuz típico do jovem proletariado britânico) e revelou nomes como Primal Scream, Wedding Present, Bodines, Stump e Age of Chance. A filiação hoje é rejeitada pelo vocalista.

"Sempre achamos que nunca estivemos associados a uma determinada 'cena'. Prefiro nos considerar sozinhos, assim é mais fácil sobreviver e tocar pelas razões certas. Quando se cria uma 'cena', há muita competição entre as pessoas e não gosto disso. Música é música. Você deve fazê-la porque acredita nela e não para chegar em primeiro lugar. Por outro lado, é difícil não se deixar afetar pelo que está acontecendo ao redor. Se alguma coisa nos influenciou na época, acho que foi a atitude: acreditar que é possível fazer algo por si mesmo, se expressar, acreditar em si mesmo."

Ainda em 86, os Soup Dragons lançaram seu primeiro EP, *Hang Ten* e, um ano depois, um LP com o mesmo nome. Mas este último, segundo Sean, trata-se de uma coletânea dirigida especificamente ao público americano e não deve ser considerado o álbum de estréia da banda.

Fora um ou outro raro entusiasta, a imprensa especializada limitou-se a despejar o veredicto que já os acompanhava desde o compacto de estréia, "Whole Wide World", uma música de um minuto e meio de duração; imitação dos Buzzcoks!

"Se estivéssemos tocando folk, teriam dito a mesma coisa! O que aconteceu foi o seguinte: um jornalista uma vez disse que parecíamos os Buzzcoks. Isso era uma opinião pessoal dele. Aí todo mundo se aproveitou disso. Jornalismo preguiçoso! Naquela época não nos preocupávamos muito com a qualidade de som de um disco e coisas assim. Tudo o que queríamos era entrar num estúdio e tocar músicas de dois ou três minutos. Tínhamos uma atitude meio punk, sim, e ainda temos."

Assim, o "verdadeiro" LP de estréia seria lançado em 88: *This Is Our Art Useless, Boring Impotent, Elitist And Very Very Beautiful* ("Esta É A Nossa Arte... Inútil, Chata, Impotente, Elitista, E Muito Muito Bonita").

O clima salada-mista do disco — psicodelia, funk, hard rock etc, etc. — é facilmente explicável: "Nós havíamos assinado com o selo americano Sire e levamos a eles várias demos e outras coisas que estavam jogadas pelo estúdio. Juntaram tudo isso e lançaram o disco! (*Hoje a distribuição dos Soup Dragons fora da Inglaterra pertence à PolyGram.*) O subtítulo era uma piada, o tipo de coisa que faz você rir um dia, e no dia seguinte não tem mais nenhuma graça. Nosso ex-baterista estudava arte, foi idéia dele. Era um momento em nossa carreira em que estávamos experimentando e tentando entender como as coisas funcionam num estúdio, isso leva tempo. Eu estava começando a querer produzir nossos discos e havia uma certa frustração com o que estávamos fazendo. Por isso não gosto daquele disco. Para falar a verdade, acho que *Lovegod* é nosso primeiro LP. Ele veio diretamente de nossas almas e estou 100% satisfeito com ele."

Para o grande público consumidor de pop no planeta, os Soup Dragons realmente só começaram a existir após o lançamento do single "I'm Free".

"Não é uma cover óbvia, não é uma cópia do original. Eu vi na TV aquele show dos Rolling Stones no Hyde Park e achei essa música supercool, com uma atmosfera superlegal. No dia seguinte, estávamos ensaiando... sabe como é, a gente tinha fumado e estava fazendo uma jam session... que é o que geralmente acontece nos ensaios (*risos*) e começamos a tocar 'I'm Free'. Uma semana depois, começamos a gravar *Lovegod* e resolvemos incluí-la. O engraçado é que eu nem sabia a letra, apenas algumas frases! Só havia escutado a música uma vez, na TV. Aí, inventamos o resto. No final até fomos creditados com o arranjo — apesar da autoria de Jagger/Richards — porque mudamos a música completamente. É aquele *toast* do Junior Reid... totalmente diferente, assim como o coral gospel. Acho que se alguém resolve fazer uma cover, deve procurar algo distante do original. É claro que já ouvi ótimas covers bem parecidas com os originais, mas se alguém gravar uma música nossa, gostaria que ficasse bem diferente."

Se o original dos Stones passou praticamente desapercebido em 65 (*ver boxe*), 25 anos depois a "adaptação" dos Soup Dragons te perseguia na rua, nas lojas, nas rádios, nos bares e — claro — nas pistas de dança. De um dia para o outro a banda escocesa estava em todas as revistas de música e programas de TV.

"Acho que o sucesso dessa música se deve à energia que ela tem. É sempre assim com um bom disco... causa uma sensação difícil de descrever. Melhor que sexo, até. 'I'm Free' é única e, naquele verão, havia uma atmosfera genial na Grã-Bretanha. Nunca encontrei alguém que não gostasse de 'I'm Free'... *rockers*, fãs de dance music, todo mundo curtiu e amou a intenção da música. Foi perfeita para a época, mas também é eterna."

O vídeo foi feito por um amigo da banda: "Ele sempre entende o que queremos. Este clip é estranho, tem coisas que as pessoas não reconhecem, como nuvens e imagens de água. É muito mais orgânico e menos computadorizado do que geralmente pensam."

Quando conto que, nas pistas brasileiras, "I'm Free" tem formado uma dupla muito bem-sucedida com "Freedom", de George Michael, a reação de Sean é impublicável.

"Aí, não! Elas não têm nada em comum. Não temos nada em comum com aquele cretino (*risos*). Eu odeio o George Michael, é um imbecil. Rouba idéias de todo mundo. Em 'Freedom', ele simplesmente viu o que estava acontecendo em termos de pop e tentou copiar. Além disso, eu o acho racista. Numa entrevista, ele disse que ninguém nunca havia tentado combinar a batida negra com a guitarra branca — ou seja, a batida de 'Funky Drummer' do James Brown com um violão! Imagine pensar em música nesses termos! É nojento. Mas se estão tocando as duas músicas juntas, ótimo. Fica ainda mais óbvio que somos melhores que ele".

Depois de arrombadas as portas com "I'm Free", os "Dragões de Sopa" reeditaram o single anterior — "Mother Universe" — mas o sucesso não se repetiu.

"O compacto vendeu bem na primeira vez, mas aí veio 'I'm Free', que vendeu horrores, e as pessoas começaram a se interessar pela gente e a procurar 'Mother Universe', que havia saído de catálogo. O que fizemos então foi regravar a música... Não queríamos explorar nossos fãs fiéis."

Por causa do alto teor dançante de seu megahit — uma suposta "traição" ao passado pós-punk independente da banda — os Soup Dragons se tornaram a banda mais odiada pela imprensa musical britânica. Como se isso não bastasse, outras bandas uniram suas vozes às acusações de oportunismo.

"Acho que teve muito a ver com inveja. Muita gente sabe que, quando lançamos essa música, para nós era apenas mais um single. Juro por Deus: quando me telefonaram dizendo que 'I'm Free' havia entrado no Top 20, eu não acreditei! Muita gente ficou com raiva porque está tentando há anos entrar nas paradas e, de repente, nós lançamos um compacto e fazemos o maior sucesso. Outra coisa: tem gente dizendo 'vocês lançaram uma música com elementos dance e não entendem nada do assunto'. Isso é absurdo! Faz cinco anos que estamos no Big Life, um selo independente quase só de dance music (*o mesmo de Lisa Stansfield, Yazz e Coldcut*)! Em 87, lançamos um single chamado 'Can't Take No More', que fez bastante sucesso nas casas noturnas. Mas não somos uma banda dance. Somos uma banda que faz as coisas por conta própria e que utiliza diversos elementos diferentes. Somos uma *guitar band* com um certo *groove*, fazendo música que dá vontade de mexer o corpo. O mesmo que gente como Hendrix, T.Rex, até os Stones. Nossa música mudou sim, mas para melhor. Estamos fazendo música mais verdadeira. Achamos o que estávamos procurando."

Quando cito a então recente cena *indie dance* como um dos fatores que contribuíram para as acusações, Sean continua a se defender: "Quando lançamos 'Mother Universe', o elemento dance ainda era muito underground. Não existia essa coisa de *indie dance*... Entre 'Mother Universe' e 'I'm Free', muitas coisas aconteceram. As pessoas que nos conhecem sabem de onde viemos, e é isso que importa".

"Não somos uma banda dance. Somos uma guitar band com um certo groove"

"O fato das *guitar bands* terem sido afetadas pela música dos clubes fez muito bem para o cenário independente. Era um movimento muito introvertido, agora ficou mais extrovertido. É bem saudável, mas ainda acho que as pessoas devem fazer aquilo que *sentem* que devem fazer e não gravar dance music porque é o que todo mundo está fazendo."

A indústria musical que, para melhor vender seus produtos, criou milhares de rótulos diferentes, agora insiste em um termo específico: *crossover*.

"Não acredito em *crossover*", protesta Sean. "É um termo de marketing. Dá a entender que existem barreiras que devem ser atravessadas. Como se um artista de

.022 NME C86

Lembra onde você leu primeiro? Ao lado, Fernando Naporano apresenta a banda no Porão da BIZZ de outubro de 87. Acima, a capa do cassete C86, editado pelo NME, que revelou os Dragons e toda uma geração de guitar bands

repente não quisesse mais saber de seu público e fosse procurar outro. Nos Estados Unidos, existe esse problema com as rádios. Se você faz sucesso nas *college radios* e daí começa a tocar nas FMs, todo mundo te acusa de ter se vendido. Mas não é culpa da banda se uma estação decide tocar sua música! (*risos*). As pessoas devem parar de pensar a música em termos de barreiras. De qualquer forma, essas barreiras não devem ser atravessadas e sim destruídas. As pessoas devem fazer o que quiserem. Era assim nos anos 60 e 70, e era muito mais saudável."

Sean prefere não opinar sobre o futuro da *indie dance*, mas "gostaria de ver cada vez mais gente experimentando cada vez mais". Quanto à falta de verdadeiros pop stars no mundo musical dos 90, ele culpa a mídia.

"Aquela frase do Andy Warhol, sobre os quinze minutos de fama, virou verdade. Hoje em dia a mídia é mais intensa, mais interessada nas pessoas. Constroem o teu sucesso, mas também o destroem."

Entre sair para dançar num clube, ir a um show ou ficar em casa ouvindo música, Sean prefere... todas as alternativas. "Adoro ir dançar, adoro um bom show e adoro ouvir um bom disco. Mas são baratos diferentes, energias diferentes."

Quase me arrependo de perguntar o que ele tem ouvido ultimamente.

"Tantas coisas... Estávamos em turnê pelos Estados Unidos, bombardeados por música muito estranha, em lugares muito estranhos! (*risos*) Gosto de muitas coisas: Hendrix, Beatles, Rolling Stones, Sly & The Family Stone, T.Rex, Sex Pistols e bandas *two tone*, como os Specials. Nos anos 80: My Bloody Valentine, Jesus & Mary Chain, Sonic Youth. E também Deee-Lite, De La Soul, A Tribe Called Quest, Stereo MCs..."

Sean Dickinson, um homem de gostos variados. E intermináveis.

ANAMARIA G. DE LEMOS

PORÃO

SOUP DRAGONS

Os dragões da selva: um nome esquisitinho e boas canções tocadas com entusiasmo e honestidade

A ascensão do quarteto inglês para o qual dois minutos bastam. Por *Fernando Naporano*

"I'M FREE" ACUSADA, CONDENADA E ABSOLVIDA

Em 99% de suas entrevistas pós-estrelato, Sean Dickson tem gasto rios de saliva para se defender das acusações de ter pego andando o bonde da transfusão de sangue que a dance deu num gênero agonizante: o velho núcleo baixo-guitarra-bateria. (Por mais "interessantes", Pixies, Sonic Youth e congêneres não escapam de soar derivativos.)

Dickson não precisava perder tanto tempo com isso — tanta ênfase chega a ser suspeita. Depois, o coquetel de "I'm Free" é oportunista, sim. No melhor sentido do termo. O mais pop possível, em sua gulosa colagem rock-reggae-soul-gospel-dance, a partir da apropriação do refrão de uma canção obscura dos Rolling Stones ("I'm Free" preenchia o lado B do compacto "Get Off My Cloud", lançado em outubro de 65. Pode ser encontrada também nos LPs *Out Of Our Heads*, e sua edição americana *December's Children*, do mesmo ano).

Os Soup Dragons não podem negar que vieram engrossar um filão inaugurado um ano antes, em Manchester, com "Fool's Gold" (Stone Roses) e *Hallellujah*, dos Happy Mondays (*cheque a entrevista deles nesta edição*). Ou então oito, nove anos com a metamorfose operada pelo New Order em *floorfillers* como "Everything's Gone Green", "Temptation" e "Blue Monday".

A prova de que Dickson e cia. sabiam exatamente o que queriam está na escolha, para mixagem de "I'm Free", de Mark McGuire (colaborador do S'Express) e — mais sintomático — de Terry Farley. Este integra com Andy Weatherall a dupla Boy's Own, figuras-chaves na *indie dance* que mixaram, "Loaded" do Primal Scream — a primeira banda da "Classe de 86" a aderir ao sampler e ao bumbo digital. Outra evidência aparece no *toast* de Junior Reid, ex-Black Uhuru. Ele já dera este tipo de contribuição em "Stop This Crazy Thing" do Coldcut.

No último ano, o filão de Manchester virou enxurrada: de Inspiral Carpets, Charlatans a Ride e Jesus Jones. Os Soup Dragons não devem se envergonhar de não terem sido os primeiros. O mix certeiro no momento certo. "I'm Free" já está inscrito entre os "clássicos do gênero". *J.A.L.*

Sony faz a sua cabeça.

"Um, dois, direita, esquerda! Abra os braços, atenção, continuar! E um! E dois! no compasso da canção!"

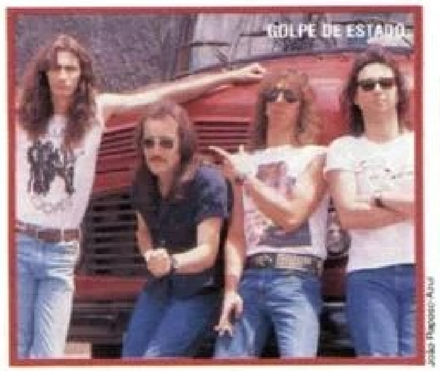
WM - F2015
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

WM - BF 59
IMPORTADO

Agora no Brasil
WALKMAN
Marca e produto criados pela SONY

SONY
É mais que um som.
É um Sony.

TRÊS VEZES ROCK



João Rapozo Azul

X-RATED

As bandas de três diferentes capitais mostram como o hard rock nacional continua vivo e chutando

Gladstone Campos Azul

Engana-se quem pensa que o Rio vive só de praia. Aqui também se respira o velho e bom rock'n'roll. Que o diga a galera do X-Rated, que vem arrebatando a tribo mais furiosa da cidade com seu hard/heavy cheio de misturas. "As influências são muitas", admite André Chamom, baterista do grupo e ex-membro do Stress. A banda surgiu há um ano e meio, depois de muitas experiências em busca da formação ideal. Além de André, o grupo conta com a experiência de Marcos DB nas guitarras (ex-Azul Limão), "Lucky" Luciano nos vocais (ex-Robertinho de Recife) e Bruno Schbnel no baixo.

Mesmo com tão pouca estrada, o grupo já gravou um LP independente (*Shaking Like A Bad Machine*) e mostrou muita garra ao ficar em terceiro lugar na Escalada do Rock, perdendo por meio ponto o direito de se apresentar no Rock In Rio. Distribuído pela Heavy, o disco saiu em novembro do ano passado com uma tiragem de mil cópias — 500 para venda e a outra metade para as gravadoras e contatos em todo o mundo. Contém dez músicas — todas cantadas em inglês e compostas pelo grupo. Produzido por eles mesmos e mixado no Master, reflete bem o ecletismo da banda, que assume a variedade de influências e opiniões como um trunfo. "A idéia é misturar heavy, trash, funk e o que mais pintar", diz André. "A gente procura respeitar a individualidade de cada um e juntar tudo, até no visual. E daí que vem a nossa força."

Formada por um paraense (André), um paranaense (Luciano) e dois cariocas, a banda diz que o nome (X-Rated, em inglês, é a categoria da censura que designa filmes altamente pornográficos) exprime sua visão de Universo. Segundo Luciano, é tudo "uma imensa pornografia, onde o Criador — e censor — é um privilegiado *voyeur*". Para André, o heavy ainda traduz a insatisfação dos jovens: "É rebeldia pura; acredito que ele ainda não se deturpou, apenas se diversificou. O importante é o estilo, a forma da execução, a postura". Segundo Marcos, a incorporação do rock pela indústria musical faz do sistema "uma espécie de cachorro que está comendo seu próprio rabo"; ou do metal "um antagonista que está virando protagonista" (Luciano).

Mas a essência da coisa ainda está aí, em algum lugar — "Você não vai deixar de fazer sexo só porque muita gente ganha dinheiro com isso". Diz Bruno que, em termos de postura, um rapper novaiorquino, com sua espontaneidade, é mais rocker que os poseurs de bandas, como Poison e Bon Jovi. "Eles podem até ser muito bons, tecnicamente falando, mas a ideologia se perdeu. Existem até bandas que falam mal do sistema porque isso hoje dá dinheiro." É claro que o baixista sabe que sua banda corre os mesmos riscos... Mas, segundo eles, o X-Rated tem "vontade de acertar, e muito rock'n'roll para dar".

Enquanto a fama não vem, o grupo vai se contentando com o underground carioca, sem esconder a vontade de "invadir" os altiplanos paulistanos e mostrar o que que o Rio tem. "São Paulo é uma cidade enorme, a maior metrópole da América Latina. É por essas e outras que as coisas acontecem mais por lá. Aqui, quase não temos espaços para tocar. O Rio é meio hollywoodiano, uma espécie de vitrine."

A vontade inicial do X-Rated é montar uma base sólida no Brasil, para depois alçar vôo em direção ao mercado internacional, na trilha de bandas como Sepultura e Ratos De Porão. A primeira fase já está se tornando realidade — eles já têm até fã-clube. O exterior será o segundo passo, "mas sempre voltando para pegar uma prainha em Ipanema".

ANDRÉ BALOCCO

CARA DE BANDIDO

Antes da entrevista com o X-Rated, o fotógrafo levou o grupo para uma volta pelo Rio, em busca do cenário ideal para ilustrar a matéria. Depois da cobertura do prédio onde mora o vocalista e das obras (eternamente inacabadas) do Metrô carioca, eis que surge a avenida Atlântica no caminho deles. Bem perto de uma cabine da Polícia Militar, e devidamente cercados por curiosos, começa a sessão.

"Deixa eu dar uma mijada", diz Bruno, apertado com as inúmeras latas de cerveja preparatórias. A pedido do fotógrafo, Bruno manteve a pose — despertando a revolta em uma senhora idosa, chocada com o que via. E lá se foi a Polícia Militar para coibir o "espetáculo", levando o baixista para a cabine mais próxima. So depois de uma hora de insistentes tentativas da equipe de BIZZ, os soldados deram-se por vencidos, liberando Bruno. "Mais uma prisão para o meu currículo", disse ele, sob as gargalhadas dos outros membros da banda.

ANDRÉ E MARK, BRUNO E LUCKY

Silvio Vespa Azul

GOLPE DE ESTADO

CATALAU

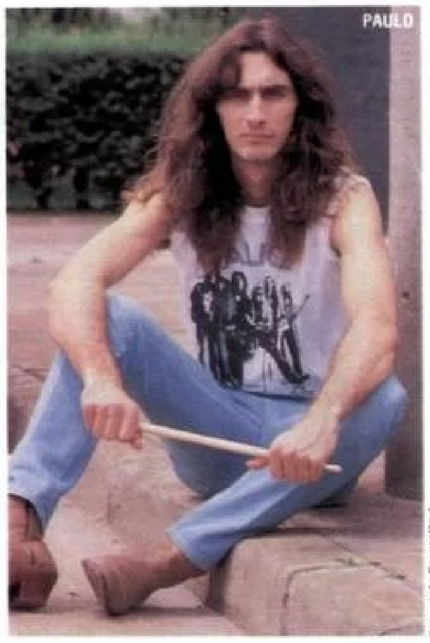
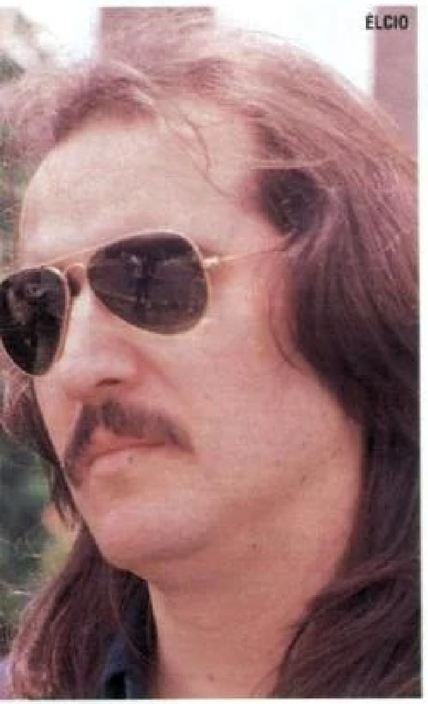
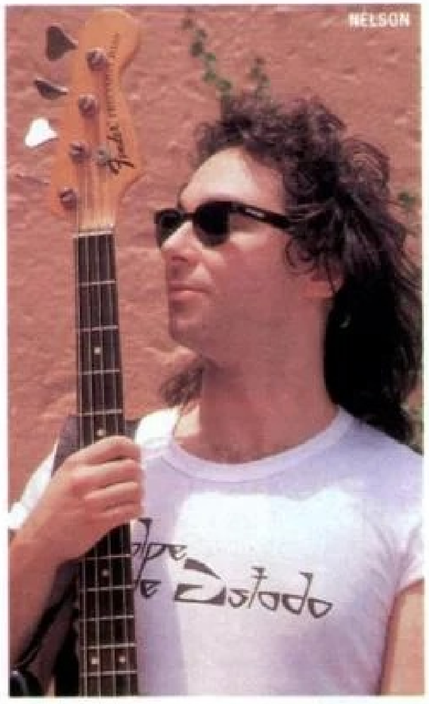

PAULO

Foto: João Raposo/Abril


ELCIO


NELSON

Misture um guitarrista fã de Black Sabath, Led Zeppelin e Deep Purple, um baterista escolado no som de Credence, Cream, Chuck Berry, Status Quo e Buddy Rich, um baixista chegado em Beatles e Who. E, para catalisar a fórmula, um cantor nascido e criado em Nova Orleans, filho de um bluesman e fanático por Stones e Steppenwolf. Você terá a receita ideal da banda de hard rock. Você terá o Golpe De Estado.

A banda paulistana chegou atrasada na estrada, já em plena década de 80, mas se revelou exímia pegadora de bonde andando. O guitarrista Elcio Aguirra, que tenta fugir da influência de Toni Iommi mesmo usando bigode e uma Gibson, fundou o Harppia e gravou com ele o LP *A Ferro E Fogo*. Coincidentemente, o baixista Nélson e o baterista Paulo Zinner também tinham um grupo com o mesmo nome! Depois formaram o Fickle Pickle ao lado de André Christovam. Catalau, inspirado pelo pai, começou a compor com oito anos de idade. Com dezesseis já compunha para o Casa Das Máquinas — e esse hábito virou, em suas próprias palavras, "uma necessidade quase física; a abstinência chega a dar dor de cabeça". Por falar em abstinência, o cantor Catalau já está há oito anos sem beber, depois que a trilha rocker o levou a uma internação por alcoolismo. "Descobri que, sem beber, pouco muda o rock'n'roll. Até ajuda", diz ele.

No começo eram só dificuldades e diversão. Paulo ainda não tinha bateria e ensaiava com um kit de latas de biscoito. Para os shows, precisava sair pela cidade catando peças para formar uma bateria. Chegou ao extremo de se atrasar duas horas para uma apresentação, tendo que atravessar a platéia lotada com o instrumento e montá-lo às pressas, enquanto a turba ansiosa urrava.

Com a gravação de dois discos pela Baratos Afins, que se tornaram best-sellers da gravadora independente (com uma vendagem em torno de trinta mil cópias), as coisas mudaram um pouco. Casas sempre lotadas, muitas vezes nem permitem que Catalau cante sozinho os hits do grupo. A massa adere em coro. Mas, com certeza, o público não é o grande problema — geralmente as tretas são com os organizadores dos shows. "Tem um produtor aí que a gente já ficou louco para matar, mas não nos envolvemos em bai-

xarias. Os caras te provocam para você dar uma neles, e depois a gente se fode", explica Nélson. Catalau diz que para se agüentar tem de ficar batendo a cabeça na parede do banheiro.

Em março eles começaram as gravações do seu quarto disco, o segundo pela Eldorado, sem que as músicas estivessem bem prontas. Eles preferem a espontaneidade do estúdio. "Hoje, a gente tem muito mais facilidade para desenvolver o nosso trabalho, e uma melhor divulgação que a gravadora nos oferece", arremata Elcio. Mesmo tendo vendido bem menos discos na Eldorado do que na fase independente, eles se dão por satisfeitos com o respeito que vêm adquirindo. A gravadora avaliza o desempenho da moçada, deixando-os fora do pente-fino que passou pelo seu cast no ano passado. Graças a isso, 91 vai assistir a mais um Golpe de hard rock.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

KAMIKAZE

"Tudo começou por acaso — tínhamos umas músicas prontas, aí rolou um festival de grupos novos, e acabamos em primeiro lugar." Esse início despretensioso, igual ao já vivido por n bandinhas no país, marcou a formação do Kamikaze, uma das mais tradicionais agremiações metalúrgicas das Alterosas.

Com dois LPs pela Cogumelo, Guilherme Bizzoto (voz), Reginaldo Silva (guitarra), João Guimarães (bateria) e Gustavo Duarte (baixo) parecem estar prestes a voar mais alto. Seu som de têmpera hard encontra ressonância em expressivos nomes do passado. "Sempre ouvi Led Zeppelin, Deep Purple, Cream, Ten Years After", confessa João. "Dos grupos atuais, gosto muito do Living Colour. Os caras conseguiram somar peso à levada suingada dos negros. É bem ousado." No Brasil, "o Barão Vermelho é o que mais se identifica com nossa proposta. Não queremos malhar ninguém, mas que o rock hoje anda cheio de armações, ah, isso anda", arremata Reginaldo.

Obcecados pelo apuro técnico, eles não pouparam esforços na produção de *Dois*, seu último disco. Como explica João; "foram mais de 400 horas de gravação, tempo para que pudéssemos obter um bom produto final. Chegamos até a transcrever num computador vários solos de guitarra que pegamos de discos feitos lá fora, em aparelhagem mais sofisticada. Depois tentamos nos aproximar daquele padrão de qualidade".

O resultado desse esforço pode ser ouvido em faixas como as detonantes "Guerra Do Pó" e "Blow It With Your Fingers", além da cover de um dos hinos da geração 70: "Hey Amigo", do Terço. "É uma homenagem aos pioneiros do rock nacional. A princípio, ficamos entre o Terço e os Mutantes, mas como já tinha o *Sanguinho Novo*, a dúvida acabou", lembra Reginaldo.

Em 87, a participação na coletânea *Rock Forte* (Plug/BMG-Ariola) deixou a rapaziada amargurada. "Foi tudo muito ruim", conta João, "Acho até, conforme dizem por aí, que esse tipo de disco só serve para a gravadora abater no Imposto de Renda. Não teve divulgação, trabalho nas rádios, nada".

Hoje, mais céticos, tudo o que querem é levar seu som para o maior número de pessoas. Diz Reginaldo: "Para ser sincero, estamos desligados da parte burocrática do novo disco, não temos sequer um controle das vendas. De qualquer forma, queremos mesmo é fazer shows, de preferência em São Paulo, onde acreditamos que nossa música vá encontrar mais aceitação".

ARTHUR G. COUTO DUARTE

GUILHERME E GUSTAVO

REGINALDO E JOÃO

Giacintone Campos/Abril

EMBALOS DA FESTA

Bandalheira é com eles. Num clima de antientrevista, Shaun Ryder explica que veio para confundir

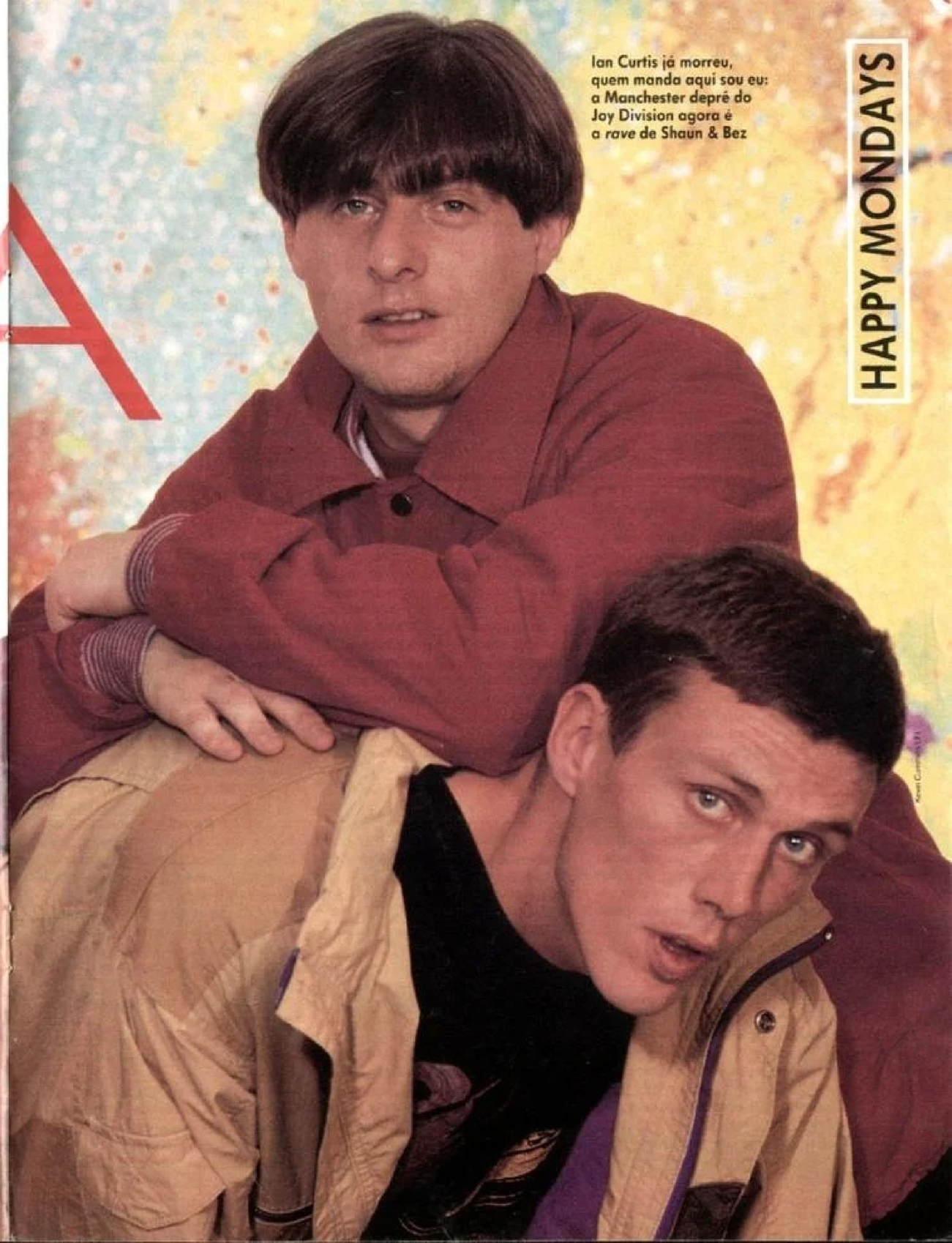
Eles não trouxeram os prometidos mil tabletes de ecstasy, mas nem por isso a temporada dos Happy Mondays no Rio de Janeiro deixou de fornecer motivos para riso e festa generalizada. Veja o que tem a dizer — ou melhor, a murmurar, em quase incompreensível sotaque de Manchester — o vocalista Shaun Ryder.

Um leitor indignado considera uma foto de Shaun Ryder, fumando um "cigarro sem marca", uma propaganda negativa a pobres jovens descabeçados e influenciáveis. Pelo contrário, é só olhar para a condição física de Shaun para nunca mais querer chegar perto de qualquer tipo de droga.

São três horas da tarde numa sala reservada do Hotel Rio Palace, e Shaun está travado. Os Mondays acabaram de passar por uma patética entrevista coletiva com a "nata" da imprensa musical brasileira.

Shaun está sentado no meio de três ávidos interlocutores: eu, Jean-Yves de Neufville, então da Folha de São Paulo, e José Roberto Mahr, DJ e responsável pelo programa Novas Tendências. Na sua frente estão duas latas de cerveja, dois copos de whisky bem abastecidos — um de Ballantines e o outro de Jack Daniels —, consumidos alternadamente, junto com um baseado de haxixe que circula pela sala, completamente tomada pela desordeira e barulhenta troupe que acompanha o grupo. São três horas da tarde e o ambiente é de festa, só falta a música. Mas, por Deus, isto não é uma festa, é para ser uma maldita entrevista. Shaun deve achar o contrário, com certeza.

A impressão que se tem é de que tanto para Shaun como para centenas de milhares de jovens ingleses, que são a cara



Ian Curtis já morreu, quem manda aqui sou eu: a Manchester deprê do Joy Division agora é a *rave* de Shaun & Bez

HAPPY MONDAYS

Jorge Rosenberg Azul

"O tempo dos *cabeças* acabou"

HAPPY MONDAYS

dos Mondays, tudo é festa. Os Happy Mondays são típicos garotões normais da Inglaterra dos raves, do ecstasy, dos altos porres, do dançar-até-derreter, da mais completa desencanação.

Por que os jovens ingleses de hoje são tão diferentes dos de há dez anos atrás? Antes havia um ambiente de baixo-astral, deprê (Smiths, Joy Division, Bauhaus, Cocteau Twins, lembram?) e hoje tudo é festa 24 horas por dia, rave, dançar...

"Sim, mas é outra faixa etária, são outras pessoas. O que havia antes era o domínio do gosto dos estudantes universitários, 'supercabeças', mas seu tempo se foi. Agora são garotos normais querendo se divertir."

E onde estavam os garotos há dez anos?

"Bom, a cena musical não era ditada por gente como nós. Tivemos nossa chance de começar a aparecer em clubes e a fazê-los acontecer. Dez anos atrás, essa garotada de hoje provavelmente estava no primário."

Você pode definir para um leigo o que é a alardeada cena de Manchester?

"A cena de Manchester para mim é o seguinte: no fim de 1987, um monte de ecstasy veio para Manchester, creio até que, por um tempo, todo ecstasy da Inglaterra estava em Manchester. Ao mesmo tempo, toda a velha cena de bandas estava no fim, o que deu espaço para gente como nós, que estávamos tocando em clubes. O que realmente detonou tudo foi o ecstasy, sem ele não teria acontecido."

O que acontece com você quando toma ecstasy?

"Ahrrrrr ... não sei, é como estar..."

Não lembra?

"Lembro, lembro, você tem pleno controle sobre tudo. Você não viaja nem tem alucinações ou coisas do gênero. A maioria das pessoas, quando toma ecstasy pela primeira vez, sai dizendo 'Acabei de pagar trinta libras por esse troço e não sinto merda nenhuma'."

Então há muito ecstasy ruim em circulação?

"Ecstasy ruim é aquele cheio de anfetamina. Com ecstasy bom você nem percebe que está sob o efeito da droga. Você acha que está perfeitamente normal mas não, está num astral duplamente ótimo, sendo legal com todo mundo e se divertindo".

Trouxe algum com você?

"Bom (*rindo*), me disseram que havia de monte por aqui, a 25 pence cada..."

Mas era verdade que vocês estavam trazendo mil tabletes de ecstasy para cá?

"Nãâãão, não. Puta que o pariu, não poderia trazer mil tabletes, ia pegar *fuckin'* dez anos de cadeia por isso."

Então você mentiu para ele (*Jean-Yves*) no telefone?

"Eu nunca disse que traria mil tabletes de ecstasy."

Jean-Yves: "Você disse isso para mim."

Shaun: "Eu disse que traria um para você! Eu ia mesmo trazer um para você, mas recebi um *fuckin'* fax da gravadora aqui que me mostrava na primeira página de um jornal com a manchete: 'Happy Mondays trazem mil ecstasy para o Brasil'. Eu disse, caralho, esqueça, não pretendo passar uns dias na prisão. Já estive tempo demais lá."

Jornais ingleses, como NME e Melody Maker, elegeram o último LP dos Mondays *Pills 'N' Thrills And Bellyaches*, o melhor do ano passado. Você concorda com isso?

"Bom, não gosto de ficar me promovendo e ficar dizendo que sou o bom. Alguns anos atrás, quando fizemos o LP *Squirrel And G-Men*, estávamos só aprendendo, jogando algumas linhas de baixo, era OK. Mas não estávamos satisfeitos, então levamos a coisa um pouco em outra direção em *Bummed (o LP seguinte)*, apesar de que a produção ainda não estava no caminho certo. Mas sobre este último LP tivemos total controle. Eu consigo escutá-lo, ao mesmo tempo que não consigo escutar as coias que fizemos antes, LPs e EPs. Me divirto com este LP, realmente gosto dele, acho que é um bom álbum. Se não estivesse envolvido com ele, provavelmente o acharia melhor ainda.

E que outros discos você escolheria entre os melhores do ano?

"Ahrrr... sei lá. Tem vários discos que eu gosto, mas a gente nunca consegue lembrar os nomes dos artistas, são coisas de dance music, essas coisas novas..."

Qual a diferença de trabalhar com um produtor que é "músico de arte", como John Cale, e um cara *in* e antenado como Paul Oakenfold?

"Oakie tem nossa idade, cresceu no mesmo ambiente, com a mesma música, freqüentando os mesmos clubes, indo aos mesmos lugares. É melhor trabalhar com ele, mais fácil. É como se ele fosse parte da banda, não é necessário explicar coisas a ele, está na mesma sintonia que nós. No início naõ sabíamos lidar com as coisas. Nunca tínhamos entrado num estúdio, não sabíamos o que fazer, a não ser tocar nossos instrumentos. O estúdio era algo além da nossa compreensão. Se na época em que trabalhamos com John Cale soubéssemos o que sabemos agora, talvez nem tivéssemos trabalhado com ele. O cara é um grande produtor, mas estávamos atrás de outra coisa."

A entrevista toma uma direção francamente mais frívola com o próximo disparo... Dois dias antes, no Rock In Rio, o Run DMC se juntou aos New Kids On The Block para uma rendição de "Walk This Way". Os Mondays fariam tal coisa?

"Provavelmente sim (*Pronto, conquistaram as garotinhas!*). Faríamos qualquer coisa, especialmente depois de algumas cervejas (*risos*)."

E pensar que esse cara é pai desde março — portanto, depois desta entrevista. Sua mulher Trish deu à luz Jael Otis Ann Ryder — o segundo nome em homenagem ao cantor favorito de Shaun, Otis Reeding —, descrita pelo pai como "igual-

ELES VÃO ESQUENTAR O MERCADO
RollingStonesFlashpoint
Os sucessos da Tour Steel Wheels registrados ao vivo no disco mais quente do ano
INCLUINDO O SUCESSO HIGHWIRE
Em Discos, Fitas e Compact Discs
Sony Music

zinha a um extraterrestre". Será que ele se incomodaria se sua filha viesse a ser uma fã dos New Kids? Bez, o membro da banda cuja função ninguém sabe precisar, também recebeu a visita da cegonha em março. E, que tal falar um pouco de Bez, um assunto que sempre atrai atenção.

Jean-Yves: "Quem é Bez, e o que faz?"

"É aquele ali, olhem (*apontando para uma magra e animada figura tomando baldes de cerveja e entretendo um pequeno grupo que a cerca*). Ele só fica pulando para tudo que é lado, fumando maconha. Bez é apenas Bez, entendeu? Não começamos a banda através de anúncios nos jornais procurando músicos. Não éramos músicos, só uma turma com as mesmas idéias, morando na mesma área, e que gostava de fumar muito haxixe e escutar música. A coisa evoluiu daí. Ninguém estava na turma por dotes musicais, mas por ser chapa. No início Bez tocava percussão, mas isso o entediava, porque gostava de saltitar de um lado para outro do palco. Ele nos diverte muito, não está lá para ninguém, nem para nós. Não gosto que o chamem de dançarino. Ele é só um Bez, entende? Bez é só Bez, assim como o Ursinho Puff é o Ursinho Puff. Bez esteve sempre conosco. As únicas vezes em que não estava conosco é porque estava preso."

Ao contrário da maioria dos popstars, vocês não escondem o uso de drogas. Isso lhes causa muitos problemas com a polícia?

"Causa, mas tínhamos muito mais problemas com a lei antes de ficarmos famosos como banda. Não podia ir a lugar algum sem ser pego. Não podia sequer voar até Londres sem ser colocado numa cela por um ou dois dias, *fuckin'* dias enquanto eles me examinavam para ver se havia algo dentro de mim. Hoje não temos tantos problemas como antes de ter alguns hits. E temos bons advogados agora."

Fora a atitude e o fato de protagonizarem uma cena musical-comportamental, os Mondays foram consagrados por seu rock, que celebra a dance music. No seu último LP, um groove house pode passear de mãos dadas com uma guitarra Velvet Underground. Do que você mais gosta na dance? House, hip hop?

Shaun: "Bom, house, essas coisas, é tudo dance music. Não éramos *fuckin'* estudantes e nunca curtimos ficar saindo para ver bandas tocar ao vivo. Crescemos indo a clubes, onde, em cada um, se toca um tipo de dance music. Mas seja house, funk, soul, hip hop ou qualquer outro gênero, se for boa dance music está OK."

José Roberto: De que bandas novas inglesas você gosta?

"Gosto do High...e... bem, a maioria das novas bandas inglesas que estão surgindo são merda pura. Nós tivemos que pastar, estamos aí faz um bom tempo, mas hoje em dia, parece que está todo mundo contratando qualquer coisa que possa chamar de 'baggy' ou 'scally' (termos usados para definir as bandas indie-dance de Manchester). E pegam qualquer coisa, é como na época do punk ou dos anos 60, quando contratavam qualquer coisa que tivesse uma remota relação com algo que estava acontecendo. No punk havia algo como três bandas realmente boas, tipo Clash, e o resto era só lixo. É exatamente o que acontece agora. No meio de tanta merda, poucas coisas, como o High, têm realmente algo de especial. Os Charlatans, por exemplo, são bons, mas se baseiam muito em copiar coisas dos anos 60. Já os Stones Roses soam 60, mas na minha opinião eles sentem , em vez de copiar. É natural, eles não vão e imitam."

José Roberto: Sempre estiveram com a Factory?

"Sempre. Por volta de 1985, o cara que começou a nos empresariar conseguiu que um cara de uma gravadora qualquer viesse nos ver no nosso local de ensaios. O cara disse: 'A banda tem talento, mas não tem imagem, então não dá'. Imagine, ele estava atrás de alguém com uma imagem tipo Boy George ou A-Ha, sei lá, e nós vestidos exatamente como sempre nos vestimos nos últimos *fuckin'* dez anos. Nos disseram que faltava uma imagem..."

Jean-Yves: É importante para você ter uma imagem?

"Bom, nós somos assim... todo mundo, de onde venho, se veste assim, desde 1978. Fodam-se a moda ou as tendências."

O engraçado é que o visual descencanado e desleixado de camisas grandonas, geralmente de times de futebol, calças folgadas ('baggy'), de moleton ou jeans e tênis Adidas, dos modelos mais básicos, enfim, esse look e postura de gente comum acabou se tornando uma imagem.

Você prefere ir a um show de rock ou dançar num clube?

"Bom, depende do que se entende por show de rock. O que estamos tentando é transformar as duas coisas numa só. Não gosto de esquema tradicional onde se paga um ingresso, assiste-se a uma banda de abertura e depois a atração principal. Não gosto, é muito *fuckin'* estudante. Gosto quando há muita coisa acontecendo, como agora. É bem diferente, você tem DJs, alguns efeitos eletrônicos, e um show com um puta som."

Acha que os críticos levam você a sério?

"Certamente me levam mais a sério do que eu me levo."

Jean-Yves: Você gostou da coletiva? *(risos)*

"Errrr... é algo que nunca fiz antes, mas a partir do momento que se pega o pique da coisa... Tínhamos acabado de chegar de um vôo de 14 horas, sem tomar uma bebida, sem fumar um baseado, e fomos direto para lá. Quer dizer, se tivéssemos uma pausa antes para dar uma relaxada, fumar um, tomar alguma coisa, aí teríamos melhor desempenho. A coisa depois ficou chata, apesar de ser algo inédito para nós. Mas nas próximas vezes iremos mais calibrados." *CAMILO ROCHA*

A COLETIVA

Ao ser reproduzida a fita gravada da coletiva dos Happy Mondays na redação, alguém disparou: "Mas o que é isso, gravação de A Praça É Nossa?" Afinal, era uma torrente de gargalhadas atrás da outra.

Os Mondays entornando cervejas de frente para uma sala apinhada de gente. Como bem definiu James Brown, jornalista da NME, era "assim como um chá da tarde sem chá, uma entrevista coletiva sem jornalistas. Ninguém tinha a menor idéia do que eram os Happy Mondays". Ria conosco com dois momentos do acontecimento.

A tradutora, que fala tanto inglês quanto eu falo tailandês, é substituída por uma que trata de "filtrar" as perguntas e respostas com conteúdos polêmicos, como drogas e noitadas. Como quando um jornalista quer saber, em relação às drogas, o que eles esperam do público durante o show ("gramos muito bem pesadas", diz Shaun), qual a posição oficial deles sobre elas, e como isso aparece em sua música. "Aparece o tempo todo, afinal, estamos sempre travados, por isso nossos shows são sempre uma merda." A claque ruge, e para aqueles que não entenderam o inglês, sai a seguinte versão: "Eles se sentem muito à vontade, e não consideram a pergunta muito séria". Pessoas protestam, e alguém traduz certo.

Depois, uma repórter japonesa começa a divagar longa e filosoficamente sobre "Step On", do que ela interpretou nessa música, da emoção que sentiu... E ela gostaria muito de saber que luz havia baixado sobre a cabeça de Shaun, quando ele escreveu tal obra-prima. Shaun fulmina, seco: "Eu não a escrevi!" (Todo fã sabe que a faixa é cover de um hit de 1971 do músico sul-africano John Kongos). A claque desembesta.

Preços especiais para revendedores
Preços válidos até a próxima edição da revista
100% algodão
Tamanhos P,M e G
FAITH NO MORE
BON JOVI
SOS
THE SMITHS
LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS
MT BLUSÃO DE MOLETON Cr$ 8.400,00
MC MANGA CURTA Cr$ 4.800,00
ML MANGA LONGA Cr$ 6.000,00
NEW ROCK
FONE: (011) 280-2962
INDIO
U2
INFORMATION SOCIETY
ENGENHEIROS DO HAWAII
Como comprar: Basta preencher o cupom acima corretamente e colar (sem goma) em um envelope. Envie o cupom acima corretamente preenchido para NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP. Junto do seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à New Rock no valor de Cr$ 1.200,00 (preço médio das despesas de correio). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e total de compra. O correio demorará de 8 a 15 dias, após o envio de sua carta. Você tem o prazo de 5 dias corridos para retirar a encomenda no correio. Após receber esse aviso, ser retirada no correio. Se você não atendermos seu pedido, ou se ocorrer qualquer problema, entre em contato conosco.
NEW ROCK Rua Capote Valente, 242 - 05409 - São Paulo - SP - Fone: (011) 280-2962

De como o hip hop saiu do gueto para se transformar em um grande negócio: a biografia de Vanilla Ice e MC Hammer, os *executivos*

MILIONÁRIO RAP

É difícil dizer a quem seria mais apropriado o título de livro dos recordes ambulantes: MC Hammer ou Vanilla Ice. Essa história de marcas já está um pouco batida, mas não custa lembrar algumas: o LP de MC Hammer, *Please Hammer Don't Hurt 'Em*, é o mais vendido rap de todos os tempos (passando dos oito milhões de cópias) e o primeiro lugar do ano de 90. Vanilla Ice conseguiu o recorde de LP de estréia que mais rápido vendeu — o disco *To The Extreme* já passou dos seis milhões de unidades.

E como se apresentam estes popstars! Bombachas de gênio da lâmpada, óculos de gerente de banco, cabelo rente com grandes sulcos dos lados, adereços ultra-yuppies, como gravata e relógio de ouro, mocassins de verniz. Assim é MC Hammer *(martelo)*.

Vanilla Ice (de *vanilla ice cream*, sorvete de baunilha) é reconhecível a léguas: topetaço rockabilly com uma mecha branca e uma flecha em ziguezague cortada atrás, jaquetas e blazers com ombreiras tipo jamanta, tênis cano alto, olhar de maaaaau.

Os grandes popstars para os anos 90? Pode ser, mas e o que diziam de Bobby Brown em 89, e onde ele está agora? Chute furado ou palpite certo, eles são as figuras do momento em vídeos, rádios, algumas pistas e, em breve, no cinema. Controlando suas carreiras como ambiciosos homens de negócios controlam seus investimentos, parecem ter pique para muito mais. Veja você mesmo.

VANILLA ICE

O garotão Robert Van Winkle nasceu em Miami em 1968. Sua mãe era professora e seu pai abandonou-a antes de seu nascimento. Depois de se mudarem com a família para Dallas, na sua adolescência, sua mãe casou-se com seu atual padrasto, um gerente de uma concessionária de veículos. Ice tem dois meio irmãos, de pais diferentes.

Sua família era de classe média, e Ice levou uma bela adolescência de playboy, desfilando seu Camaro branco pelas avenidas mais chiques de Dallas, criando confusão com sua turma e azarando meninhas. Participou de competições de

Simon Fowler LFI

FRASES

"Se há uma coisa que eu sou, com toda certeza, é um lançador de tendências."

"Não quero falar de política nas minhas letras. Política não vende cinco milhões de discos."

"É mais difícil compor rap do que música para cantar. Você tem que pensar em mais palavras. Se você canta, você pode só fazer 'Oooohooooh'."

FATOS

Vanilla Ice corta seu próprio cabelo, usando dois espelhos.

Vanilla tem o que ele chama de "livrinho negro", com trezentos nomes de garotas, algumas cotadas com estrelas. Segundo diz, 90% são conquistas reais.

Algumas passagens de seus raps foram omitidas a pedido de seu produtor. Numa delas diz que "pisa tão forte quanto um nazista alemão".

O rapper tem um carro chamado Emerson Fittipaldi.

motocross, ganhando alguns títulos regionais. O apelido, segundo diz, foi dado por amigos negros, com quem, garante, andava o tempo todo. Daí teria vindo sua paixão pela música negra e pelo rap.

Em 87 resolveu entrar num concurso de rap, promovido pelo clube City Lights. Segundo o dono do local, Tommy Quon, agora seu empresário, a história foi assim: na noite do concurso, havia um Camaro branco parado na porta do clube, e o motorista se recusava a sair de lá. Quon foi remover o estranho inconveniente, um fulano com cara de rico num carrão. Ele queria participar do concurso mas precisava de um lugar seguro para estacionar seu precioso carro! Quon sentiu que ali estava uma estrela e o contratou naquela noite, após sua apresentação.

Gravaram uma demo e receberam não atrás de não das gravadoras que procuraram. Decidiram por uma produção independente, com vários produtores. Incluindo Kim Sharp, guitarrista na turnê Purple Rain, de Prince, e Earthquake, DJ do City Lights. Lançaram um single com "Ice Ice Baby" e "Play That Funky Music". A primeira música rapidamente começou a emplacar nas FMs locais. Um LP, *Hooked*, foi lançado, vendendo alguns milhares de cópias.

O presidente da SBK, em Nova York, logo foi informado sobre o promissor rapper do Texas. Contratou-o. *Hooked* foi remixado e reembalado, virando o album *To The Extreme*. Uma versão de "Satisfaction", dos Rolling Stones, cheia de samples do original, foi removida depois do uso ter sido negado pelo detentor dos direitos das primeiras músicas do grupo. Ice comentou: "Esse disco vai vender muito, e Mick Jagger vai ficar furioso por ter perdido a chance de faturar algum".

Branco e bonitão, para ser o perfeito rapper pop, Ice só precisava de um pouco mais de... credibilidade de rua. Sua vida foi então reescrita: agora ele era um garoto que havia crescido nos guetos de Miami, se envolvido com gangues, brigas de rua e pequenos crimes, sendo esfaqueado cinco vezes. Um dia quase perdeu metade do seu sangue. Encontrou Deus e decidiu redirecionar sua vida para o bem. Hoje reza todo dia e antes de cada show.

O problema é que sua relutância em mostrar suas cicatrizes, além de várias investigações de jornais americanos sobre sua vida e algumas contradições e lapsos, levou à verdade. A versão de Vanilla Ice para tanta balela é que inventa histórias para proteger sua família e privacidade da curiosidade pública. Um jornalista americano prepara uma biografia não autorizada do artista, onde diz que revelará a verdade completa. Vanilla rebate com a publicação de sua autobiografia, *Ice By Ice*.

Não há um rapper que tenha se pronunciado a favor de Vanilla Ice, todos o vêem como um branco mercenário usurpando música negra para fazer sucesso.

MC HAMMER

Um miserável conjunto habitacional em Oakland, cidade da California mergulhada numa rotina de crack e gangues. A diversão na TV é ver os passos de dança do idolo James Brown. Esse é o cenário da infância e adolescência de Stanley Kirk Burrell, o MC Hammer. Gostava de compor poemas e de dançar como hobby. E era fanático por beisebol. Logo virou mascote dos Athletics, o time local. Aí ganhou o apelido de Hammer por sua semelhança com o jogador Henry "Hammerin' Hank" Aaron. Estudou comunicação e tornou-se jogador profissional. Fracassou em ambos e ficou liso. Resistiu em se tornar traficante, caminho rentável escolhido por vários amigos seus. Entrou para a Marinha e ficou três anos lá. Depois virou religioso, estudando com afinco a Bíblia. Esta formação esportista-militar-religiosa foi a base da disciplina, ordem e dedicação ferrenha com que Hammer leva sua carreira.

Montou um selo, Bustin' Records com um investimento de quarenta mil dólares de dois amigos, jogadores do Athletics. "Ring' Em" foi seu primeiro single, que vendia do porta-malas do carro. Montou uma equipe com dois DJs, um segurança e um trio de dançarinas gostosonas conhecidas como as Oaktown's 3-5-7.

MC Hammer e seus parceiros ensaiavam seus passos de dança até catorze horas por dia, os sete dias da semana.

As batalhas começavam a ser vencidas pela máquina dançante. Trabalhando com o músico-produtor Felton Pilate, ex-membro do Con Funk Shun, Hammer completou seu primeiro LP, *Feel The Power*. Produzido e distribuído independentemente, vendeu sessenta mil cópias.

Logo conseguiu um contrato com a Capitol, com um adiantamento de 750 mil dólares. Revelou-se, além de um artista carismático e competente, um astuto homem de negócios, impressionando os executivos da gravadora com suas idéias de marketing e música. Seu primeiro LP foi relançado com o nome de *Let's Get It Started* e alcançou a marca de um milhão e meio de cópias vendidas.

Uma extensa turnê se seguiu. Aí começaram os rolos, com Hammer sendo acusado por ex-integrantes de sua equipe de mau pagador e autoritário. Acrescente-se a isso as inevitáveis seqüelas de uma excursão sem descanso, e a insatisfação está formada. A história se repetiu na turnê mundial do segundo disco, que rodou a Europa, o Japão, o Caribe e a Austrália, além dos EUA de costa a costa (ficamos de fora; lógico!). Vez por outra, desertores põem a boca no trombone, como alguns entrevistados recentemente pela revista Rolling Stone, que chegaram a acusar o rapper de querer controlar seus pensamentos. "Costumávamos chamá-lo de Jim Jones", disse uma ex-dançarina.

Os atuais membros de sua equipe, porém, quando entrevistados pela Rolling Stone, se declararam muito felizes em estar "realizando um sonho".

Sacana ou não, o fato é que Hammer administra muito bem o seu sonho. No palco de sua última turnê havia uma superprodução de cenários, figurinos e números de dança inéditos no rap, aproximando como nunca o gênero do showbiz tradicional: o grupo que excursionou incluía quinze dançarinos, uma dúzia de backing vocals, oito seguranças, sete músicos, três criados e dois DJs. Há histórias de que, se alguém erra um passo de dança, leva um desconto no salário.

Sua gravadora, um acordo de joint-venture com a Capitol, está lançando artistas como Oaktown's 3-5-7, One Cause One Effect e Soft Touch.

A indústria musical estende o tapete vermelho, premiando-o com três Grammies. O mundo do rap torce o nariz para seu sucesso, com exceções, como Chuck D (Public Enemy), 2 Live Crew e Ice-T.

Religioso, workaholic, patrocinador de programas de assistência social, fanático por beisebol e carros, empresário competente e mão-de-ferro, e adorado pelas massas. MC Hammer para presidente!

FRASES

"Vanilla Ice serve para abrir meus shows — mas só isso."

"Às vezes consigo atravessar três noites em claro no estúdio."

"Eu cogitei o assunto como qualquer outro empreendedor faria." (quando quase se tornou um traficante de drogas)

FATOS

***Don't Hurt'Em* foi gravado num estúdio montado a bordo de um dos ônibus da primeira excursão. Custo: dez mil dólares, o mesmo que seu LP independente.**

Circulam boatos de que Prince vai produzir o próximo LP do rapper.

Hammer apostou uma Ferrari Turbo Testarossa com a Capitol, como seu disco quebraria o recorde dos LPs de rap mais vendidos. "Eu disse que aumentaria o lucro da Capitol em 30 milhões de dólares. Então, o mínimo que eles podiam fazer era me dar um carro de trezentos mil dólares."

Paul Rider Perrin

É na próxima edição da sua rapsódia Bizz, a história definitiva do rap com Afrika Bambaataa, Run DMC, Public Enemy, De La Soul e mu-mu-mu-muito mais. Completa! Básica! Esclarecedora! Imperdível!

RAP MAINSTREAM

Desde "Rappers' Delight", em 79, o rap colecionava algum ocasional hit crossover, intensificado depois do estouro do Run DMC. Quer dizer, o rap, de vez em quando, estava no mainstream. Diferente de agora quando o rap é o mainstream, ou, pelo menos, um de seus sócios-membros.

É só prestar atenção em "Ice Ice Baby" ou "Pray": enquanto "Walk This Way" era um risco, uma fórmula nova, eficiente e popular ao chegar no topo, a música de Vanilla Ice ou MC Hammer foi feita para ancorar no sucesso multiplatinado. Se não chegasse lá, isto sim, seria uma surpresa.

As letras não falam de nada que seja nem remotamente polêmico. MC Hammer passa mensagens na linha "reze que um dia você sai do gueto". Vanilla Ice só fala de si mesmo.

A música não é pesada e os samples são escancaradamente de fontes conhecidas, em geral de hits do passado. Isto é, previamente testados e aprovados. "Under Pressure", de Queen e David Bowie ("Ice Ice Baby"); "Play That Funky Music", do Wild Cherry (na música homônima); "Superfreak", de Rick James ("U Can't Touch This") e "When Doves Cry", de Prince ("Pray").

E há também um excelente senso de oportunidade. O rap em 1989 estava em ponto de bala para virar mega. Só precisava de alguém que percebesse isso e lançasse o crossover perfeito.

Os puristas praguejam e a comunidade do rap execra, mas os fatos atestam: se essa é a única forma pela qual uma adolescente do interior jeca, fã do New Kids, pode vir a gostar de rap, paciência.

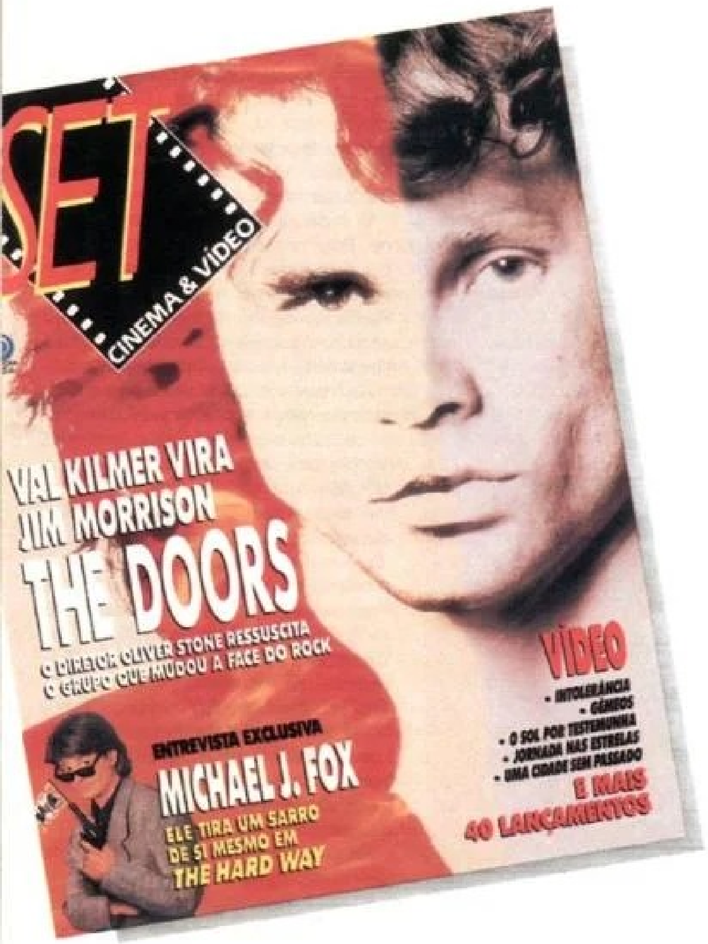
CAMILO ROCHA

JIM MORRISON: O MITO DO ROCK REVIVE NAS TELAS.

O mito e sex-simbol Jim Morrison ressurge interpretado por Val Kilmer no filme The Doors, revivendo o grupo dos anos 60 que mudou a face do rock com sua música e ousadia. A revista SET de maio comenta o filme de Oliver Stone e conta a história que o motivou: segundo o diretor "a música de Morrison representa, até hoje, a busca de uma nova consciência e liberdade". Não deixe de ler e ver.

Mas SET não fica por aí: traz uma entrevista com Michael Fox, de "De Volta para o Futuro", que ri de si mesmo em "The Hard Way". E destaca os lançamentos em vídeo de "Gêmeos — Mórbida Semelhança" a "Jornada nas Estrelas", o seriado original da TV, com dois episódios por fita.

Na revista SET de maio, a certeza de ficar por dentro do mundo dos filmes.


SET
CINEMA & VÍDEO
VAL KILMER VIRA JIM MORRISON
THE DOORS
O DIRETOR OLIVER STONE RESSUSCITA O GRUPO QUE MUDOU A FACE DO ROCK
ENTREVISTA EXCLUSIVA
MICHAEL J. FOX
ELE TIRA UM SARRO DE SI MESMO EM THE HARD WAY
VÍDEO
• INTOLERÂNCIA
• GÊMEOS
• O SOL POR TESTEMUNHA
• JORNADA NAS ESTRELAS
• UMA CIDADE SEM PASSADO
E MAIS 40 LANÇAMENTOS

N A S B A N C A S

REVISTA SET CINEMA & VÍDEO

A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

EDITORA AZUL

THE FLEETWOODS

Um tesouro esquecido: a doce pieguice da juventude nos hits de um trio vocal

JUKEBOX

Uma das principais manias dos teenagers americanos entre 58 e 63 era formar grupos vocais. Inspirados por formações tradicionais como The Four Aces e The Four Preps, e comovidos pelas maravilhosas canções dos grupos negros de doo-wop e suas divinas vocalizações, os grupos vocais jovens proliferaram espetacularmente por toda América. A imensa maioria deles desapareceu sem deixar traço. Alguns poucos chegaram a gravar, um ou outro é lembrado pelo seu único hit, como The Elegants, The Regents, The Mystics. The Fleetwoods foi um dos raros grupos dessa escola a construir carreira sólida. O fato de estarem esquecidos só se explica pela nossa compulsão a sepultar os indícios de pieguice da nossa juventude, que o sentimentalismo da música dos Fleetwoods entrega.

Eles eram Gary Troxel, Barbara Ellis e Gretchen Christopher, inventores de delicadas e genialmente simples vocalizações que tanto nos encantaram. No início dividiam por igual o vocal principal; depois deram ênfase ao *lead* masculino, com as garotas no *background*. Troxel foi fuzileiro naval por uns tempos e a imagem do grupo com o rapaz uniformizado, ladeado pelas moças em trajes "civis", ficou vivamente marcado. O primeiro disco (e grande hit) "Come Softly To Me" foi editado no final de 58, inaugurando o selo Dolton — subsidiário da importante Liberty Records de Los Angeles. Toda a obra dos Fleetwoods foi editada em selo Dolton, com apoio do produtor Bob Reisdorff e do arranjador Hank Levine. O próprio Phil Spector plagiou "Come Softly To Me" em 60, com "I Really Do", quando os Fleetwoods já estabeleciam uma corrente de hits. "Mr. Blue", "Graduation's Here" e "You Mean Everything To Me" (em 59) foram seguidos por "Outside My Window", "Runaround" e "Last One To Know" (em 60). Expandiram seus horizontes em inúmeras excursões pelo EUA e Canadá, passando a freqüentar os mais famosos programas/shows da TV. Os hits continuaram: "Tragedy", "(He's The) Great Imposter", "Lovers By Night Strangers By Day" e "Goodnight My Love".

A *invasão inglesa*, ocorrida em 64, entre outros maleficios apressou o fim dos grupos vocais na América, que num átimo ficaram fora de moda. Os Fleetwoods ainda fizeram duas tentativas para não soçobrarem — lançaram em 65 o disco *Before & After*, mais no gênero *adult pop*. No ano seguinte, numa mudança radical, embarcaram retardatariamente na folk music com o LP *Folk Rock*. Na contracapa o trio aparece já não tão jovem, num reflexo atrasado (e meio grotesco) de Peter, Paul & Mary. Depois de mais dois anos de ostracismo o grupo finalmente se separou. Foi somente nos anos 80, pegando uma onda nostálgica, que Troxel, Gretchen e uma nova partner, Cheryl Huggins, voltaram a se apresentar. Em 83 remexeram no baú e recuperaram dez matrizes antigas e inéditas, lançando um novo LP com um lindo título, *Buried Treasure*. Ao ouvir o LP e ler as *liner notes* de Gretchen ficamos com saudades de nós mesmos — se éramos tão absurdamente felizes, como pusemos tudo a perder?

RENÉ FERRI

Gary Troxel, Barbara Ellis e Gretchen Christopher: pop dourado com influência das harmonias doo-wop

DISCOGRAFIA SELECIONADA

***LPs* (editados nos EUA)**

Mr. Blue **(Dolton, 12/ 59)**
Best Goodies Of Oldies **(Dolton, 06/ 62)**
Greatest Hits **(Dolton,10/62)**

Pouco material foi editado no Brasil, um EP, a participação no LP/coletânea *Teenagers Favorites* e *possivelmente* outras participações em coletâneas e trilhas sonoras; a única que consigo registrar é *American Graffiti*.

DANCE MUSIC

Paul Canty/LFI

LIÇÕES DE UM REMIX

Como a ressurreição de uma grande voz da disco, Candi Staton, além de matar saudade, traz uma lição de iniciativa e independência. "You Got The Love", creditada a The Source *featuring* Candi Staton, é um excitante cruzamento da canção soul-gospel homônima de Candi, mais o instrumental house-rock de "Your Love", de Jamie Principle e Frankie Knuckles.

O Source é o DJ Eran Abdullah e seu sócio e amigo John Truelove. Há quase dois anos eles conceberam a faixa, que circulou, até pouco tempo, em edição pirata, com o nome de "Love/Rock" (esse pirata hoje está sendo cotado em mais de 80 libras — 150 dólares — a cópia). A música pegou de tal maneira que John decidiu lançá-la legalmente, e para isso fundou seu próprio selo, o Truelove. Muitos telefonemas internacionais, negociações complicadas e uma viagem para os EUA se sucederam até John conseguir a autorização de Candi Staton e Jamie Principle (que está brigado com Frankie Knuckles; veja abaixo), garantindo a cada um sua fatia do bolo.

A lição aqui não é só como se pode fazer algo novo e bom a partir de música já existente. Grande parte da boa dance music de hoje vem de fontes piratas e/ou independentes que, operando num esquema ágil e ousado, ao contrário do esquema essencialmente bunda e lerdo das grandes gravadoras, conseguem hits da noite para o dia. *Piratas* aqui não são os canalhas que roubam a gravação de uma música, sem tirar nem pôr, e a prensam, lucrando nas costas do trabalho de outro. E sim alguém com um trabalho que envolve criação, porém recorrendo a uma prensagem ilegal, por não encontrar quem lance seu material. O selo independente, por sua vez, tende a ter um contato muito mais direto com um setor de público, acompanhando suas preferências e detectando oportunidades de hits no nascedouro.

Valeu a pena. "You Got The Love" chegou em quarto lugar na parada inglesa.

CANDI

Nascida no Alabama, EUA, Candi começou sua carreira no gospel e soul, gravando seu primeiro disco em 1969. A partir de 1974, começou a direcionar seu trabalho para a dance music. Em 1976, gravou o clássico "Young Hearts Run Free", um hit internacional em que sua voz elegante desfila sobre uma base disco. É uma das grandes músicas do período. A NME chegou a incluí-la entre sua lista de melhores singles de todos os tempos, em nono lugar. Outros sucessos de Candi foram "Nights On Broadway" e "Victim". Com o fim da disco, Candi retornou à carreira gospel, quando gravou "You Got The Love".

PRINCIPLE X KNUCKLES

"Your Love" e "Baby Wants To Ride" são dois momentos cruciais da fase inicial da house, cujos créditos sempre constaram como Frankie Knuckles apresentando Jamie Principle nos vocais. Recentemente, se descobriu que a coisa não é bem assim, que Principle é o grande mentor intelectual das faixas, tendo Knuckles apenas contribuído com algumas idéias. Por algum acidente de percurso, Knuckles levou o crédito quase que total das músicas — e, o que é pior, parece não ter movido um dedo para esclarecer a situação, mesmo com Principle não tendo recebido um centavo sequer das vendas. O fato de Knuckles ter se mudado de Chicago para Nova York e não constar em quase nenhuma lista de agradecimentos de LPs de artistas do gênero de Chicago, embora seja "o padrinho da house", leva a crer que seu filme por lá foi queimado. Knuckles também quis tirar uma casquinha de "We Got The Love" o que lhe foi negado. As partes da música que ele reivindica ter criado foram retiradas da versão do Source.

MIX

TODOS OS HOMENS DAS PISTAS

Todos os dancemaníacos deste país sabem que é preciso ter fôlego de camelo (de Camilo também) para acompanhar os nomes que vão aparecendo nas pistas e revistas. A coisa é muito rápida e instantânea. O que é saudável, certamente, afinal os fãs de dance nunca vão poder se queixar de marasmo e falta de renovação. E outra: quem precisa de popstars egocêntricos construindo longas carreiras, com muitos discos e imagem de semideuses? O importante é o som, o que sai da caixa. Bom, fim do minimanifesto e vamos a um perfil breve de alguns nomes que têm chamado a atenção recentemente.

C. Van Der Vloot/Retna

ADVENTURES OF STEVIE V

Hits "Dirty Cash", "Body Language" e "Jealousy"

Stevie V (não confundir com o meloso Stevie B) é um produtor inglês que juntou em volta de si um pequeno grupo de cantores, músicos e rappers para seus discos. Deu sorte de "Dirty Cash" estourar nas pistas lá em cima, chegando até o nº 5 do paradão inglês. Seus singles subseqüentes e seu LP não tiveram a mesma força, talvez por variarem minimamente em cima das idéias de "Dirty Cash".

KICKING BACK

Hits "Devotion" e "Everything"

Uma turma (é bastante gente) de Nottingham (GB), com fortes inclinações musicais jamaicanas, que misturam a um ponche de soul e batidas hip hop. O raggamuffin agitado de suas músicas é cortesia de um rastaman chamado Taxman.

DMC/UK

ENIGMA

Hits "Sadeness" Part 1

Na Inglaterra, de uma hora para outra, o single e o LP *MCMXC A.D.* chegaram em primeiro lugar. O romeno Michael Cretu, residente na Alemanha e ex-produtor da cantora Sandra (aquela "Maria Madalena") concebeu o Enigma. "Sadeness" é algo como uma versão do Bauhaus para "Je T'Aime", remixada por Jazzie B. O maestro que regeu os cantos gregorianos "emprestados" pelo Enigma abriu processo.

2 IN A ROOM

Hits "Do What You Want To Do", "Wiggle It" e "She's Got Me Going Crazy"

A dupla americana Rafael Vargas e Rog Nice cometeu, no ano passado, dois animadíssimos blends de hip house com pop. "Wiggle It" conseguiu transcender o sucesso de pistas e sobrevoou o topo das paradas americanas e inglesa. Seu primeiro e único LP também se chama *Wiggle It*. O grupo fez shows na Europa e EUA.

NAS PISTAS

A Tribe Called Quest "Can I Kick It?"
Os quatro rappers neo-hippies de NY jogam "Walk On The Wild Side", de Lou Reed, no mix. Destruidor.

Stex "I Still Feel The Rain"
Soul disco circa 1978? Não, é 1991 mesmo, e tem Johnny Marr na guitarra. Alta dançabilidade.

Nomad feat. MC Mikee Freedom "(I Wanna Give You) Devotion"
Estourado em São Paulo, reúne um sample do Ten City, um sax incisivo e um rap que termina em raggamuffin. Sai debaixo.

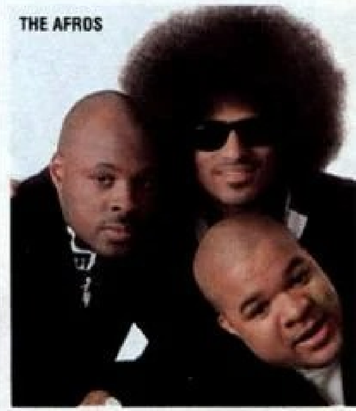
KLF "3 A.M. Eternal"
Esquisito, nervoso, espacial. Tecno, soul, hip-hop. Não sei definir, o problema é seu.

Definition Of Sound "Now Is Tomorrow"
O definitivo cruzamento: house brucutu e rock psicodélico. Renovador e impressionante.

Renegade Soundwave "Thunder II"
Tecno pesado com aquele baixo subterrâneo.

The Afros "Feel It"
Protegidos do Run DMC se saem melhor que a última dos tutores. Insanidade e escracho hip-hop/P-funk.

CAMILO ROCHA



CONEXÃO BRASIL

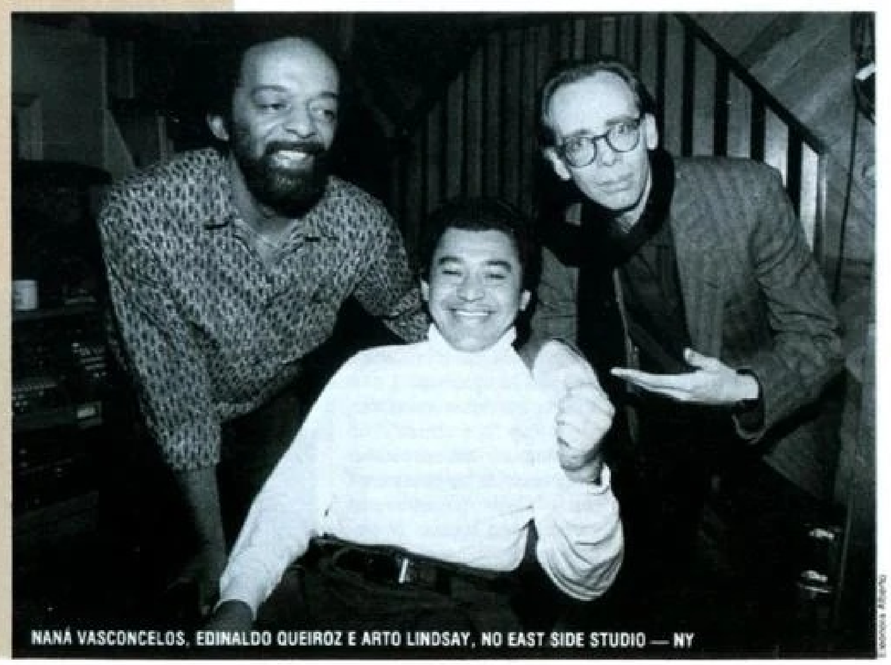
RECIFE

Em Nova York reúnem-se numa descontraída sessão alguns bons músicos de jazz. Edinaldo Queiroz, um pernambucano conhecido apenas em seu estado natal, não se intimida com figurões feito Don Cherry, pega um violão e manda bala numa surpreendente mistura de música nordestina com flamenco. Terminada a canja, o baterista Ed Blackwell vai até ele e pergunta: " where are you from?" e Edinaldo: "I'm from Bodocó".

Pois foi de Bodocó, cidadezinha a 685 quilômetros de Recife, em pleno sertão, que saiu Edinaldo Queiroz. Com suas economias e um violão, partiu para NY com vontade de gravar um disco. E o disco foi gravado. Chama-se *Dança Cigana* e foi feito com esmero e produção reservados às grandes estrelas da MPB. A direção musical e apresentação ficaram por conta de Arto Lindsay, a produção foi assinada por Teese Gohl (tecladista suíço que já tocou com Madonna e está atualmente com Carly Simon), e o festejado percussionista Naná Vasconcelos participou de duas faixas, tocando e cantando (Gohl também toca no disco).

Aos onze anos, Edinaldo conheceu um bando de ciganos em Bodocó e com um deles aprendeu rudimentos de flamenco. O aboio, repentes, xotes, forrós, já faziam parte de seu cotidiano. Aos catorze, começou a ganhar a vida tocando em um grupo de jovem guarda, Os Francos, de Exu. Aos dezessete foi convidado por Luis Gonzaga para integrar o L.G. Som, introduzindo a guitarra elétrica no baião do velho Lua. Um ano depois abandonou o L.G. Som com a intenção de prestar vestibular. Foi então que deixou de lado a guitarra Snake e tomou gosto pelo violão. O resto aconteceu naturalmente: o disco *Fantasia Nordestina* (esgotado), concertos com Sebastião Tapajós e, por fim, aplausos dos jazzmen novaiorquinos.

Naná Vasconcelos, de passagem pelo Recife, atesta o sucesso do matuto de Bodocó: "O comentário era sempre o mesmo: quantas mãos ele tem?" *Dança Cigana*, o CD gravado por Edinaldo Queiroz nos EUA, pode ser adquirido no seguinte endereço: R.José de Alencar, 134, Boa Vista, Recife, PE, fone (081) 231-5222. *JOSÉ TELES*



NANÁ VASCONCELOS, EDINALDO QUEIROZ E ARTO LINDSAY, NO EAST SIDE STUDIO — NY

SÃO PAULO

Sugestionados pelo onirismo árido dos horizontes desérticos, e regados pelas impressões deixadas na literatura por Sam Sheppard e pelos escritores da geração beat que visitaram o México, Marcelo e Iron montam o repertório do **El Paso**. Definindo o ato de criação como um "feliz acidente", a dupla de compositores, vocalistas e guitarristas busca a criação de atmosferas — que se refletem na simplicidade melódica dos temas, na limpeza dos arranjos, inclusão de violões e uma sutil utilização de bateria digital. Formado em 85, o El Paso logo virou trio com a entrada de Meilin no baixo. A demo, gravada este ano no Estúdio Pappon, conta com a participação de Beto Montalvão em uma das faixas. Como o próprio grupo atesta, sua música é feita para o estômago — mas também serve à cabeça.

Fotos: Divulgação

O vocalista Krafor e o guitarrista Marco Grecco formaram o **Zona Proibida** em maio de 1989, alquimizando jazz, blues, folk e hard num enérgico rock'n'roll. O repertório do ZP não se dilui em meio à diversidade estilística, ao contrário, vive em mutação dentro de sua própria identidade. Aguardem.

CELSO MASSON

RIO DE JANEIRO

Quando o mestre Orlando Silveira viu nascer seu filho, deve ter imaginado que ele seria músico. Acertou em cheio. Excursões com Beth Carvalho e Jamelão, trabalhos com Evandro Mesquita e Marcelo Sussekind fazem parte do currículo de Orlando Ricardo. Sua paixão, porém, é um projeto pessoal: **Espelho & Cia**. A banda começou em 84, passou por alterações e há dois anos mantém a mesma formação: Cidão (ex-Obina Shock) no baixo, Ronaldo Silva (filho de Robertinho Silva) na bateria e Ricardo Lobarra no vocal. Embora a guitarra grite alto e a cozinha estoure timpanos, as letras seguem uma certa inocência romântica. A mistura soa curiosa: instrumental agressivo em uma linguagem pouco trabalhada mas honesta. Em 90 as coisas estavam se acertando com a CBS (Sony Music), mas a dupla Collor-Zélia entrou no caminho do vinil. O projeto foi engavetado, mas o Espelho & Cia. continua na estrada, fazendo rock de qualidade. Contatos: (021) 256-1944, com Orlando.

CLÁUDIO MOITA

BELO HORIZONTE

Silvanna & A Máquina Do Tempo é um grupo peculiar na cena local. Segundo Walter Jr. (teclados, arranjos), a idéia é fazer dance music que burle os limites estreitos impostos pela house, acoplando suingue e ritmos encorpados com o peso de guitarras hiperdistorcidas. Outra curiosidade é que o trio — que fecha com os vocais (em inglês) de Silvanna, e a Fender de Tarso Senra — prefere se ater ao estúdio, pelo menos por hora. "Shows, só se for fora de Minas. Santo de casa não faz milagre. Prefiro ter três linhas na Folha De S.Paulo que uma página inteira num jornal daqui", diz Walter, ressentido após anos de batalha junto a várias bandas de Belo Horizonte.

Para expor seu trabalho, Silvanna e cia. gravaram uma fita com sete canções que surpreende pela qualidade técnica (aparelhagem *up to date*, masterização digital) e musical. Alguma gravadora se habilita?

ARTHUR G.C. DUARTE

SALVADOR

A próxima grande explosão da música baiana pode estar no gogó de um jovem negro de Cidade Nova, Salvador. **Dado Brazzawilly** possui uma voz poderosa, lapidada no Araketu e afiada no reggae da banda Terceiro Mundo. Sua predileção é a fusão de ritmos negros (funk, reggae, rock, soul) e a especialidade da casa: samba-reggae.

Destemido e obstinado, deixou as gravadoras pensando na vida e lançou um LP independente cheio de suingue, pulsação e arranjos híbridos. No palco, Dado não se contém.

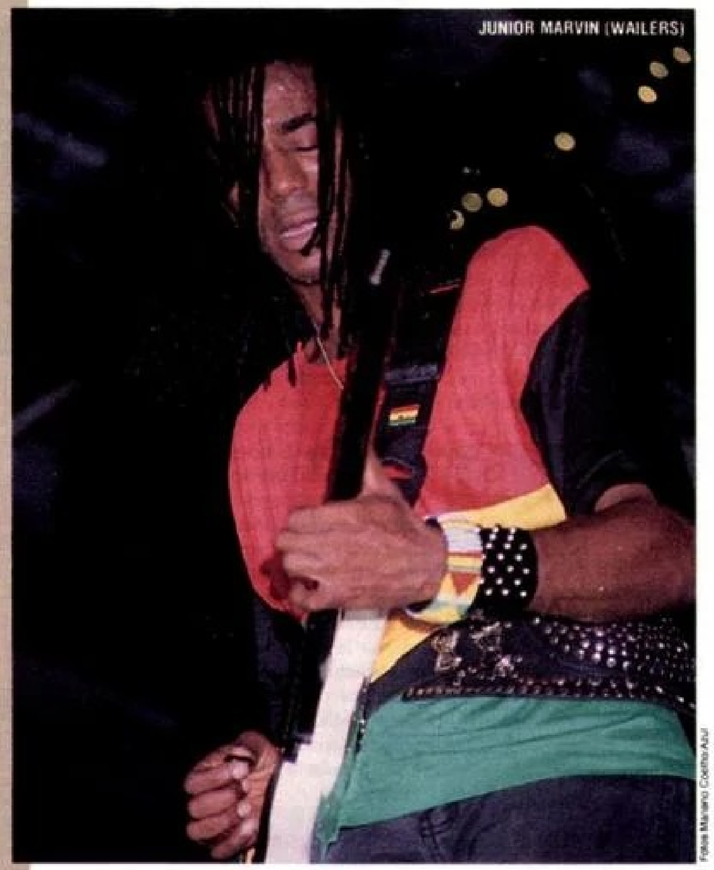
Olhos incandescentes como brasa, face transfigurada, inicia um ritual de exorcismo e paixão que inclui chutes em pedestais de microfone, movimentos frenéticos e incitação à dança. A platéia responde à altura — até mesmo no Canecão, no Rio, onde cantou com a banda Raízes De Sol.

EDUARDO BASTOS

• Parece que a maldita economia deste país freou de vez a produção independente. A torrente de demos e zines, que costumeiramente inundava esta redação, entrou num período de estiagem e quase nada de novo tem aparecido. Como a moçada do **HEADLINE Rock Jornal/Zine** sobreviveu à seca e lançou um excelente número dois, merece uma nova menção. Desta vez o toque vai para outros zineiros: quem quiser que o endereço de seu fanzine seja publicado no *Headline* é só mandar uma cópia da última edição para a Caixa Postal 37573, CEP 22642, Rio de Janeiro, RJ. Quem quiser anunciar (a tiragem é de cinco mil exemplares), ligue para (021) 325-3148.

• Matando dois coelhos com uma cajadada só: como a banda **Kontra Ordem**, de Jaraguá do Sul, SC, nunca foi citada nesta seção, aproveitamos o embalo para falar também do zine editado pelo vocalista da banda, Tito. É o **Distorção Alternativa**, zine bacana, bem-feito, com boas capas e idéias. Da banda não dá para falar nada porque até agora não chegou nenhuma demo aqui, mas o zine vale uma averiguação. Escreva para Dietmar Hille (Tito), Av. Mal. Deodoro da Fonseca, 399, CEP 89250, Jaraguá do Sul, SC.

COKE REGGAE TIME


JUNIOR MARVIN (WAILERS)

Fotos Mariano Coelho Azul

PRAÇA DA APOTEOSE (RJ)

Não se pode esquecer que, por mais que estejam inseridos no mundo cínico da música pop, a lógica dos verdadeiros reggaemen é própria e escapa à compreensão dos homens de negócio do lado de cá. Há uma relação espiritual verdadeira com a música. O ritmo de vida é outro e o olhar sobre o mundo também. Ou, como diria a Turma da Casseta & Planeta, "se aqui é assim, imagina na Jamaica ...".

O saguão do Hotel Nacional, onde ficaram hospedados os artistas que participaram do Festival Coke Reggae Time, era algo muito próximo do conceito rastafari de Babilônia. Jornalistas tentando descobrir se "aquele negão-de-trancinhas-e-boina-vermelha-verde-e-amarela" era o Dennis Brown, misturados a turistas entre atônitos e maravilhados... E negões-de-trancinha-e-boina-vermelha-verde-e-amarela alheios a tudo. Nem tudo. Sky Juice, percussionista da banda Freedom Sounds, queria saber onde andam Sócrates e Zico. Duckie Simpson, vocalista do Black Uhuru, perguntava a um jornalista onde encontrar maconha no Brasil. Mais tarde, durante a coletiva, Simpson iria acender um simpático e respeitável baseado com a mesma calma com que se toma um chopinho gelado.

Na recepção, zelosos funcionários aconselhavam os músicos a guardarem no cofre do hotel seus vários anéis e correntes de ouro. Sky Juice mostrava para o guitarrista Vince Black um canivete que substituía o cofre gentilmente oferecido. Afinal, a distância que separa Trenchtown da Rocinha não é tão grande assim.

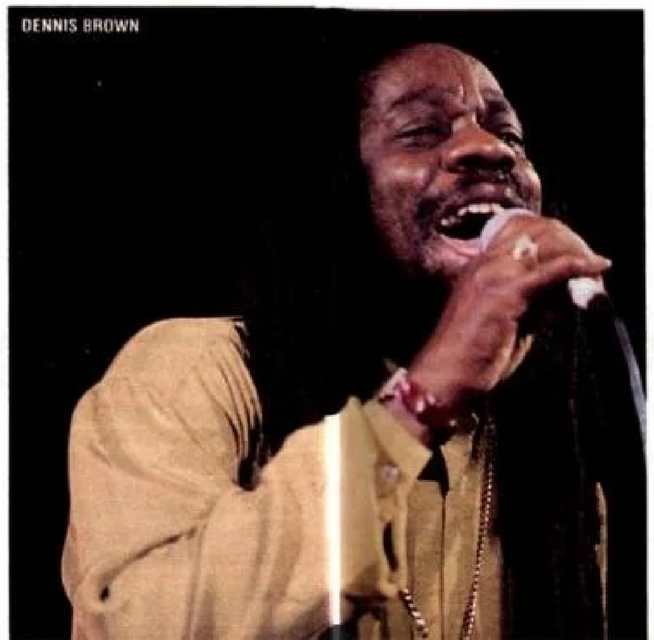
A coletiva foi um reggae do crioulo doido, em grande parte devido ao tradutor que não traduzia corretamente as perguntas do português para o inglês, nem as respostas do patuá para o português. Dennis Brown só chegou no dia do show e Freddie McGregor acabou não vindo. Entre mortos e feridos, salvaram-se todos. Principalmente os rastas, criaturas calmas, que preferiram ficar na piscina, esquentando a cabeça de forma mais inteligente.

Depois de todas as incertezas que cercaram o Coke Reggae Time, até que a noite de estréia valeu. E mesmo que a Praça da Apoteose, no Rio, não tenha lotado — com um público em torno de 15 mil pessoas, onde cabem até 50 mil —, quem disse presente pôde se deliciar com quase seis horas de puro reggae.

Com a desistência de Sly e Robbie, a melhor cozinha do gênero, o acompanhamento de Tosh e Brown ficou nas mãos da banda Freedom Sounds, que toca com o Black Uhuru. Mas, apesar de usarem basicamente os mesmos músicos, as concepções variaram.

Andrew só conseguiu levantar o público quando pisou fundo no repertório do pai, Peter Tosh. Ele tem um timbre vocal muito próximo e se manteve fiel aos arranjos originais de canções como "Rastafari Is", "Legalize It", "Equal Rights", "Don't Look Back", "Get Up, Stand Up" ou a cover reggae de "Johnny B. Good". Quando mostrou material próprio, incluindo canções de seu segundo álbum, *Make Place For You* (selo *indie*, Tomato Records), a recepção do público foi mais fria. A sonoridade puxava um pouco para o rock, graças principalmente à boa performance do guitarrista Vince Black, com muito espaço para solos. Outro destaque era o veterano tecladista Keith Sterling.

Para o curto show de Dennis Brown, com menos de meia hora, Sterling foi trocado pelos tecladistas Asha e Noel. Nos backing vocals também participou sua mulher, Christina Brown. Dennis, um ídolo na Jamaica, só teve dois discos lançados no Brasil, no final dos anos 70, e sua apresentação não chegou a levantar a juventude dourada — 90% de surfistas e congêneres. Ele cantou sete músicas, interligadas num hipnótico *medley*, incluindo "Promise Land", "Old Jungle Beat" e "I'm Missing You".


DENNIS BROWN

BLACK UHURU

O melhor da noite viria a seguir, com o Black Uhuru e seu reggae que avança na trilha do dub. Uma marcante presença do baixo de Bagga, mais os teclados de Asha e Noel, e Vince Black (guitarra), Rangutan (bateria), Sky Juice (percussão) e a vocalista Sansee. Os três Uhuru, Garth Dennis, Duckie Simpson e Don Carlos, alternam os vocais principais e de apoio, detonando loas a Jah ou discursos contra a opressão em canções como "Father John", "Sodom", "Ion Storm", Youth" e "No Man's Land". No final, com a Apoteose completamente imersa na brisa da ganja, eles ainda deram sua versão para "Hey Joe".

Depois de uma hora de intervalo, os Wailers — Aston "Family Man" Barrett (baixo), Junior Marvin (guitarra e voz), Irvin Jarrett (percussão), Earl Lindo (tecladista), Michael Boo Richards (bateria) e Andrew McIntyre (guitarra) — fizeram a festa. Era praticamente o mesmo show que no final do ano passado excursionou pelo Brasil. Nenhuma novidade, mas infalível: um reggae básico e os muitos clássicos que Bob Marley deixou gravados. Entre outros, "Positive Vibration", "Natty Dread", "Natural Mystic", "War", "No More Trouble", "Is This Love", " Crazzy Baldhead", "I Shot The Sheriff" e "No Woman No Cry". Enfim, Marley não está mais aí, mas os Wailers seguram a onda.

ANTONIO CARLOS MIGUEL/ LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI

ANDREW TOSH

Ross Marquis Fo

PAUL SIMON

THE GREAT WESTERN FORUM (LOS ANGELES)

Enquanto o Maraca balançava a sua cabeça coletiva sob um tratamento de choque imposto por uma dieta rock (salvo poucas exceções), em Los Angeles o curto-circuito era inverso, com Paul Simon tentando sensibilizar os quadris de uma gente nada bronzeada e de valor rítmico nulo, com um misto de batuque de cozinha e intimidade "um-banquinho-um-violão-e-um-synclavier".

Apoiado por uma banda recheada de três guitarristas africanos e quatro percussionistas brasileiros, Paul cumprimentou a platéia do Forum de Los Angeles — após mais de meia hora de atraso — com o que pode ser mas-nem-tanto": o ziriguidum soft de "The Obvious Child", faixa que abre *The Rhythm Of The Saints*, o "álbum brasileiro de Simon".

A platéia americana e predominantemente branca — pretos, orientais e latinos pareciam não existir fora do palco — mostrou-se embasbacada, embevecida, atarantada com mistura "so exotic, so unusual". Mesmo porque 99,99% da galera presente jamais, nunquinha, teve qualquer tipo de contato, ainda que superficial, com os ritmos usados por Simon na mistura. O máximo de contato que podem ter tido com algo que se aproxime de música africana ou brasileira — descontados *Graceland* e *Rhythm Of The Saints* — é o fusion sintético da rádio pretensamente New Age da cidade.

Apesar de o show ter incluído os clássicos antigos no repertório com uma versão gospel de "Bridge Over Troubled Water", uma solução excepcional para driblar qualquer possível saudade de Garfunkel, mais "Slip Slidin Away", "Kodachrome", "Hearts And Bones" e "Me And Julio Down By The Schoolyard", todos tingidos de samba-reggae e high life — foi o material de *Rhythm Of The Saints* que mais chamou a atenção de quem não estava alheio às implicações da atual safra world music de Paul Simon.

Os neófitos podiam estar pensando que a combinação de repiniques, sax, violão e doces melodias eram a coisa mais interessante desde a invenção do pão fatiado. Mas, para um brasileiro que até considerava *Graceland* um achado, a experiência de ver um fac-símile tentativo da fúria rítmica do Olodum — ou de qualquer semelhança com música brasileira e afro-brasileira — causou uma estranha sensação de repúdio.

Era como se Paul tivesse se apropriado da estética e do espírito criativo do Olodum — cuja seção rítmica foi a base em cima da qual Simon compôs canções — da mesma forma que o português chegava ao Brasil em busca de metais preciosos e mulatas gostosas para depois retornar à corte com a mala cheia de riquezas e vantagens.

É a velha história: no *New York Times*, o escriba Jon Pareles reclama que os Paralamas não são "autenticamente brasileiros" o bastante, enquanto chama o novo disco de Paul Simon de world music. A corte pilhar a colônia pode. Mas a colônia reinventar a corte, não?

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

TAFFO

AEROANTA (SP)

Wander Taffo abocanhou o prêmio BIZZ de melhor guitarrista em 90. Reconhecimento tardio do talento do instrumentista ou falta de candidatos no certame, pouco importa. Edgard Scandurra foi coroado desde que a revista existe até virar *hors concours* e nem por isso trouxe o Ira! à unanimidade da crítica. Se Taffo é o bom, nada é preciso dizer de Andrea e Ivan, baixo e bateria da banda. Se a mamãe Busic tivesse dado mais palmadas nas crias, hoje a Europa veria que no Brasil não há só Sepultura e Ratos De Porão.

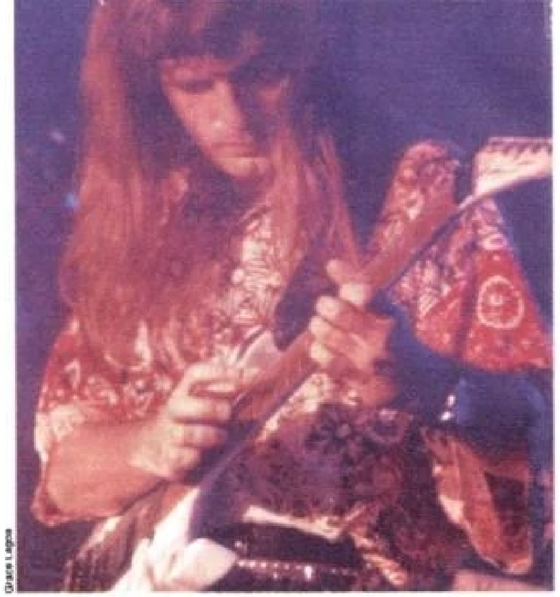
Mas esta cozinha esmerilhadora não percebeu a asneira que estava fazendo ao se aventurar pelo estreito meio-fio que é o rock-arena made in Brazil. Na terra do Carnaval esse troço não cola. A moçada prefere quem convence pela atitude a quem força a barra. É por isso que Legião e Engenheiros estão no topo.

Este show no AeroAnta tinha tudo para me convencer de que a banda é boa. Convenceu. Mas revelou o reverso da moeda: as músicas são muito inferiores à habilidade dos instrumentistas — descontando o tecladista com síndrome de Rick Wakeman.

Musicalmente o erro é recorrer sempre a introduções lentas com dedilhados de guitarra e depois partir para a porrada. A fórmula não é apenas gasta, mas absolutamente anticlimática em um show. A temperatura oscila muito. Após os solos, a platéia está sempre nas mãos da banda — é um público que gosta de exibicionismo. Quando entra a música seguinte, todo mundo esqueceu da anterior.

Um hit fomentado pelo clip na MTV ("Me Dê Sua Mão") não é o bastante para a banda. Ela merece mais, os fãs merecem mais. Então um conselho honesto: arranjem logo um vocalista que saiba escrever — de preferência algo menos vergonhoso que a pueril homenagem a Chaplin. A banda Taffo precisa de alguém que tenha voz e o que ser cantado por ela. Do jeito que está é melhor virar instrumental ou cantar qualquer bobagem em inglês, competência para isso não falta. Desculpem se me vali do *Ao Vivo* para prescrever uma receita, mas até para as fãs doentes da banda Taffo é melhor que tenha sido assim.

CELSO MASSON



Grace Lagoa

SHIRLEY MCLAINE

OLYMPIA (SP)

"Será que a BIZZ não está indo um pouquinho longe demais com essa história de derrubar barreiras?", você deve estar pensando. Afinal, este é o tipo de espetáculo que só encontra comparações com, digamos, Dean Martin em Las Vegas... Ou Liza Minelli em Paris. Quer dizer, não é a minha, nem a sua, nem a nossa praia. Então por que cobrir? Ora, considere, um show onde todo mundo estava sentado civilizadamente em mesas, bebendo uísque caro servido por garçom, rindo, aplaudindo e fazendo silêncio na hora certa. Um show que começou às oito da noite. Você há de convir que, comparado com a rotina de balbúrdia que caracteriza uma apresentação dos Pixies ou do Snap!, isto é radicalíssimo.

Multidões de famílias vestidas para noite de gala (os vestidos mais cafonas desde o último baile de debutantes que fui, circa 84), médicos barrigudos portando bips, peruas na linha "coluna social de Ribeirão Preto", quarentões com cara de membros do Lions Clube e um ou outro gaiato que devia estar lá — como eu — por curiosidade antropológica.

A apresentação e produção é impecavelmente profissional e bem-cuidada, e, como devem ser essas relíquias típicas do showbiz, com piadas, bate-papo, música, dança e participação mínima da platéia. Um show de Madonna é ultraprofissional também, mas contém aquela chama de energia que faz o público chorar, pular e dançar. Shirley no palco é apenas para olhar e — quando for a hora — aplaudir e rir. Obviamente, a platéia colesterolizada amou este espetáculo, um ponto alto num currículo de noites de piano-bar e temporadas de Fred Bongusto no Palace ou Canecão.

Para eles isto é boa música e espetáculo, e não suadouro sob os bate-estacas rítmados de que os "jovens" gostam. Tanto que uma das piadas de Shirley que mais causou riso (melhor dizendo, uma das poucas que causou riso) foi sua paródia de um típico — segundo ela — popstar da geração MTV. Vestiu uma peruca rosa desfiada, uma minissaia da mesma cor, uma jaqueta de couro e cantou uma sátira de "Bad", de Michael Jackson. Por aí se vê que a concepção de Shirley para popstar atual é um misto de Jacko e Cyndi Lauper. Cantou também músicas de seus filmes, incluindo a que interpreta no recente *Lembranças de Hollywood*.

Shirley ainda fez alongamentos para mostrar, como reza o bordão pró-geriatria, que "dá de dez em muita menininha de vinte anos". Quando disse que muita gente ria dela por causa do seu coté esotérico, contou que levou o problema a um guru seu, que disse algo como: "Shirley, você está fazendo pessoas rirem, ficarem alegres, e isto é muito bom". Neste momento, o medidor de pieguice bateu forte na marca vermelha.

Mas, ao final de exatas duas horas, o que tinha começado como uma descompromissada e divertida cafonice, converteu-se em tédio abissal. Melhor pedida era ir a uma videolocadora e pegar *Irma La Douce*.

CAMILO ROCHA

SEJA CAPA DE REVISTA!

GAROTA CARÍCIA 1991

PROMOÇÃO GAROTA CARÍCIA 91

Chegou a sua chance de ser a garota da capa da revista CARÍCIA.

Para participar, leia o regulamento que está nas páginas da revista.

Entre nessa, A GAROTA CARÍCIA pode ser você!

PATROCÍNIO

Criativa

APOIO

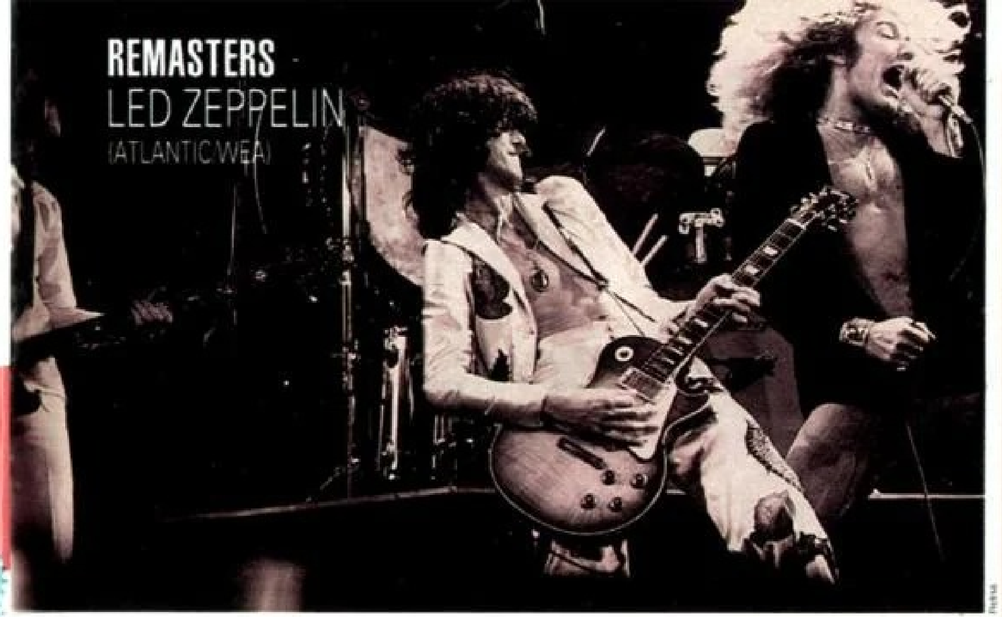
Danceteria

CONTRA MÃO

Rádio METROPOLITANA FM

NAS BANCAS

EDITORA AZUL



DISCOS

Hipótese A: você tem mais de 25 anos e passou metade da década de 70 com o cabelo nos ombros e desenhando cogumelos no fundo dos cadernos. Então esqueça a coletânea tripla do Led Zeppelin, com clássicos remasterizados pelo guitarrista da banda, Jimmy Page. A edição brasileira não tem nada de novo. Melhor trocar sua coleção caidaça do Zep por CDs.

Mas se você chegou agora há pouco e acha que os Guns N'Roses são a melhor banda heavy — ou simplesmente não tem grana para comprar o catálogo completo do Zep —, *Remasters* veio de encomenda. São 24 músicas pinçadas por Page entre as 80 gravadas pela banda em nove discos, nos seus doze anos de carreira. É a melhor enciclopédia de heavy metal para quem está começando a curtir som pesado agora. E mesmo que você odeie "Stairway To Heaven", compre. Este álbum liquida os preconceitos de quem pensa que não gosta de heavy (se pergunte, meu caro: como alguém inteligente pode desprezar um gênero inteiro?).

Para fazer a seleção, Page elegeu dois eixos principais: entraram músicas que viraram grandes hits e aquelas que ele considerou mais experimentais. Do primeiro tipo, foram os complementares "Communication Breakdown", "Dazed And Confused" e "Baby, I'm Gonna Leave You" (do LP de estréia), "Whole Lotta Love" (do segundo disco, no qual Robert Plant promete te dar cada polegada de seu "amor"), a bela "Since I've Been Loving You" (do terceiro LP), "Black Dog", "Rock'N'Roll" (yeah!) e "Stairway To Heaven" (do quarto disco) e "All My Love" (de *In Through The Out Door*).

Entre os experimentais (ou "viajantes", como se dizia no meu tempo) estão a maravilhosa "Kashmir" — que Robert Plant considera o melhor música do Zep —, a wagneriana "Immigrant Song", "Trampled Underfoot" e "Achilles Last Stand" (mais de dez minutos de delírios sinfônico-guitarrísticos que provam pela centésima vez o talento de arranjador de Page, com a preciosa colaboração de John Paul Jones). O trabalho de remasterização foi feito por Page e o produtor George Marino, durante o mês de maio de 90. Foram necessárias mais de trezentas horas no estúdio Sterling Sound, em Nova York. O produto final foi lançado nos EUA em dois formatos: uma caixa com dois e outra com quatro CDs.

O problema é que a edição nacional é baseada na européia, um álbum triplo em vinil. O capricho remasterizador de Page praticamente desaparece nesta versão que não "capta" as limpezas eletrônicas feitas nos faixas. O canal mesmo para os fãs do grupo é a caixa quádrupla em CD americana, com cinqüenta músicas. Esta sim, é para profissionais: o som é ótimo e inclui raridades como "Travelling Riverside Blues" (um puto blues caipira gravado em 69, para um programa de rádio, e que a MTV não pára de passar), "Hey, Hey, What Can I Do?" (um lado B do arco-da-velha) e um mix de "White Summer" com "Black Mountain Side", ao vivo. Mas, mesmo a versão lançada deixa a desejar: não traz vários clássicos, entre eles "Living Loving Maid", "You Shook Me" (grande música para transar) e "Dancing Days". Mesmo assim, foi a caixa mais vendida na temporada de Natal passada, nos EUA, enfrentando medalhões como Roy Orbison, Jimi Hendrix, Marvin Gaye e Robert Johnson.

Mas não quero espantar ninguém de comprar o disco brasileiro, que é bem prensadinho e tem uma capa caprichada. Se você tem CD e puder descolar a caixa quádrupla, genial. Se não puder, grave de alguém. Se não conseguir, não vacile: compre a versão brazuca mesmo, que é uma coletânea respeitabilíssima. Afinal, esta revista não é feita para hippies velhos que sabem de cor a letra de "Since I've Been Loving You" ("Working from seven to eleven, every night... I don't think that's right"...)

ANDRÉ FORASTIERI

THE IMMACULATE COLLECTION — Madonna (Sire/WEA) ▭ ○

Shhh! Vamos deixar um pouco de lado as opiniões, as especulações, a imagem, as chamadas de capa na *Semanário* e prestar atenção nestas dezessete faixas.

O roteiro começa com "Holiday", um tecnofunk extático (de êxtase mesmo) onde o clima de dois meses de boa vida e diversão são traduzidos para quatro minutos de *groove* sólido. "Lucky Star" tem cascatinhas de teclados e ritmo funk pop como trilha perfeita para devaneios esperançosos de quem sabia que ia chegar lá. "Bordeline" é maravilhoso momento de melancolia *light* que os Pet Shop Boys dariam metade dos seus discos de platina para fazer igual.

Ai, em cima de geniais brecadinhas e mudanças de tom, ela faz um cara de trouxa dizendo que ele a fez sentir "Like A Virgin".

Troque de lado e perceba a tiração de sarro que é "Material Girl", com uma base seca e teclados perturbados. "Crazy For You" é uma fantástica baladinha romântica. Quando diz "... you can dance for inspiration...", ela sabe o que horas encharcadas numa pista fazem para o espírito. Por isso fez "Into the Groove", a melhor na minha opinião. O emocionante e arrepiante épico "Live To Tell", menosprezado, mas brilhante. "Papa Don't Preach" vai mais fundo num problema adolescente (no caso, a gravidez fora de hora) do que qualquer pseudopsicologia sobre a qual certos grupos erguem suas carreiras. A dramática "Open Your Heart" e a tropical "La Isla Bonita", são pop formidável. O pop-gospel devastador de "Like A Prayer" só não bate em quem não tem pés nem coração, ou audição. Fecha o lado três.

O fabuloso frenesi house de "Express Yourself" conclama um basta à submissão. "Cherish" é um gracioso pop balançado, todo sorrisos e brincadeiras na praia (eu vi o vídeo, sim). "Vogue" é um *bulldozer house* que plana e desliza, enquanto chacoalha e deixa fragrância de Chanel N.° 5 no ar. Para terminar, duas inéditas: o psicodélico funk de "Justify My Love", luxúria com classe, e "Rescue Me", um vigoroso pop house.

Se somos mais felizes hoje, estes quase dez anos de Madonna têm boa parte da culpa. Tenho a imensa satisfação de dizer que esta mulher reina e reinará por um bom tempo ainda.

Camilo Rocha

MO' BETTER BLUES — The Branford Marsalis Quartet/Outros (CBS Sony) ▭

O filme é uma vingança de Spike Lee contra a visão branca, depressiva e eventualmente paternalista do músico de jazz, em fitas como *Bird* e *Por Volta Da Meia Noite*. O risco da trilha virar exatamente o oposto — o yuppie-jazz patrocinado por caras como Marsalis — foi sabiamente evitado com as vigorosas participações vocais do elenco, do trumpetista Terence Blanchard, de papai Bill Lee ao piano e do grupo rap Gang Star. Do bop ao free, um panorama bacana. *A.A.*

EMPIRE — Queensrÿche (EMI-Odeon) ▭ ○

Quarto álbum da banda formada em Seattle, EUA, em 81, o duplo *Empire* marca o auge da exigência que o grupo impõe ao seu som. Se antes o Queensrÿche transcendia os limites do heavy com temas contemporâneos, agora alcança alta progressividade com pitadas de The Who, Rush e Pink Floyd em baladas como "Silent Lucidity", "Della Brown" e "Anybody Listening". São onze faixas que contêm uma energia própria dos bons tempos do hard rock, guiados pelo vocal quase perfeito de Geoff Tate. *L.R.*

THE SOUL CAGES — Sting (A&M PolyGram) ▭ ○

Este disco só pode ser avaliado como um trabalho extremamente pessoal de Sting, elaborado em meio a uma aguda crise — provocada pela não aceitação da morte do pai — e criativa, já que desde *Nothing Like The Sun* (87) compunha esporadicamente e quase nada escrevia. O clima das nove faixas, selecionadas de um punhado de quarenta canções, é soturno, até certo ponto previsível e muitas vezes monótono numa primeira audição — crescendo aos poucos na simpatia do ouvinte. Dominada pelas baladas de ascendência folclórica e temas etéreos amparados em recorrentes arranjos de cordas e corais na base melódica, *The Soul Cages* difere dos LPs anteriores e mostra um músico amadurecido. *L.C.G.*

NAÏVE ART — Red Flag (EMI-Odeon) ▭

O tecnopop é uma bananeira que já deu seus cachos. Quem comprova isso é o duo Red Flag, formado pelos irmãos Chris e Mark Reynolds. Noventa por cento das faixas deste LP (lançado lá fora há dois anos) soam como demos abandonadas no lixo pelo Depeche Mode. A única exceção é "Für Michelle", um tema instrumental levado ao piano, que não faria feio entre os melôs de... Richard Clayderman! Realmente, uma amostra de "arte ingênua" é desprezível. *A.G.C.D.*

OOH LAS VEGAS — Deacon Blue (CBS Sony) ▭

Vinte e quatro baladas, entre faixas relegadas a lado B, utilizadas em trilhas sonoras e sobras de estúdio inéditas, compõem este disco duplo. Para quem já conhece o trabalho destes escoceses, não há nada de novo que este álbum apresente: aqui a fuga da descartabilidade também é apoiada nos teclados, arranjos "detalhistas" (embora convencionais na maioria das vezes) e um vocal preguiçoso. Em certos momentos a receita funciona sem precisarem acenar a atetação. *J.J.E.S.*

DAVE STEWART AND THE SPIRITUAL COWBOYS (RCA/BMG-Ariola) ▭ ○

Façamos de conta que Dave não é uma pessoa asquerosa, com seu cavanhaque de Clóvis Bornay, e levemos em consideração que ele é realmente um bom produtor, mestre no uso de *reverbers* e estéreo. Agora, perdoemos o descaramento das inspirações explícitas que regem cada faixa do disco, perambulando entre Bowie, Iggy Pop, Dylan, Sisters Of Mercy e Lou Reed. Com o espírito limpo de pensamentos impuros, coloquemos os fones de ouvido para melhor apreciar a tridimensionalidade do som — o ponto alto do LP — e descubramos que a decisão de Dave Stewart de acabar com os Eurythmics foi benéfica para nossos ouvidos. A verdade se faz revelar. Fora umas três babas xaropes, o disco de estréia dos Spiritual Cowboys é uma coletânea de estilos em faixas pegajosas que se impõem a cada audição. *C.E.M.*

INNUENDO — Queen (EMI-Odeon) ▭ ○

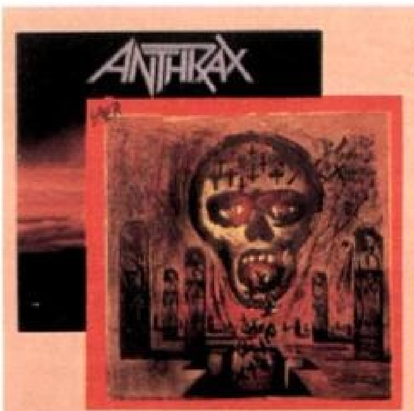
Com o passar do tempo, a criatividade vai e volta, e os ouvidos, já acostumados com o estilo do som, fazem muitas cobranças críticas. Procuram-se saídas, como discos solo, modernismos tecnológicos ou um som mais rebuscado. Com o Queen aconteceu um pouco de tudo isso. *Innuendo* é outra tentativa de voltar às raízes roqueiras de seus primeiros trabalhos. Mas o abuso de gritinhos de Mercury, o uso excessivo de teclados e algumas "espanholices" tornam a coisa realmente meio chata. Salvam-se como instrumentistas em alguns temas: "Headlong", "Ride The Wild Wind", "The Hitman" e, na última música do disco, ironicamente chamada "The Show Must Go On". Será? *L.R.*

LUTE PARA VIVER — Cidade Negra (Epic Sony) **REGGAE VIBRAÇÕES — Vários** (Kansas) ▭

O que parecia um tímido *revival* acabou virando tendência das mais frutíferas para a música dos anos 90. Estes dois LPs deixam claro o espaço do reggae na indústria do disco hoje: ao mesmo tempo uma *major* e uma *indie* aportam na mesma praia, coisa rara. O Cidade Negra chega precedido do ti-ti-ti todo. Um belo clip rolando direto na MTV, a notícia da participação de Jimmy Cliff, casas lotadas nos shows. *Lute Para Viver* justifica a fama e não decepciona, mas, atentem, é mais ousado ideologicamente que na música — basta ver a contracapa com a bandeira do Brasil pintada em verde, vermelho e amarelo, com o nome do disco no lugar das palavras habituais. *Reggae Vibrações* tem o mérito de soltar, ao mesmo tempo, cinco grupos que tardariam a ter registro solo. Lumumba, Cacau Garib & Otrabanda, Nova Jóya, TC e Banda Luanda compõem um mosaico bem representativo do reggae feito no Brasil após todas as misturas possíveis com o resto da música que se faz por aqui. Vale um pega, se bater, leve os dois. *C.M.*

LUNA DE FUEGO — Gipsy Kings (CBS Sony) ▭

Nunca consegui compartilhar do entusiasmo de alguns colegas pela música dos Gipsy Kings. Tudo bem, a França — berço destes (tecnicamente competentes) violonistas ciganos — sempre foi chegada a exotismos "de raízes" desse tipo. Além disso, frente ao Kaoma e armações congêneres, o conjunto até consegue justificar sua existência. Agora, que é duro ouvir esse bando de marmanjos contarolando o breguíssimo "Amor D'Un Dia", ah, isso é! Pior que tal suplício só mesmo a choradeira que eles apron-



PERSISTENCE OF TIME — Anthrax (Polygram) **SEASONS IN THE ABYSS — Slayer** (Def American/PolyGram) ▭

O Slayer sempre foi a minha banda favorita de metal. Qual não foi a minha surpresa ao tentar ouvir *Seasons In The Abyss* logo depois deste novo Anthrax e descobrir que isso não seria possível. Meu cérebro estava completamente satisfeito após a audição de *Persistence Of Time*. Este disco é tão bom que a comparação com qualquer outro no gênero seria injusta.

Misturando de leve e mantendo distância das aventuras rap (coisa que já fizeram de pura gozação em "I'm The Man"), tendência generalizada entre os novos grupos, o Anthrax descolou um som sutilmente original. É curioso que mesmo quando fazem cover de Joe Jackson ("Got The Time"), conseguem ser muito parecidos com a versão original e se manter absolutamente Anthrax.

Em outro terreno pantanoso que é o dos instrumentais lentos e cheios de dedilhados sebosos, a "Belladona Gang" não erra as pisadas e evita com maestria os dejetos, onde quase todo mundo se afoga. "Intro To The Beast" é uma valsinha que chega até perto daquelas do Brian Eno, na época de *Taking Tiger Mountain*, e prepara o terreno para as bases firmes de "Belly Of The Beast". Uma paulada e tanto.

Mas não é só a violência sônica que faz de *Persistence Of Time* uma obra-prima. As letras evitam com sabedoria as besteiras satanistas e discursam em tom existencialista até um pouco ingênuo, mas absolutamente honesto e cheio de verdades. Não falta nem um dedo na moleira do Public Enemy em "Keep It In The Family".

Já o Slayer voltou à boa forma em *Seasons In The Abyss*. Recuperaram o poder e a força de *Reign In Blood* (87) sem perder o lado mais melódico de *South Of Heaven* (89). Ainda estão lá o satanismo obtuso para assustar criancinhas e a tradicional foto dos vagabundos se enchendo de cerveja. Ou seja, o Slayer ainda é o mesmo. Bumbos supersônicos, vocal cavernoso, guitarras afiadas e a produção impecável do diabão Rick Rubin; o que falta é o gosto de novidade, a surpresa. O Slayer não perde seu posto na linha de frente da pancadaria, mas o Anthrax subiu muitos degraus em direção ao céu. *Carlos Eduardo Miranda*

▭ CASSETE ○ COMPACT DISC

NO MORE GAMES — New Kids On The Block (Columbia/Sony)

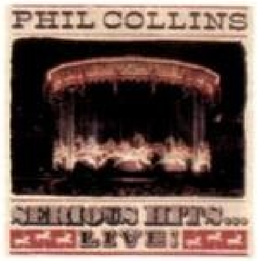
Este disco pode muito bem ajudar a diminuir o bode com os NKOTB — afinal, convenhamos, eles não são mais armados nem mais intragáveis que os Guns N'Roses. E isso além de introduzir milhões de adolescentes e garotinhas hipnotizadas ao maravilhoso mundo da dance music. Sim, porque a habilidosa dupla de produtores/remixadores nova-iorquinos Clivillés e Cole (o C e o C da Music Factory) mexeu em metade das faixas deste disco, introduzindo doses cavalares de house, hip hop, funk, com um ótimo resultado. Ouça "Games", por exemplo com uma base rítmica mastodôntica. Serve para dar idéia de como um bom remixador pode transformar água em vinho. *C.R.*

ANYTHING IS POSSIBLE — Debbie Gibson (Atlantic/WEA)

É difícil imaginar uma cantora mais inexpressiva do que a pequena Deborah Gibson. Em seu terceiro LP, ela insiste em repisar o óbvio, no melhor estilo Stock, Aitken & Waterman. Só que aqui não dá nem para culpar o produtor, já que ela mesmo responde pela maioria das faixas. Não se engane com a agradável faixa de abertura, "Another Brick Falls". Daí para frente, Debbie se atrapalha com os próprios clichês, acabando por naufragar num dilúvio de baladas lacrimosas. *M.A.G.*

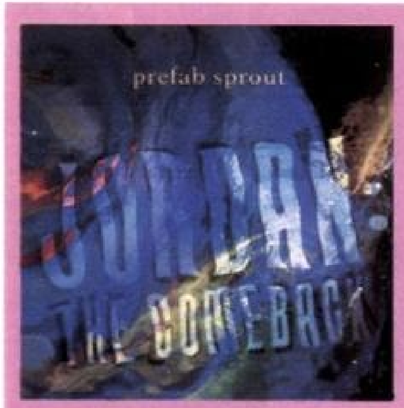
COMANDO METAL — Vários (WEA)

Esta é uma coletânea de raridades e hits metálicos montada pela equipe do programa da 89 FM, que tem o mesmo título. Entre as faixas inéditas no Brasil, o maior destaque vai para a versão ao vivo de "Love In A Elevator", do Aerosmith, tão perfeita quanto a gravação de estúdio. Mas também há "Highware", dos Badlands — grupo do guitarrista Jack E. Lee (ex-Ozzy Osbourne) e do vocalista Ray Gillen (ex-Black Sabbath) — e "Jelly Roll", do Blue Murder (que reúne veteranos como o ex-Thin Lizzy, John Sykes e o ex-Vanilla Fudge Carmine Appice). De resto, hits manjados de Alice Cooper, AC/DC, Mötley Crue, Guns N'Roses e outros. *L.R.*



SERIOUS HITS... LIVE! — Phil Collins (Warner/WEA)

Mais que um artista ou *hitmaker*, Phil Collins é um homem de marketing. Lançou este álbum duplo um mês após terminada a turnê que percorreu dezesseis países com seu *songbook* a tiracala. Conseguiu não apenas se manter nas paradas (já que o LP ... *But Seriously* não havia despencado) como ainda pegou os fãs com a memória fresca dos shows. Este detalhe estratégico garantiu que seu primeiro disco solo, ao vivo, fosse um negócio realmente *sério* para a indústria fonográfica — e para sua própria conta bancária. Entre os quinze sucessos estão... bem, deixa para lá, você conhece todos. *C.M.*



JORDAN: THE COMEBACK — Prefab Sprout (CBS/Sony)

Para Paddy McAloon, líder do quarteto inglês Prefab Sprout, o *perfect-pop* dispensa intróitos bombásticos ou refrões grudentos. Aliás, suas criações revelam-se invariavelmente extirpadas destes "incômodos apêndices". A resultante, longe de impor o tédio, tem sido capaz de enredar ouvidos com prazeres rarefeitos.

O método de McAloon — centrado na idéia do distanciamento e não identificação com o conteúdo das canções — guarda semelhanças enviezadas com o dos roteiristas de cinema.

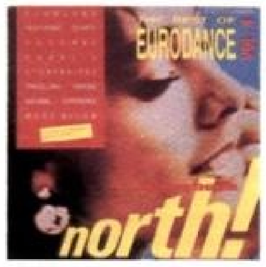
Planejado inicialmente como um álbum duplo, com os lados interligados por várias suítes, o projeto acabou vingando num único LP. Ainda assim, a essência resistiu. Basicamente, a obra tange as questões que sempre rondaram a existência humana: a crença num Deus, de onde viemos e para onde vamos, o amor e a morte. As faixas, tramadas como pequenos *scripts*, mesclam realidade e ficção de forma irônica e surreal.

Numa das suítes partidas, Paddy revê o arquétipo do *bad boy* em figuras como Howard Hughes, Jesse James e aquela que é sua obsessão-mor: Elvis Presley. Ele já havia feito "The King Of Rock'N'Roll" para *The Pelvis*, e, nos shows, bem-humorado, costumava cantá-la requebrando os quadris e apertando as mãos dos fãs. Agora, em "Moondog", Elvis ressurge — espectral — para planejar seu retorno triunfal.

Imperderáveis, as vozes de Paddy e da doce Wendy Smith seguem por entre dezenove temas que evocam raras influências (lá estão as reverberações de Burt Bacharach, das canzonetas de Rodgers & Hart, das trilhas dos desenhos animados de Disney). Reverenciando o Tijuana Brass (!) em "Carnival 2000", eles incorporam a nostalgia que sempre roçou suas canções. "The Wedding Present" traz sopros em surdina e clima "cheek-to-cheek" "Scarlet" um coquetel jazzy-pop à la Steely Dan, enquanto "Jesse James Bolero" é tudo que o título permite inferir.

Nos anos 90, Paddy McAloon persiste à margem, demasiadamente fora de moda para se tornar o centro das atenções. Se a ditadura dance implicar que o pop atual já não comporta excentricidades geniais como o "Fred Astaire das palavras", será mesmo uma pena.

Arthur G. Couto Duarte



THE BEST OF EURODANCE VOLS. 1, 2, 3 e 4 — Vários (Stiletto)

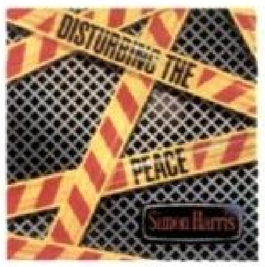
Uma coalizão multinacional de forças dançantes com poder de fogo variado. O volume 1 nos leva à Alemanha, com duas faixas legais de Daisy Dee com o MC B e outras faixas bem feitinhas mas desprovidas de qualquer originalidade. O volume 2 traz dance inglesa do selo Rhythm King. Tem Betty Boo com a fabulosa "Doin' The Do", um *ambient house* OK do Leftfield e contribuições monótonas de S'Express, Tim Simenon e Baby Ford. Os italianos estão no volume 3, bem representados apenas por Sueño Latino, Moreñas e um pré-house de 85, do Midas. Depois vêm os suecas, excepcionalmente desinteressantes, exceto por "Let's Get Busy", do Clubland. *C.R.*

BLACKS' MAGIC — Salt'N'Pepa (London/PolyGram)

Depois do beat contagiante de Betty Boo, fica até difícil julgar grupos femininos tipo o Salt'N'Pepa. Com um esforço para evitar tais comparações, o saldo ainda é positivo para as meninas do rap, mesmo que este *Blacks' Magic* fique muito aquém de seus discos anteriores. A mão do produtor Hurdy Luv Bug levanta a bola em faixas como "Negro Wit' An Ega", "I Like To Party" e "Let's Talk About Sex", de longe o melhor do disco. De lambuja, "I Don't Know", de Aaron Neville, com a dupla Kid-N-Play, numa batida lenta, e "You Showed Me", clássico dos Byrds em versão nota dez. *C.E.M.*

CÁSSIA ELLER (PolyGram)

A "descoberta" de Marisa Monte pelos novidadeiros da mídia praticamente instaurou um *neoboom* de vozes femininas no país, levando cada gravadora a sair à cata da(s) sua(s). Gritaram "bingo!" a Sony (Adriana Calcanhotto), Eldorado (Zélia Cristina, Tritone), EMI-Odeon (Fernanda Abreu) e PolyGram (Selma Reis e Cássia Eller). Em seu debut, a última chama a atenção tanto pelo timbre da voz quanto por um certo rumo — sinalizado pela inclusão de canções e músicos vindos da dita vanguarda paulista — em seu ecletismo. Aí, bons momentos, como a transcrição de "Tutu" por Itamar Assumpção, surgem ao lado de barbaridades tal qual a leitura "rasta (quêra)" que fez de "Eleanor Rigby". *A.G.C.D.*



DISTURBING THE PEACE — Simon Harris (London/PolyGram) **THE REVIVAL — Tony! Toni! Toné!** (Mercury/PolyGram) **TDCD HOUSE HITS II** (Tocp/PolyGram)

JOÃO — João Gilberto (Philips/PolyGram) **DA ATLÂNTIDA À BAHIA (O MAR É O CAMINHO) — Olodum** (Continental)

Ok, você já está cheio da febre bossa-novista — a "onda in" do verão 90/91. Maas,...

Não é todo ano que o grande (único?) mestre do banquinho-e-um-violão se digna a entrar num estúdio. Considerando que em *Brasil* (80) o microfone era dividido com o quarteto Caetano-Gil-Gal-Bethânia, seu último disco sério *Amoroso* (76). Maaas não foi tão longo e tenebroso o jejum. Nesse meio tempo saíram dois ao vivo — um tirado do especial da Globo e outro, duplo, de um show em Montreux — além de uma excelente coletânea de três LPs e o relançamento dos primeiros álbuns.

OK, tem gente dizendo que *João* é o pior disco de sua carreira, culpa dos orquestrações plastificadas de Clare Fischer. Há exagero e ranzinzice nesta afirmação. Seria mais correto dizer que é o seu disco mais *óbvio*. Além do delicioso jogo nas fraseados e divisões vocais e nas harmonias do violão, havia as surpresas de um arqueólogo desenterrando preciosidades esquecidas dos anos de ouro da MPB. Não é o caso de "Ave Maria No Morro", "Palpite Infeliz" e "Sampa" — e sim dos lampejos que justificam o disco: "Eu Sambo Mesmo", "Rosinha" e o genial laconismo de "Sorriu Pra Mim" (esta, assim como "Que Reste-t-il De Nos Amours", disponível apenas em CD e K7).

Os outros "baianos universais" em questão — a potência polirrítmica do Olodum, cortejada por Gal Costa, Paul Simon e Spike Lee — chegam ao quarto LP com algumas novidades. A primeira, na co-produção do americano Roy Cicala, se traduz em maior "ambiência": ou seja, os tambores soam mais próximos do peso que têm ao vivo. A segunda está no sutilíssimo acréscimo de um naipe de metais e alguns teclados eletrônicos em "Reggae Odoyá" (participação de Jimmy Cliff) e "Luz e Blues". Maaas a força está mesmo no velho e bom Olodum de "...No Balanço Das Águas" e "As Duas Histórias" — vozes no transe ancestral de chamada-e-resposta e de um batuque capaz de chuvas e trovoadas. Enfim, um grupo *além* da crítica, antipop, nem um pouco interessado em vender ou seduzir.

Se você tiver um sampler em casa, experimente uma colagem dos dois. *José Augusto Lemos*

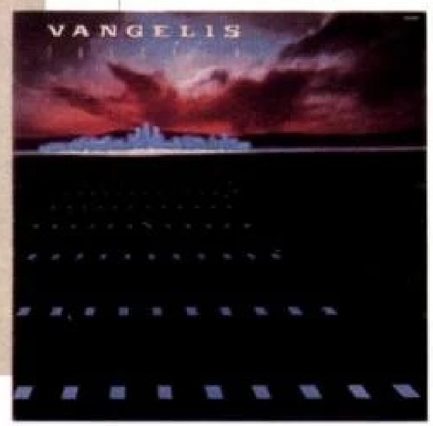
Em seu debut, a última chama a atenção tanto pelo timbre da voz quanto por um certo rumo — sinalizado pela inclusão de canções e músicos vindos da dita vanguarda paulista — em seu ecletismo. Aí, bons momentos, como a transcrição de "Tutu" por Itamar Assumpção, surgem ao lado de barbaridades tal qual a leitura "rasta (quêra)" que fez de "Eleanor Rigby". *A.G.C.D.*

Metralhadora giratória a postos e vamos lá! O genial produtor nova-ioquino Simon Harris chega ao primeiro LP que, se não contém seus 12" mais consagrados como "(I've Got Your) Pleasure Control" e "Bass (How Low Can You Go?)", se sai bem com seu coquetel de dance hall, hip house, funk, *raggamuffin'* etc. Os californianos do Tony! Toni! Toné! vêm cheios de recomendações como Top 10 nos EUA, duas faixas produzidas por Foster e McElroy (En Vogue, Club Nouveau), mas é daquele swingbeat-fórmula que não permite a diferenciação entre as faixas. A coletânea *Toca House Hits II* tem o lado A bem fraquinho (Plaza, aqueles troços) e o lado B impecável: DNA e Suzanne Vega ("Tom's Diner", se você ainda não enjoou), Beats International ("Dub Be Good To Me"), Deff Boys ("The Swing") e The Crew ("Get Dumb"), outro projeto dos produtores Robert Clivillés e David Cole, os polivalentes e prolíficos cabeças por trás do C+C Music Factory. *C.R.*

SAD WINGS OF DESTINY — Judas Priest (Gull/Stiletto)

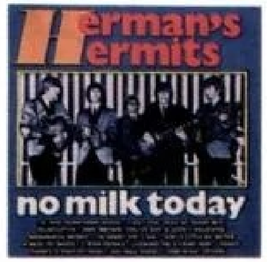
Com quinze anos de atraso, sai agora no Brasil o segundo álbum do Judas Priest, sendo que só o primeiro continua inédito por aqui. Ele traz nítidas influências dos grupos hard e heavy ingleses — tipo Cream, Deep Purple e Black Sabbath (notoriamente em "Victim Of Changes"). Os vocais de Halford já buscavam os agudos intensos e os solos dos guitarristas Downing e Tipton já prenunciavam o metal denso e técnico que fariam nos anos seguintes. *L.R.*

Os anos passam, as rugas aumentam tanto quanto o sentimentalismo, mas **Paul McCartney** continua firme, e abre esta seção profícuo em discos de baba grossa. **TRIPPING THE LIVE FANTASTIC — HIGHLIGHTS!** (Parlophone/EMI-Odeon), o registro de sua turnê-monstro, tenta fugir à regra da mediocridade apresentando clássicos dos Beatles empetecados por arranjos megalômanos. Outro que não desiste (porém sem atingir o mínimo sucesso) é **Andrew Ridgeley,** o cara-metade de George Michael no pueril Wham!. Em **SON OF ALBERT** (Epic/Sony), seu primeiro trabalho solo, ele tenta esquecer o passado de menino bem-comportado numa direção diferente do ex-parceiro, enveredando no infeliz caminho do rock de mentirinha. **M**ais um grupo de *dance* da comunidade européia (Captain Hollywood no comando de um alemão, um italiano e uma holandesinha dos sonhos poluídos) cai em pistas brasileiras. Inspirações de Soul II Soul aqui, chupações de Technotronic ali e você tem em mãos **STREET MOVES** (ToCo/PolyGram), o LP do **Twenty 4 Seven.** Para quem é mais calminho e curte o que rola nas fazendas experimentais de gado leiteiro, onde a música ajuda na produtividade, o disco **THE CITY** (EW/WEA), do new-ageficado **Vangelis** é uma boa pedida, se nem você nem as vacas dormirem. **E**squecendo os bovinos, mas ainda na área country, aparecem mais dois LPs editados pela Reprise/WEA: o disco de estréia de **Kevin Welch** onde ele mostra porque é considerado titular no novo time dos *cowboy singers*, e a bem escolhida coletânea **THE VERY BEST OF KENNY ROGERS**, em que o veterano de rodeios até interpreta uma faixa de Bo Diddley num dueto com a Fafá country, Dolly Parton. O mesmo não se pode dizer de outra seleção de "sucessos" — **PAST TO PRESENT: 1977-1990** (CBS/Sony) — do grupo **Toto**, que caberia bem melhor num compacto simples. **O** lote nacional é no mínimo engraçado, começando com a mistura de lambado, merengue e ritmos latinos da **Banda Warilou** no LP **SOCA ZOUCK CACICÓ** (Continental). Para quem já ouviu a versão house de "Volare", pode esperar palhaçada maior com "Negrita Linda", a versão lambadeira. Para os baixinhos que estão iniciando esta famosa arte de adquirir hérnia de disco, é melhor ouvir **Chico & Roberta**, os bailarinos Kaominhas em seu primeiro trabalho sem gente grande — **FRENTE A FRENTE** (CBS/Sony). **A**s porradas do mês vêm de longe: os **Tubarões Voadores** que habitam Itaboraí, no interior do Rio de Janeiro, trazem hardcore em estado basal no LP **AS VEIAS ABERTAS DA JUVENTUDE**, do selo independente Heavy (Arrigo Barnabé e Eduardo Galeano que os perdoem); enquanto de Campo Grande sai o metal do **Alta Tensão** no disco **NIGÉRIA** (Rock Brigade), com direito à cover de Deep Purple e bênção de Ian Gillan (!). Já no novo disco do grupo **Polegar** (Continental) os cinco aspirantes a Matt Dillon nacional tentam explicar em suas músicas "rebeldes" com quantos dedos se laço uma Juma Marruá. E viva a noite! *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

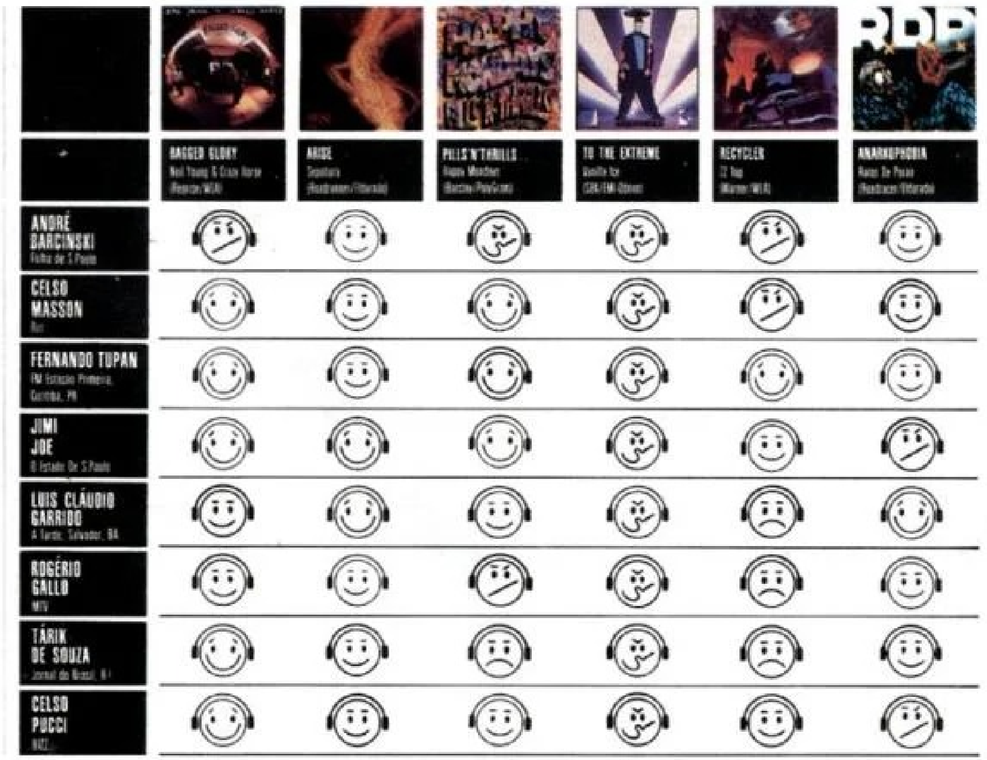


GRAVADORAS INDEPENDENTES: Heavy — c/o Postal 24047, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 264-2617 / Kansas — Rio de Janeiro (RJ) - (021) 259-5583 / Rock Brigade — R. Fernando de Albuquerque, 177, São Paulo (SP) - (011) 231-2212

A gravadora portuguesa Movieplay editou mais quarenta títulos em CD. Todos dentro de suas doze coleções, que abrangem desde nomes importantes do blues, jazz, rock'n'roll, soul e mesmo música clássica, até arranjos orquestrais de trilhas sonoras, "Os Grandes Sucessos De..." e outros tipos de *musak* — tem até uma tc. de Brazilian Tropical Orchestra interpretando temas dos Beatles em arranjos bossa nova. Porém, em meio a esta miscelânea, são pinçados alguns lançamentos de vulto. É o caso dos três volumes da coleção Remember, trazendo compilações de vinte faixas com **Sam & Dave** (**SOUL MAN**), **Herman's Hermits** (**NO MILK TODAY**) e gravações ao vivo de **Fats Domino** (**LIVE IN CONCERT**) Dentro de outra série, a Yesterday's Gold, destaca-se a edição de **THE MILLION DOLLAR QUARTET**, com a famosa sessão de estúdio de **Elvis Presley**, **Jerry Lee Lewis**, **Carl Perkins** e **Johnny Cash**, gravada em 56, além de uma coletânea com **Percy Sledge** (**20 GREATEST HITS**) e outra com **Nina Simone** (**MY BABY JUST CARES FOR ME**). Finalmente, a coleção Personality acrescenta mais uma trinca de CDs dedicados a Ray Charles aos três já existentes entre seus volumes. Agora são lançados o álbum **INGREDIENTS IN A RECIPE FOR SOUL** (63) e as compilações **HIS GREATEST HITS VOLUMES 1** e **2**.



CELSO PUCCI



A França é o túmulo do rock, com a honrosa exceção de Jean-Jacques Burnel, o baixista dos Stranglers. Paradoxo brutal: **Treponem Pal** — nome do vírus da sífilis — é a doença que tem levantado esse cadáver. O abrasivo crossover metal-industrial-escatológico está ainda mais violento em **AGGRAVATION** (Roadracer), com direito a uma versão tonelada de "Radioactivity" (Kraftwerk). Detalhe: o primeiro disco do Treponem Pal, que leva o nome da banda, foi lançado por aqui no ano passado, segundo a gravadora Eldorado, vendeu miseras cópias. Correm ao balcão de ofertas, nem que seja para garantir o lançamento do próximo.

◆

Para quem canta que o **Faith No More** é um subproduto reles dos Red Hot Chili Peppers, um desmentido enfático. **INTRODUCE YOURSELF**, LP anterior da banda, ainda com o vocalista Chuck Mosely, foi relançado por óbvias razões pelo Slash/PolyGram. Guitarras mais esparsas e teclados preeminentes lembram às vezes um Simple Minds boa fase (80/82). As conexões Sabbath ("Spirit") e punk-funk ("We Care A Lot") também já estão estabelecidas. E Mosely, vocal de negão, é bem menos estridulo que Mike Patton.

ALEX ANTUNES

A banda **Birdland** continua sendo a mais "pirata" do rock atual. Seus primeiros compactos, todos em edição limitada, hoje já são autênticas raridades no mercado fonográfico. **KAMIKAZE KIDS** (Peroxide) é quase um "disco oficial". A princípio podia ser encontrado sem dificuldade nas lojas inglesas, mas o selo do grupo (Lazy) tirou-o de circulação alegando tratar-se de pirataria. Além de alguns de seus melhores singles, o vinil traz também algumas gravações ao vivo (como a versão de "Rock'N'Roll Nigger", de Patti Smith), trechos de ensaios e de entrevistas especiais.

◆

Apesar de gravarem pelo selo Metal Blade, o trio americano **Goo Goo Dolls** não faz *thrash metal* e muito menos hardcore. É uma banda na linha punk 77, com um peso comparável aos Ramones e aos Sex Pistols. **HOLD ME UP**, seu LP de estréia, é uma atordoante surpresa, pois eles não dão descanso da primeira à última faixa, com direito até a uma regravação de "Never Take The Place Of Your Man", de Prince.

KID VINIL

A sigla **KMFDM** tanto pode valer para "Kill Mother Fucking Depeche Mode" quanto para "Kylie Minogue Fans Don't Masturbate". Não importa: o que interessa mesmo é saber que essa coalizão multirracial anda maquinando sons extraordinariamente desarvorados. Seu novo LP, **NAÏVE** (Wax Trax), carrega o ouvinte para uma excursão pelos quintos dos infernos. No roteiro, há reggae sulfuroso ("Virus Dub"), dance-gospel em brasas ("Die Now-Live Later") um calcinante *cyber-house* com sampleagens de "Carmina Burana" ("Liebeslied") e o *thrash* que o dia bo enjeitou ("Go To Hell").

◆

Veterana batalhadora do underground, **Danielle Dax** conseguiu sobreviver à derrocada do pós-punk inglês. Em **BLAST THE HUMAN FLOWER** (Sire), ela deixa a proteção das sombras em favor do arco-íris e, numa aura de lisergia *high tech*, põe citaras e seqüenciadores para acompanhá-la em sua versão de "Tomorrow Never Knows". A presença do ex-violinista do King Crimson, David Cross, e a produção de Stephen Street só reforçam o interesse.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

SHABBA RANKS, governador mundial do *ragga*, está mais para sexo puro do que para *dance hall* duro. Em **RAPPING WITH THE LADIES** (Greensleeves), o garanhão juntou um naipe das melhores cantoras na linha *dance hall*. J.C. Lodge, Krystal, Rebel Princess e até Deborah Glasgow. No faixa "Twice My Age", ele faz dupla com a adolescente supersexy Krystal, que apareceu durante sua última *tour-de-force* inglesa. Hoje, Shabba é um dos maiores sex symbols da Jamaica e, com um monte de gatas, fez um LP cheio de sexo, *riddims* e humor dançante.

JAN FIELD

BIZZ SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

LASERDISC EXPRESS
• COMPACT DISC
• VIDEO LASER
• FITA VHS MUSICAL
ENCOMENDE HOJE MESMO!
(VIA SEDEX P/ TODO BRASIL)
LASERDISC EXPRESS - SEU CD EM CASA
Tudo em Compact Disc, Video Laser e Fitas VHS-Musicais. Temos todos os títulos que você desejar (U.S.A. - Europa - Japão). Escreve para Caixa Postal 18385 - CEP 04699 e receba no seu pedido o nosso catálogo.
ASSESSORIA TOTAL
Realizamos assessoria para futuros revendedores e locadoras de Compact Disc / Video Laser levando qualquer tipo de informação: como montar uma loja, sistema de locação, público alvo, títulos mais vendáveis, etc.
TELEFAX (011) 275-6569 · São Paulo · S.P.
Fone (041) 223-6436 · Curitiba · P.R.
Fone (0473) 22-9674 · Blumenau · S.C.
Fone (0474) 26-0687 / 33-8973 · Studio CD Joinville · S.C.
Fone (081) 326-6341 · Recife · P.E.
Fax (031) 223-6191 / 227-9071 · Cx. P 1923 · B. Horizonte · M.G.

LONDON CALLING
DISCOS E CD's
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA
DANCE-MUSIC - ROCK - NEW BEAT - POP - ETC...
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
FONE: (011) 223-5584
APOIO TRANSAMÉRICA
R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01041 — CENTRO — SP

BIZZ
A revista Bizz atinge 658.000 leitores
(Pesquisa Marplan).
Faixa etária de 15 a 19 anos - 63%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 56%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%
Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para (011) 211-7866 r. 224 Editora Azul.

Studio Tan
Compact Disc
LOCAÇÃO
• Mais de 6.000 títulos de todos os gêneros musicais (Faith No More - Live, Mr. Big-Live, Skid Row, Pixies, Yellowman, Cactus, Focus, Peel Sessions, Soft Cell, Vômito Negro, Frank Zappa, Captain Beyond, Ride, Primal Scream, Esquerita, Metallica-Live, etc.)
VENDA
• Trabalhamos com todos os mercados (Japão, Europa, Estados Unidos, etc.)
• Coletânea Melody Maker, Deep Purple - Last Concert in Japan, Beck, Bogert & Appice - Live, Miles Davis - Jack Johnson, Lord Sutch - And Heavy Friends, e muito mais raridades.
• Lançamentos simultâneos.
• Aceitamos encomendas.
• Vendas para todo o Brasil via Sedex.
• Entregamos no local para São Paulo e Grande São Paulo.
• Também por atacado.
• Ouça nossos programas na BRASIL 2000 - 107,3 FM-S.P. aos Sábados às 14:00h e nas Segundas às 23:00h.
Apresentando este anuncio você ganha 50% na Locação (taxa de inscrição) e 10% na Compra ou Encomenda de seu CD.
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220 - Jdim. Paulista - São Paulo - Cep: 01403 - Fone (011) 887-9082 - Fax (011) 887-6807

Up Dance Music
DISCOS & CDs
A loja de discos, acessórios, CDs e equipamentos importados (Technics MKII-1200, phones - Sony & Aiwa, cápsulas - Stanton & Sure, telão e projetor de alta definição e muito mais).
Importação e exportação. Remetemos para todo o Brasil.
Up Dance Music Rua 24 de Maio, 116 - Rua Alta, loja 37 - São Paulo - S.P. - Telefax (55011) 222.1689

SEPULTURA

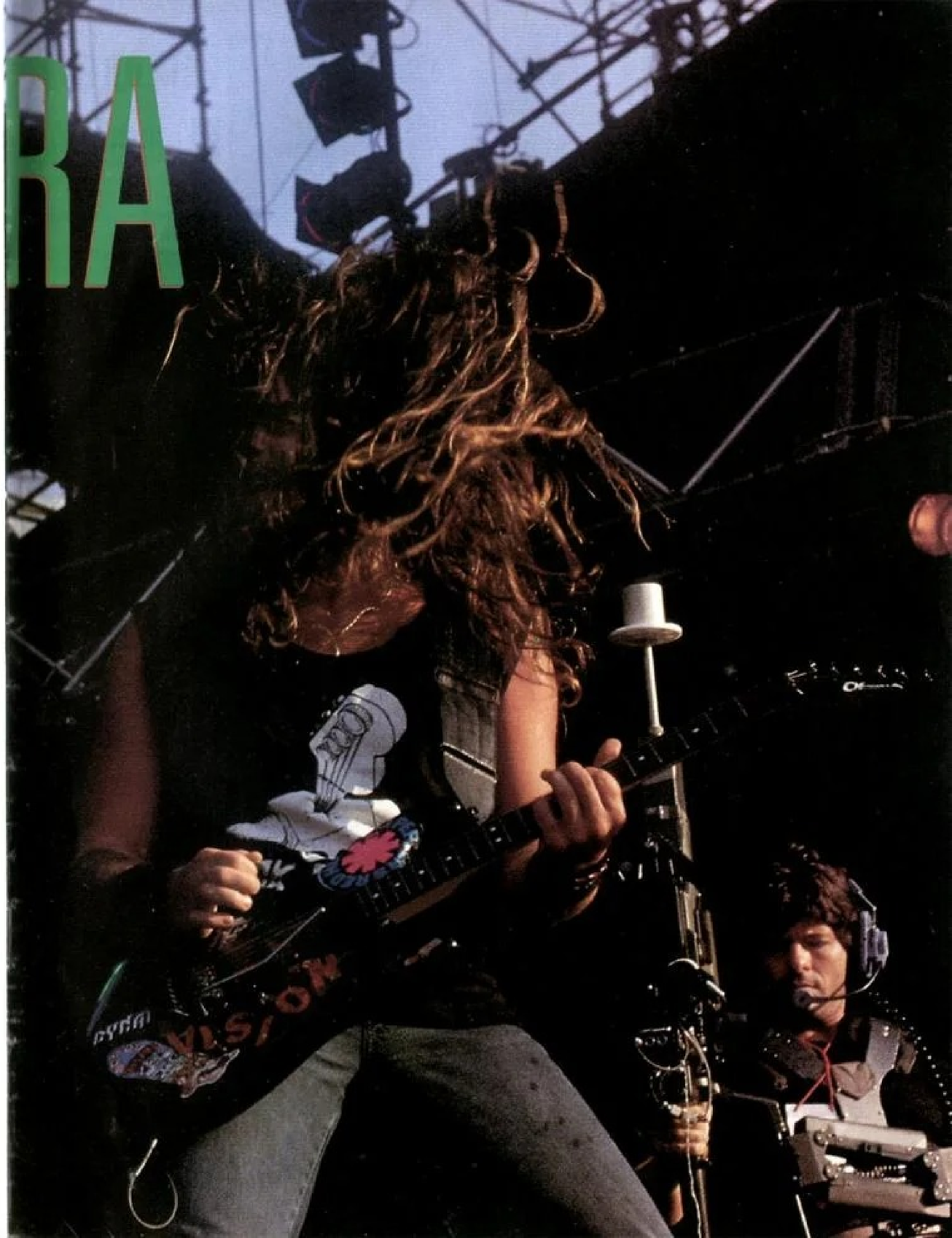
DEAD EMBRYONIC CELLS

(Max Cavalera/Andrea Kisser/Paulo Jr./Igor Cavalera)

CÉLULAS EMBRIONÁRIAS MORTAS

Land of anger	*Terra de raiva*
I didn't ask to be born	*eu não pedi para nascer*
sadness, sorrow	*tristeza, aflição*
everything so alone	*tudo tão só*
Laboratory sickness	*Doença de laboratório*
infects humanity	*infecta a humanidade*
no hope for cure	*sem esperança de cura*
die by technology	*morrer por tecnologia*
A world full of shit coming down	*Um mundo cheio de merda em colapso*
tribal violence everywhere	*violência tribal por toda parte*
life in the age of terrorism	*a vida na era do terrorismo*
we spit in your other face	*nós cuspimos em sua outra face*
War of races	*Guerra de raças*
world without intelligence	*mundo sem inteligência*
a place consumed by time	*um lugar consumido pelo tempo*
end of it all	*fim de tudo*
We're born... with pain	*Nascemos... em dor*
no more... we're dead	*não mais... estamos mortos*
embryonic cells	*células embrionárias*
Corrosion inside — we feel	*Corrosão interna — nós sentimos*
comdemned future — we see	*futuro condenado — nós vemos*
emptiness calls — we hear	*o vazio chama — nós ouvimos*
final premonition — the truth	*premonição final — a verdade*
(repete segunda e terceira estrofes)	*(repete segunda e terceira estrofes)*
We're born... with pain	*Nascemos... em dor*
suffer... remains	*sofremos... restos*
(repete)	*(repete)*
We're dead	*Estamos mortos*

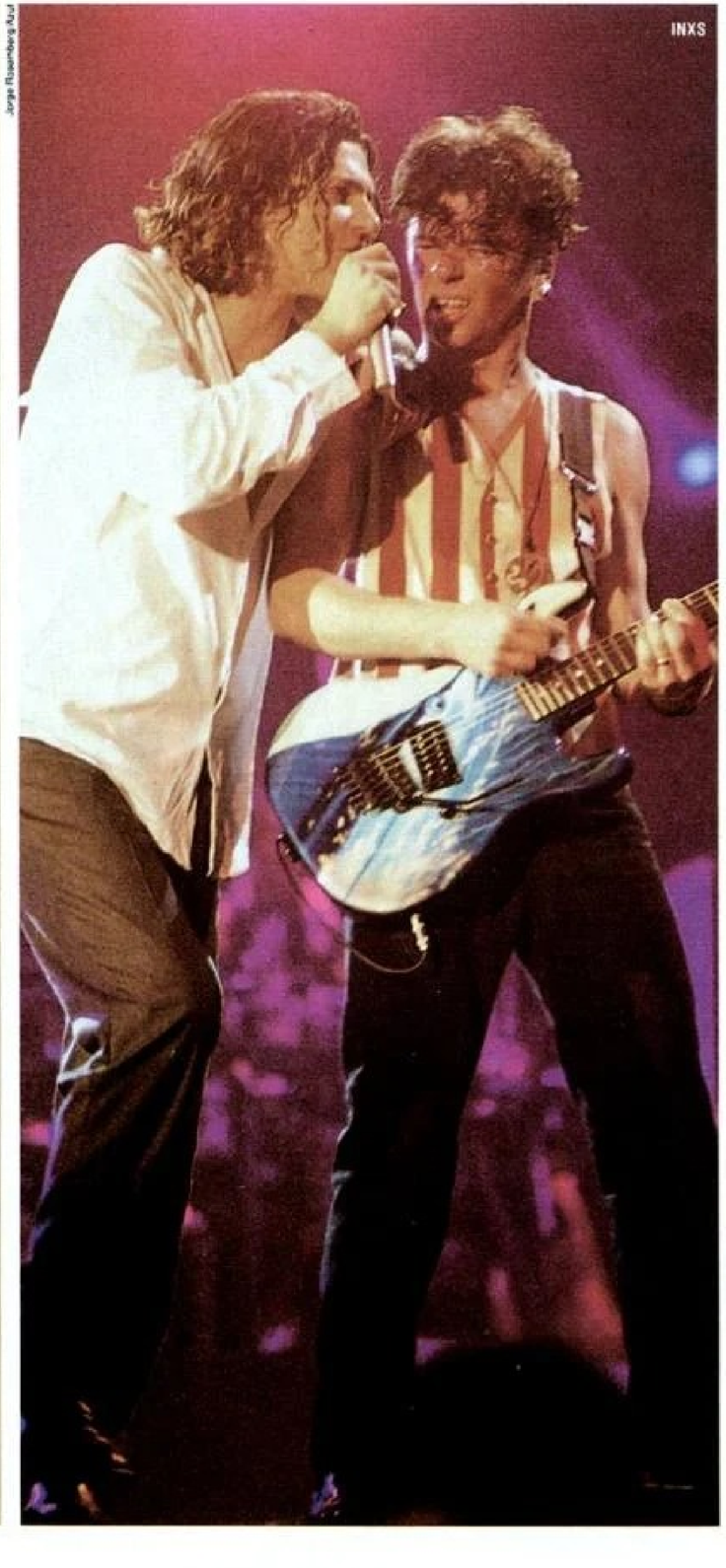
© Roadbunner Records & Music Pub. Co. Inc.
(Direitos cedidos para o Brasil a Warner Chappell Eds. Musicais LTDA.)



Jorge Rosenberg Azul

PARADA

Jorge Rosemberg Júnior



CONVENÇÕES:

(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "*BIZZ — Parada Dos Leitores*", Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05478, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário

LEITORES

1. *The Real Thing* (14) — **Faith No More** — PolyGram
2. *X* (6) — **Inxs** — PolyGram
3. *O Papa É Pop* (1) — **Engenheiros Do Hawaii** — BMG-Ariola
4. *Violator* (9) — **Depeche Mode** — WEA
5. *Hack* (15) — **Information Society** — Stiletto
6. *Appetite For Destruction* (11) — **Guns N'Roses** — WEA
7. *Arise* (N) — **Sepultura** — Eldorado
8. *No More Games* (N) — **New Kids On The Block** — Sony
9. *Behaviour* (5) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
10. *Please Hammer Don't Hurt'em* (N) — **MC Hammer** — EMI-Odeon
11. *Blaze Of Glory* (2) — **Jon Bon Jovi** — PolyGram
12. *Mixed Up* (N) — **The Cure** — PolyGram
13. *Skid Row* (18) — **Skid Row** — WEA
14. *GN'R Lies* (8) — **Guns N'Roses** — WEA
15. *World Clique* (N) — **Deee-Lite** — WEA
16. *Charmed Life* (N) — **Billy Idol** — EMI-Odeon
17. *The Immaculate Collection* (7) — **Madonna** — WEA
18. *The Wall (Live in Berlin)* (N) — **Roger Waters** — Sony
19. *Dreamland* (R) — **Black Box** — BMG-Ariola
20. *To The Extreme* (N) — **Vanilla Ice** — EMI-Odeon

Lojas consultadas: **Cândido Negro e Cogumelo Discos** (Belo Horizonte), **Pop Som e Casa Castelo** (Porto Alegre), **Modern Sound, Sub Som e New Sound** (Rio de Janeiro), **Temptation Discos e Jukebox** (Curitiba), **Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos** (São Paulo), em 19/03/91.

LOJAS

1. *The Real Thing* (1) — **Faith No More** — PolyGram
2. *Appetite For Destruction* (2) — **Guns N'Roses** — BMG-Ariola
3. *Arise* (3) — **Sepultura** — Eldorado
4. *Time's Up* (7) — **Living Colour** — Sony
5. *GN'R Lies* (R) — **Guns N'Roses** — BMG-Ariola
6. *Ghost* (Trilha Sonora) (10) — **Vários** — BMG-Ariola
7. *Seasons In The Abyss* (6) — **Slayer** — PolyGram
8. *Painkiller* (9) — **Judas Priest** — Sony
9. *Skid Row* (17) — **Skid Row** — WEA
10. *Lovegod* (5) — **Soup Dragons** — PolyGram
11. *Rust In Peace* (13) — **Megadeth** — EMI-Odeon
12. *A Flor Da Pele* (N) — **Ney Matogrosso & Rafael Rabello** — Som Livre
13. *Boomania* (N) — **Betty Boo** — Stiletto
14. *Cássia Eller* (19) — **Cássia Eller** — PolyGram
15. *Anarkophobia* (N) — **Ratos De Porão** — Eldorado
16. *Doolittle* (R) — **Pixies** — WEA
17. *The Rhythm Of The Saints* (4) — **Paul Simon** — EMI-Odeon
18. *Serious Hits... Live!* (N) — **Phil Collins** — WEA
19. *Vision Thing* (7) — **Sisters Of Mercy** — WEA
20. *Flesh & Blood* (R) — **Poison** — WEA

LPs (EUA)

1. (2) **Mariah Carey** (Columbia)
2. (8) *The Soul Cages* — **Sting** (A&M)
3. (5) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
4. (1) *To The Extreme* — **Vanilla Ice** (SBK)
5. (N) *Into The Light* — **Gloria Estefan** (Epic)
6. (3) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
7. (N) *Shake Your Money Maker* — **Black Crowes** (Geffen)
8. (6) *The Razor's Edge* — **AC/DC** (Atco)
9. (N) *Gonna Make You Sweat* — **C+C Music Factory** (Columbia)
10. (4) *The Simpsons Sing The Blues* — **Simpsons** (Geffen)

LPs (GB)

1. (N) *Innuendo* — **Queen** (Parlophone)
2. (8) *Wicked Game* — **Chris Isaak** (Reprise)
3. (N) *Circle Of One* — **Oleta Adams** (Fontana)
4. (N) *Into The Light* — **Gloria Estefan** (Epic)
5. (R) *Listen Without Prejudice Vol. 1* — **George Michael** (Epic)
6. (N) *Auberge* — **Chris Rea** (Magnet)
7. (4) *The Very Best Of* — **Elton John** (Rocket)
8. (N) *The Best Of* — **Free** (Island)
9. (2) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
10. (N) *The Simpsons Sing The Blues* — **Simpsons** (Geffen)

LPs Independentes (GB)

1. (N) *The Real Ramona* — **Throwing Muses** (4 AD)
2. (N) *30 Something* — **Carter USM** (Rough Trade)
3. (N) **Birdland** (Lazy)
4. (N) *Recurring* — **Spacemen 3** (Fire)
5. (4) *Fat Ass* — **Silverfish** (Weeja)
6. (N) *The Power Of Pussy* — **Bongwater** (Shimmy Disc)
7. (N) *The Sky Is Falling...* — **Jello Biafra** (Alternative Tentacles)
8. (2) *Nowhere* — **Ride** (Creation)
9. (1) *Pills'N'Thrills And Bellyaches* — **Happy Mondays** (Factory)
10. (N) *Rhythm Of Love* — **Kylie Minogue** (PWL)

Compactos (EUA)

1. (5) "Someday" — **Mariah Carey** (Columbia)
2. (4) "One More Try" — **Timmy T.** (Quality)
3. (2) "All The Man That I Need" — **Whitney Houston** (Arista)
4. (6) "Where Does My Heart Beat Now" — **Celine Dion** (Epic)
5. (N) "Show We The Way" — **Styx** (A&M)
6. (N) "All This Time" — **Sting** (A&M)
7. (N) "Coming Out Of The Dark" — **Gloria Estefan** (Epic)
8. (1) "Gonna Make You Sweat" — **C+C Music Factory** (Columbia)
9. (N) "This House" — **Tracie Spencer** (Capitol)
10. (N) "Wicked Game" — **Chris Isaak** (Reprise)

Compactos (GB)

1. (9) "Do The Bartman" — **Simpsons** (Geffen)
2. (N) "Crazy For You" — **Madonna** (Sire)
3. (N) "Get Here" — **Oleta Adams** (Fontana)
4. (N) "You Got The Love" — **Source/Candy Staton**
5. (N) "Should I Stay Or Should I Go" — **Clash** (Columbia)
6. (6) "All Right Now" — **Free** (Island)
7. (N) "(I Wanna Give You) Devotion" — **Nomad** (Rumour)
8. (N) "Move Your Body (Elevation)" — **Xpansions** (Optimism)
9. (N) "Because I Love You (Postman Song)" — **Steve B** (Polydor)
10. (N) "Outstanding" — **Kenny Thomas** (Cooltempo)

Compactos Independentes (GB)

1. (2) "3 AM Eternal" — **KLF** (KLF Communications)
2. (N) "Tremelo" — **My Bloody Valentine** (Creation)
3. (N) "Morning Rise" — **Slowdive** (Creation)
4. (N) "Over Rising" — **Charlatans** (Situation Two)
5. (N) "(I Wanna Give You) Devotion" — **Nomad** (Rumour)
6. (N) "Counting Backwards" — **Throwing Muses** (4 AD)
7. (N) "Grease Gun" — **Drive** (Revolver)
8. (N) "Snag" — **Bleach** (Way Cool)
9. (N) "Loose Fit" — **Happy Mondays** (Factory)
10. (N) "Drive This Fast" — **Kitchens Of Distinction** (One Little Indian)

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 23/02/91 a 09/03/91; *Melody Maker* e *Pearl Musical Express* (GB), de 09/02/91 a 09/03/91. Para a Parada Dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 15/03/91.

RAUL SEIXAS
DISCO HISTÓRICO
LP e Cassete

EDIÇÃO LIMITADA
PREÇO: Cr$ 2.900,00
(Já incluso despesas postais.)

Formas p/ aquisição:
• Cheque Nominal à Acervo Discos, ou
• Vale Postal.
• Atendimento especial aos lojistas. Produtos de todas as gravadoras no atacado.

Distribuidora de Discos ACERVO Ltda.
Rua Itabuna, 35 - Osasco - S.P. - CEP 06010
Fones: (011) 703-0264/703-9236

Envie este cupom ou xerox p/ ACERVO DISCOS LTDA.
BZ 22-70

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____

ESTADO: _____ TELEFONE: _____

QUANTIDADE: _____

CARTAS

GREGOS, TROIANOS E XIITAS

Eu não entendo por que certos leitores escrevem para a redação de BIZZ pedindo que retirem o espaço relativo a dance music. Se olharmos o índice, vamos encontrar muito menos espaços dedicados a este estilo do que eles afirmam existir. A BIZZ é uma revista especializada em música e não apenas em rock. (...) Então, quero que se fodam esses leitores com sua arrogância, egoísmo, desrespeito e falta de inteligência, uma visão tapada do mundo, que não é o meu nem daqueles que estão em sintonia com o que acontece a sua volta. Agradeço a BIZZ por nos informar sobre tudo que acontece no mundo da música e por se desenvolver paralelamente a ele.

Marcelo da Silva, Miracema
os Tocantins, TO

(...) Vocês não prestam mesmo! Pretendo nunca mais comprar esta revista nojenta e sem personalidade que é a BIZZ — uma publicação tupiniquim fajuta, que tenta (em vão) copiar o modelo de revistas como a *Spin*. (...) Não sei onde eu estava com a cabeça quando gastei Cr$ 400,00 para comprar um LIXO

Williams Guerroz, São Bernardo
do Campo, SP

A BIZZ está uma verdadeira merda, e essa de fevereiro... sem comentários. Graças a Deus minha assinatura acabou e essa edição chegou a tempo para que eu decidisse não renovar. (...) BIZZ, você está cada vez mais decadente e não sou eu quem vai acompanhá-la até o fim do poço. Sorte daqueles que entendem inglês, pois a salvação é *Vox*, *Spin* e outras. Meus pêsames!

Carla Catarina Costa, São Paulo, SP

Noticiamos com pesar o falecimento da melhor revista de rock do país: BIZZ. Os seus leitores mais assíduos, os roqueiros, já notavam sua decadência, que chegou ao auge numa "febre" dance music. Em consequência, suas páginas se tornaram monotonas (até bregas às vezes) e seus críticos desprovidos de inteligência. A revista acabou por cometer "suicídio" até que original: ignorou por completo a vinda ao Brasil de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, o Nazareth. O que restou da revista, apesar do nome, é digno de ser catalogado em sacos de lixo, junto com posters do New Kids On The Block, discos dos Inimigos Do Rei, bandas de acid house e coisas do gênero.

Marcos Antonio Franco, São Paulo, SP
e mais seis assinaturas

Estou insatisfeitíssimo com a BIZZ atualmente. Já não bastava pagar o que pagamos para folhear nossa única revista de música, e encontrarmos só babaquices e perda de tempo com grupos totalmente descartáveis? Para que se deixar envolver somente com ritmos do momento, como house, disco, eletronic body music, raps e hip hops da vida, e ainda por cima darem uma importância do cacete a bandas heavy? (...) Façam com que pessoas como eu (que adorava a BIZZ) voltem a gostar dela, do jeito que está não dá...

Carlos Evaristo de Araujo, Paulista, PE

Estou achando sensacional a seção Dance Music — uma das razões pelas quais compro a BIZZ todos os meses. (...) Acompanho a evolução da dance há algum tempo e vi como aos poucos ela foi ganhando espaço nesta revista, diga-se de passagem, merecido. Por isso não entendo como certos indivíduos, órfãos de sei lá quem, escrevem para a revista descendo o pau sem usar nenhum critério lógico, esculhambando todo mundo. É puro preconceito musical, racial e étnico. (...) Mas, como estamos numa democracia, deixem que falem — e Deee-Lite e Public Enemy neles. (...)

DJ Sidnei, São Paulo, SP

OPINIÕES MISTURADAS

Estou profundamente decepcionado com a reportagem sobre o *Mixed Up*, o novo álbum do Cure. (...) Vocês não precisavam acabar com o grupo de forma tão baixa. Queria parabenizá-los pela cagada que fizeram e por decepcionarem como nunca um curemaniaco. Da próxima vez, que seja uma matéria digna de um grupo como o Cure.

Eduardo Moura de Andrade, Santa Rita de
Sapucaí, MG

Nota da redação: talvez você não tenha reparado, mas a "cagada" foi assinada pelo próprio Robert Smith.

Parabenizo a BIZZ pela excelente reportagem do Cure (Robert Smith) "A Cura Pela Dança". Para uma fã como eu, reportagens como esta não se encontram de uma hora para outra em qualquer lugar por aí. (...)

Viviane Milkiewicz, Erexim, RS

BRONCA THRASH

Por causa de vocês eu ia perdendo um puta amigo. Motivo: ele comprou a BIZZ 67 (por causa do Sepultura); eu comprei o novo disco do Sepultura. Moral da história, estávamos trocando ideia quando ele começou a falar o nome das músicas e eu ri, porque na matéria a maioria está errada. A segunda do lado A é "Dead Embryonic Cells" (e não o que vocês colocaram), a segunda do lado B é "Under Siege (Regnum Irae)" e não "Degnun Irae". No disco não tem nenhuma cover do Motorhead chamada "Orgasmatron". O resto está beleza e o disco está loucão.

Luis Carlos, Brasília, DF

Carlos Eduardo Miranda responde: Mas que coisinha triste!!! Imaginem perder o amigo do coração. Você está certo, as duas primeiras correções são justas, mas quanto a "Orgasmatron" você já deve ter entendido que minha matéria foi feita a partir da versão oficial e não da tiragem limitada especial para o Rock In Rio II (que realmente não inclui a cover do Motorhead). O Sepultura manda um abraço especial para você e para Franklin Freitas Franco, de Feira de Santana, BA, que escreveu notando os mesmos erros.

BRONCA BRANCA

A crítica feita ao disco *Rosa Branca* da banda Taffo (BIZZ 67) foi uma tremenda falta de respeito, não só para com os músicos, como também para com todo o público conquistado pela banda. Tal crítica só poderia partir de alguém sem o mínimo de sensibilidade (...) e que desconhece algumas particularidades da banda Taffo, como o fato de esse repertório (tão menosprezado pelo sr. Carlos Eduardo Miranda) ter chamado a atenção de Ian Gillan, um verdadeiro monstro do rock.

Fernanda do Couto Rosa,
São Paulo, SP

É triste ver um comentário assim ser publicado na BIZZ. C.E.M. fez um ataque covarde e destrutivo (...) pois qualquer um que tenha noção de música, mesmo não gostando da mensagem, reconhece o valor e a qualidade da banda Taffo. Procure se informar melhor sobre as besteiras que diz e, principalmente: ARREPENDE-TE IRMÃO!

Tom Marcel, São Paulo, SP

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Procuramos gravações dos concertos de David Bowie no Brasil (audio e video). Trocamos por gravações de concertos dele de toda a Europa. Procuramos também reportagens de jornais e revistas brasileiros sobre David Bowie.

Isabel e Luis Clemente, Apartado, 1605,
1016, Lisboa Codex, Portugal

MERCADO PARALELO

Compro gravações em fitas de rolo. Escreva enviando catalogo. Adriana, Rua Eudoro Berlink, 1117/103, CEP 90420, Porto Alegre, RS

Compro BIZZ 48 e 49. Cynthia Dassan Fernandes, R. Amador Bueno da Veiga, 2304, ap. 112-A, CEP 03636, São Paulo, SP.

Vendo BIZZ 39, 48, 56, 57-L (Letras Traduzidas) e 60. Osvaldo Kaiser, R. Neri Kurtz, 55, CEP 97110, Santa Maria, RS.

Procuro desesperadamente qualquer BIZZ com reportagem sobre U2, Beatles, Clash, Doors, Lou Reed e Janis Joplin. Fernanda Frafe, Praça Antônio Menck, 34, ap. 94, CEP 06090, Osasco, SP

Compro BIZZ zero, 8, 11, 59 e 61 (com *Fichas Do Rock*). Letras Trauzidas Top Hits e 57-L. Album Especial 57-E e 60-E. Vendo Letras Traduzidas 42-L, 44-L, 47-L, 48-L, 49-L, 53-L. Álbum Especial 50-E, 51-E, 53-E. Anderson Marcelo Cabo Verde, R. 14 n.º 38, CEP 69055, Manaus, AM.

Vendo as seguintes edições da BIZZ: 2 a 25, 27, 32, 34, 41 a 47, 49, 51 a 61, 63 e 65. Adilson Cândido da Silva, R. Arthur Jose Ignácio, 2-A, CEP 05830, São Paulo, SP

Compro fotos ou reportagens sobre o Faith No More. Gostaria de me corresponder com metaleiros que curtam o Faith e o Sepultura. Fernanda Rose, Caixa Postal 669, CEP 37700, Poços de Caldas, MG

Compro material do Guns N'Roses e BIZZ 67. Jonas Braga, Rua Antônio Públio do Valle, 319, CEP 11990, Cananéia, SP

FÃ-CLUBES

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube Alívio Imediato* A/C Eric Oliveira, QE 28, conj. H, casa 28, CEP 71060, Brasília, DF

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube* A/C Elisângela Félix dos S. Silva, R. Da Paz, 36, CEP 21040, Rio de Janeiro, RJ

Joy Division *Twenty Four Hours* A/C Paulo dos S. Rosa, R. Citeria, 405, casa 6, fundos, CEP 21230, Rio de Janeiro, RJ

Legião Urbana *No Coração Dos Paulistas* A/C Márcio, Av. Miguel Stéfano, 1973, Bl. 05, ap. 101, CEP 04301, São Paulo, SP

Marina *Marina Lima Fã-Clube*, R. Campo Grande, 1145, CEP 30620, Belo Horizonte — MG

Não Religião Caixa Postal 7508, CEP 06291, Osasco, SP

Oingo Boingo *Oingo Boingo Secret Society* Caixa Postal 7214, CEP 80020, Curitiba, PR

Raul Seixas *Krig-Ha Bandolo Fã-Clube*, Caixa Postal, 100, CEP 96540, Agudo, RS

Rolling Stones A/C Gilberto Prado, Caixa Postal 63503, CEP 02298, São Paulo — SP

Smiths *Fã-Clube Strangeways* A/C Renato Silva, Quadra 19, conj. 3, casa 6, setor "o", CEP 72000, Brasília, DF

Sting *Bring On The Night* A/C Alex Avolio, R. Celita Melo de Abreu, 42/202, CEP 25255, Santa Cruz da Serra -- RJ

Sugarcubes *The Sugarclub* A/C Franey, r. Barão de Ubá, 16/202, CEP 90430, Porto Alegre — RS

Sucarcubes Birthday Fan Club R. Vitório da Costa, 67/11, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22261

Talking Heads *Naked*, r. Santa Catarina, Quadra 12, Lote 5, CEP 77220, Luziânia — GO

Tina Turner *Furacão Incendiário II*, R.E. 854, CEP 49000, Aracaju — SE

Titãs *Cabeça Dinossauro* A/C Anderson, R. Estrela da Jordânia, 276, CEP 30510, Belo Horizonte, MG

Titãs *Fã-Clube Titãs Go Back Recife* A/C Mário César, Av. Armindo Moura, 341, ap. 101, CEP 51060, Recife, PE

Toy Dolls *Fã-Clube Toy Dolls Maniacos*, av. São Francisco, 44, CEP 85590, Dois Vizinhos — PR

ERRAMOS

Na *ficha* de Lobão, a música "Por Tudo Que For" foi creditada ao disco *Sob O Sol De Parador*, mas pertence ao LP *Cuidado!*. Já o nome do cantor está correto na *Ficha*, ainda que alguns leitores teimem em discordar.

A banda formada por Dé (ex-Barão Vermelho), Sérgio Serra (ex-Ultraje), Nani e Kadu (ex-Lobão) é Telefone Gol, ao contrário do que foi publicado no *ShowBizz* da edição 67.

Na Ficha de Chuck Berry, foram omitidos os seguintes filmes: *Jazz On A Summer's Day* (59), de Bert Stern; *The T.A.M.I. Show* (64), de Steve Binder; *Keep On Rockin'* (72), de D.A. Pennebaker; *Let The Good Times Roll* (73), de Sid Levin e Robert Avel. Na Ficha de Jerry Lee Lewis, também ficaram faltando os filmes: *Keep On Rockin'* (72), de D.A. Pennebaker; *The London Rock'N'Roll Show* (73), de Peter Clifton; *Catch My Soul* (74), de Patrick McGooham; *Jiveasp* (75), de Richard Kooris; *American Hot Wax* (78), de Floyd Mutrux — além do video *That Was Rock* (84). Ainda em Fichas: Celly Campello participou do filme *Ritmo Alucinante* (76), de Marcelo França. As correções foram feitas por André Luis Acosta, diretor do **Fã-Clube Rockabilly Fever, Franca — SP.**

Na BIZZ 68 esquecemos de creditar o trabalho do maquiador Caito, cujo trabalho na sessão de fotos de Marisa Monte aparece na capa da revista e na abertura da matéria.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abril-press

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720/801, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

NESS-151

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui a sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____

Cidade _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
ARTE
Editora: Derok Bittnas
Diagramação: Antonio Fernando Morra, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Colaboradores: Arthur G.G. Duarte, André Barcinski, André Luiz C. Barroco, André Forastieri, Camilo G. da Rocha, Carlos E. Miranda, Cláudia de Souza Lima, Eduardo Bastos de Assis, Enéas Gomes de Souza Neto, Evil Otto, Jan Field, José Julio do Espírito Santo, Kid Vinil, Leopoldo Rey, Luis Claudio S. Garrido, Luis Henrique Romanholi, Mauricio Valladares, Paula de Noronha Campos, Reinaldo Ferri, Sônia R. Aversa (texto), Alvaro G. Motta, Jorge Rosemberg, Mariano Coelho, Ricardo Siqueira, Silvio Viegas (fotos). Alexandre Ortiz Ramos (revisão).
Assessoria de Arte: Eduardo Bonetto

Diretora Responsável: Laloe de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Carla Corrêa, Gilberto J. P. Moio
RJ - Diretor: Eduardo Rosa
Contatos: Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Coordenadora: Sandra C. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Estúdio Fotográfico - Gerente: Fábio Cabral
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres), Maisson Torrello (Berlim)
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex 237670. Fax (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax (00331) 42661399

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: André Felipe D'Amato
Assistente: Patricia Grancini

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Prazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Miranda Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479, Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-0115. **Telegramas:** Editabril/Abril-press. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 6.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282. Telex (021) 22674. Fax (021) 275-9047. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Piau Varias, Azinhaga dos Teixos, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a rescisão, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Tereza, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Stamp ano 07

CAMISETA - BLUSÕES - JAQUETAS
MANGA CURTA E LONGA — DE MOLETON — ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G
CONFECÇÃO PRÓPRIA — MODELAGEM GRANDE
RECEBA PELO CORREIO
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2.ª A 6.ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS

MANGA CURTA (MC):	Cr$ 4.800,00
MANGA LONGA (ML):	Cr$ 6.000,00
BLUSÃO (MT):	Cr$ 8.400,00
JAQUETA (JQ):	Cr$12000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

ATENÇAO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO
Só enviaremos o pedido mediante remessa antecipada de cheque nominal à Stamp ou Vale Postal, no valor total do pedido.
Preencha o Vale da seguinte maneira:
Unidade Pagadora: Ag. Shopping Center Norte — Código: 403369 —
Destinatário: Stamp — Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

ENTREGA URGENTE — SEDEX
— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
— Todas estampas estão disponíveis nos quatro modelos. Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Jaqueta (JQ).

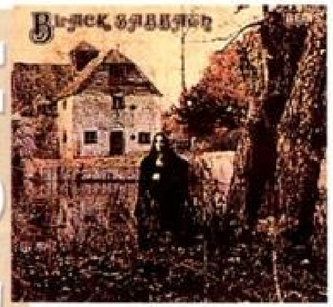
ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐
NO VALOR DE .....

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD

NOME: _____
END.: _____
CEP: _____ CID.: _____ EST.: _____
ASSINATURA: _____
R.G. _____ TEL.: _____
Envie este cupom ou cópia p/ Stamp. Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

BIZZ Nº70

DISCOTECA BÁSICA



BLACK SABBATH

BLACK SABBATH (1970)

No início de 70, um então desconhecido quarteto da cidade inglesa de Birmingham chocaria a Europa ao gravar um álbum que ultrapassava todas as fronteiras da brutalidade sonora que eram conhecidas até então.

Muitas bandas já tocavam alto na época: The Who, Cream, Deep Purple, Led Zeppelin e o pré-punk de Detroit (The Stooges e MC5). O heavy do Black Sabbath, no entanto, era diferente — mórbido, cruel, demoníaco. Enquanto o psicodelismo dos hippies ainda ecoava por todo o mundo e o rock progressivo passava por seu período mais promissor, o vocalista Ozzy Osbourne declarava: "Nossa música é uma reação a toda essa babaquice de paz, amor e felicidade. Os hippies ficam tentando te convencer de que o mundo é uma maravilha, mas é só olhar ao redor para ver em que merda nós estamos."

Ozzy tinha todas as razões para reclamar da vida: teve uma infância pobre e passou boa parte de sua adolescência trancado nas cadeias de Aston, o bairro miserável de sua cidade natal. Em 67 resolveu montar um grupo com o guitarrista Tony Iommi, o baixista Terry "Geezer" Butler e o baterista Bill Ward, começando a tocar no circuito de bares por cachês irrisórios. Como resultado direto de suas frustrações e problemas financeiros, viram seu som se tornar mais sujo e agressivo a cada dia.

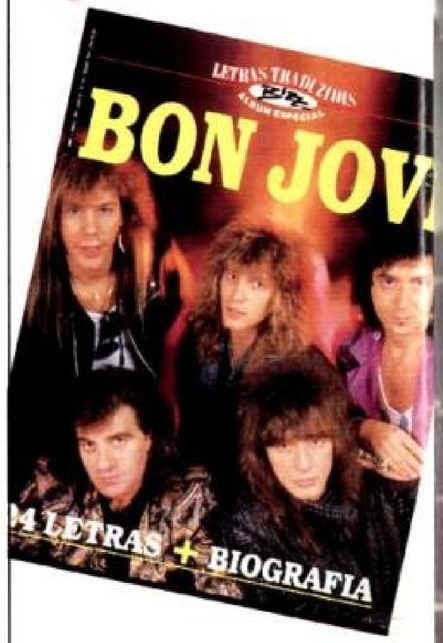
Black Sabbath, o álbum de estréia do grupo — lançado numa sexta-feira, 13 de fevereiro —, foi a válvula de escape de toda essa revolta acumulada ao longo de três anos de estrada. A violência condensada em vinil. Da abertura da faixa-título, com o som de chuva e sinos, até o último acorde de "Warning", tínhamos um festival de acordes tonitroantes, vocais ensandecidos e ritmo pulsante. Os temas abordados — missas negras, encontros com Lúcifer e predições catastróficas — eram frutos, principalmente, da leitura exaustiva das obras do inglês Dennis Wheatley. Três músicas deste LP, ao menos, ficariam marcadas para sempre na história do heavy: a já citada "Black Sabbath", "The Wizard" e "N.I.B.". Junto a "Behind The Walls Of Sleep" (inspirada num livro de H.P. Lovecraft), "Evil Woman, Don't Play Your Games With Me", "Sleeping Village", "Warning" e, em algumas edições, a faixa-extra "Wicked World" (lançada no mês anterior como o primeiro compacto da banda), formam um álbum fundamental e precursor do que se viria a fazer em termos de rock pesado.

Com sua sonoridade única, o heavy do Black Sabbath não nasceu de nenhum desdobramento de outro gênero, mas surgiu num rompante de ousadia de quatro músicos moldados pelas dificuldades e pela revolta contra o *establishment* "bicho-grilo". Enquanto o rock progressivo promovia viagens por paisagens idílicas, o Black Sabbath oferecia uma passagem sem volta ao inferno. Nesse contexto, a banda viveria momentos de glória até 75, com o lançamento de seu sexto Lp, *Sabotage*. Depois entrou em lento processo de decadência, movido por batalhas egocêntricas.

No entanto, o grupo permanece como um dos mais subestimados de todos os tempos. É bem verdade que o heavy tem uma incrível facilidade em gerar mediocridades, dando farta munição para os detratores do gênero. Mas é inadmissível que a importância do Black Sabbath ainda seja posta em dúvida no momento em que algumas das mais conceituadas bandas da atualidade — como o Faith No More e o Soundgarden — se declaram tão influenciadas por seu som.

ANDRÉ BARCINSKI

A LÍNGUA DO BON JOVI NÃO É MAIS A MESMA.



No Álbum Especial Letras Traduzidas, Jon Bon Jovi está falando em português: suas canções estão todas em nossa língua, pra você entender tudo. E poder curtir melhor seu idolo e o que ele tem a dizer.
Álbum Bon Jovi: o que ele canta, você vai tirar de letra.

LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ
ALBUM ESPECIAL

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

SCORPIONS
CRAZY WORLD

CRAZY WORLD deu a volta ao mundo e chegou ao Brasil com força total. *Wind of Change* invadiu as rádios dos quatro cantos do país e não deixou dúvidas: todo mundo gosta do SCORPIONS - pode perguntar pra sua mãe!

Em LP, K7 e CD.
PolyGram